

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MAÍSA STEFANI SOARES

**CURSINHO POPULAR DA UNESP DE FRANCA: VIVÊNCIAS E
PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES TRABALHADORES**

**SÃO CARLOS-SP
2019**

MAÍSA STEFANI SOARES

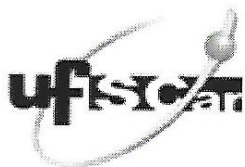
CURSINHO POPULAR DA UNESP DE FRANCA: VIVÊNCIAS E PERSPECTIVAS
DE ESTUDANTES TRABALHADORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, para realização do Exame de Defesa, requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História, Filosofia e Sociologia da Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Roseli Esquerdo Lopes

SÃO CARLOS-SP
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Maísa Stefani Soares, realizada em 28/02/2019:

Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes
UFSCar

Prof. Dr. Marcos Antônio Gigante
UNICEP

Prof. Dr. Amarilio Ferreira Junior
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Amarilio Ferreira Junior e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes

Dedico esta dissertação a todos aqueles que participaram do S.E.U. como membros ou como alunos. Que sejamos sempre resistência!

AGRADECIMENTOS

São inúmeras as pessoas às quais gostaria de agradecer imensamente por partilharem da minha jornada até me tornar Mestre em Educação. Eu dedico todo o meu amor e meus agradecimentos a minha família, ao meu pai Geraldo Magela (Catito), por ter me apoiado em todos os momentos, ter sido meu melhor amigo e maior incentivador. Minha mãe Tânia, pelo carinho, amor e acolhimento que somente ela poderia me proporcionar. Ao meu irmão Nathan e minha cunhada Eloane, por terem me dado meu maior presente: minha sobrinha Maria Joana.

À minha orientadora, Roseli. Como excelente profissional, amorosa e carinhosa que com toda paciência me acompanhou em todos os processos da pesquisa, mesmo nas horas mais difíceis. Aos membros da banca Prof. Amárico e Prof. Gigante. pelas correções e pela troca de saberes tão importantes.

Às minhas amigas preciosas Vanessa e Stefania, companheiras de mestrado e de vida, meu profundo agradecimento a vocês. Ao Bruno e ao André, por serem especiais como vocês foram, por terem me dado apoio na escrita. À Tati e à Carlismari, por serem sempre uma inspiração. Ao Lulu, por sempre ser minha fortaleza.

Aos meus amigos preciosos, Hugo, Marina, Larissa, Maria Helena, Vinicius e Ana Luíza, vocês representam uma força para mim.

Aos meus companheiros e melhores amigos de Unesp: Laís, Leonardo, Gabriela e Júlio. Saudade de vocês, obrigada pela caminhada!

Aos educadores da E.E. Prof. Ângelo Gosuen, eu agradeço por me inspirarem sempre, sou fruto da educação de vocês. Aos educadores da E.E. Prof. José Carlos Donadeli Panice, porque me acolheram e me ensinaram a amar ainda mais a educação.

Ao Cursinho S.E.U. meu eterno obrigado, por ter me formado como professora, pesquisadora e como pessoa. Aos meus alunos do S.E.U. e meus companheiros de luta! Como sou grata a vocês por isso. Esse trabalho todo foi por vocês, para vocês!

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

E por fim, aos meus protagonistas, sem vocês minha pesquisa não existiria, com todo amor e respeito: Leonardo, Moreno, Diego, Gabriela, Geovane e Aurélia. Todo amor e gratidão do mundo por vocês! Espero ter honrado as suas respectivas histórias.

RESUMO

O Cursinho Popular da Unesp – S.E.U. (Serviço de Extensão Universitária) é um cursinho pré-vestibular popular, localizado no município de Franca-SP. Fundado em 1997, atende alunos socioeconomicamente carentes da cidade e da região. Franca-SP é uma cidade conhecida nacionalmente como polo da produção de calçados masculinos, devido ao crescimento da indústria calçadista que, até hoje, é sua principal fonte de renda. Nesse sentido, houve um processo de terceirização que acometeu essa indústria na década de 1990. Foi quando as chamadas bancas de pesponto se expandiram e dominaram os quintais e as garagens das famílias francanas. Por conseguinte, essa prestação de serviços pelas bancas desenvolveu um trabalho que permeia por condições insalubres, nas bancas podemos ver a situação de desvalorização do trabalho das mulheres e a existência do trabalho infantil. O trabalho infantil é encarado como uma ajuda na produção e é considerado uma forma de educar as crianças. Esse contexto faz parte da trajetória de algumas juventudes presentes em Franca-SP, inclusive, os jovens que fizeram ou fazem parte do S.E.U.. Esta dissertação teve como objetivo construir narrativas de ex-alunos do S.E.U., com raízes na metodologia da história oral e em outros métodos de coleta de informações. Foram expostas narrativas de vivências pelas quais jovens inseridos em cenários de vulnerabilidade social são submetidos, sendo esses jovens frutos do contexto trabalhista da cidade. Com a análise e a discussão dessas fontes, foi possível concluir sobre a importância da existência de espaços e iniciativas como o S.E.U., que promovem a possibilidade de acesso ao Ensino Superior por jovens da classe popular.

Palavras-chaves: Juventudes. Educação Superior. Cursinho Popular. Franca-SP. História Oral.

ABSTRACT

The “Cursinho Popular da Unesp – S.E.U (University Extension Service)” is a popular pre-university preparatory course, located at the city of Franca-SP. Founded in 1997, it serves socioeconomically disadvantaged students from the city and region. Franca-SP is a city nationally known as the pole of men’s shoe production, due to the growth of the footwear industry that until this day remains its main income source. Therefore, there was an intense outsourcing process that affected this industry by the 1990s. That was when the so-called “bancas de pesponto” - small home-based factories - had their expansion and dominated the Franca’s families backyards and garages. Consequently, this provision of service through the “bancas” has developed an environment permeated with unhealthy conditions, where it is possible to observe the devaluation of women’s work and the existence of child labor. Child labor is seen as an assistance to the production and it’s considered a way of educating children. This context is a common part of the city’s youth path, including the young people who were or are still part of the S.E.U. project. The main objective of this dissertation is to build S.E.U. alumni narratives based on the oral history methodology and on diverse methods of collecting information. In this work, there are six stories from alumni who participated in the project from 2013 to 2016, years in which I was a coordinator and student-teacher on the project. Those students memories were collected through conversations, recordings, and readings that served as research methods. Thus, it's possible to conclude the importance of spaces such as the S.E.U., which promotes the possibility of accessing Higher Education institutions to the most popular classes. It also exposes the experiences that those socially vulnerable groups have been submitted to, and how they are the results of the city's labor context.

Key words: Youth. Higher education. Popular pre-university preparatory. Franca-SP. Oral History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. FRANCA E A VITRINE DA INDÚSTRIA CALÇADISTA: ENTRE GARAGENS E QUINTAIS	18
1.1 O trabalho das mulheres	22
1.2 O trabalho infantil	23
1.3 As juventudes	27
1.4. As juventudes francanas: o perfil dos jovens do S.E.U.	30
2. OS RECURSOS METODOLÓGICOS: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	33
2.1 A memória e a História Oral	33
2.2. Seleção dos sujeitos da pesquisa: dados estatísticos das aprovações do S.E.U.....	39
2.3 A construção das narrativas: descrevendo os passos da pesquisa	43
2.4. O resgate das memórias	45
3. A MEMÓRIA E A NARRATIVA: HISTÓRIAS DE EX-ESTUDANTES DO S.E.U.	48
3.1 O sapato e a privação de liberdade	48
3.2 O menino, a bicicleta e a banca de pesponto	58
3.3 A memória de quem nunca se identificou com a fábrica	66
3.4 As linhas de pesponto, a laranja e a busca por identidades	72
3.5. A menina e seus cabelos: uma construção de realidades.....	80
3.6. Os espaços acolhedores: o silêncio de quem tem muito a dizer.....	88
CONCLUSÕES	94
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A	105
APÊNDICE B	113
APÊNDICE C	120
APÊNDICE D	126
APÊNDICE E	134
APÊNDICE F	140

INTRODUÇÃO

Os cursinhos populares são parte de um contingente grande de propostas voltadas à educação como forma de inclusão. Partem de uma iniciativa popular e são cursos pré-vestibulares voltados a grupos vulneráveis da sociedade.

Considerando que parte da população não está inserida no Ensino Superior, esses cursinhos são uma importante via de estudo das desigualdades sociais e das condições de entrada e permanência de uma classe popular na universidade.

Um cursinho considerado como “popular” nem sempre possui total gratuidade e atende somente um público específico. Sendo assim, em síntese, são considerados populares porque são cursinhos que se diferenciam, de alguma forma, do modelo de curso pré-vestibular oferecido pelo setor privado e que visa exclusivamente ao lucro. Por exemplo, cito o Cursinho da Poli que, apesar de ser uma empresa, constituiu-se como um dos cursinhos que partilhou da luta pela inserção da classe trabalhadora no Ensino Superior e é um referencial em relação ao surgimento do movimento dos cursinhos populares no estado de São Paulo.

No ano de 1910 foram instituídos os Exames de Admissão do Ensino Superior no Brasil que, em 1915, receberam o título de Exames Vestibulares. Na década de 1920, o número de candidatos ultrapassou o número de vagas nas universidades, criando uma relação de competição pelas vagas oferecidas. Os vestibulares passaram a funcionar como o método de seleção para entrada dos candidatos no Ensino Superior (WHITAKER, 2010).

Como expõe Whitaker (2010), a partir disso, houve a necessidade de preparação dos candidatos para o ingresso nas universidades. Com um número pequeno de alunos foram criados cursos preparatórios que, inicialmente, funcionavam em estruturas simples e de forma modesta. Estes cursinhos eram específicos para cada área de conhecimento, sendo elas: Biológicas, Exatas e Humanas, eles preparavam os alunos para os vestibulares dos cursos de Direito, Medicina e Filosofia.

Na década de 1970, constituiu-se o modelo das redes empresariais de cursinhos pré-vestibulares, no qual se estabeleceu um grande direcionamento à obtenção de lucro, com a criação de modelos de grandes cursinhos preparatórios para os vestibulares. Os cursinhos passaram a funcionar como uma etapa necessária à entrada na universidade, portanto, se transformaram em grandes empresas que começaram a lucrar com a preparação dos candidatos para as provas das principais universidades do estado de São Paulo (WHITAKER, 2010).

Apesar da expansão dos cursinhos populares ocorrer entre as décadas de 1960 e 1970, os primeiros cursinhos populares surgiram anteriormente, na década de 1950, em São Paulo (Cursinho da Poli) e em São Carlos (Cursinho do CAASO- Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira). O número de cursinhos na década de 1950 ainda era pequeno, somente nas décadas seguintes, no contexto do Regime Militar (1964-1985), o movimento dos cursinhos populares se expandiu. Castro (2005) aponta que no período da Ditadura Militar, como parte da resistência ao regime, vários cursinhos foram formados pelos estudantes das universidades e houve uma significativa contribuição à identidade dos cursinhos populares.

Contudo, somente em 1970 foram instituídas às oposições de base social mais forte ao regime autoritário cuja organização foi feita pela JUC (Juventude Universitária Católica) e pela JOC (Juventude Operária Católica). Eram grupos que se embasavam em algumas teorias, dentre elas, a ideologia da Teologia da Libertação e a prática educacional popular de Paulo Freire, influenciando muito nos pressupostos pedagógicos e ideológicos no processo de expansão dos cursinhos populares (CASTRO, 2005).

No Regime Militar, como aponta Germano (1993), durante os 21 anos de ditadura, o Estado investiu primordialmente no setor econômico e em ações repressivas. Ao mesmo tempo em que utilizou ações educativas como uma estratégia de hegemonia, não cumpriu uma das funções básicas do Estado capitalista em relação à política social: a educação básica. Sendo assim, o Brasil possuía um alto grau de analfabetismo e baixo percentual de escolarização da população economicamente ativa, “a política educacional pós-64 contribuiu para exclusão social das classes populares ou classes subalternas” (GERMANO, 1993, p. 22).

Embora iniciada na década de 1960, os cursinhos populares obtiveram uma grande expansão na década de 1970, isto é, na mesma época na qual se firmaram os Diretórios Acadêmicos das universidades, que passaram a criar cursinhos de baixo custo ou gratuitos, nos quais os próprios estudantes da graduação lecionavam (WHITAKER, 2010).

Em 1978 foi fundada a Universidade Estadual Paulista (UNESP) com a incorporação de diversas unidades universitárias do interior de São Paulo e, no final de 1980 e início de 1990, a universidade passou por um período de expansão. Com a expansão da universidade

em diversas cidades do interior de São Paulo, vários grupos isolados formaram os chamados cursinhos populares da UNESP, que se formaram na década de 1990 (UNESP, 2018).¹

Em 1997 na cidade de Franca-SP, os alunos da graduação e pós-graduação da Faculdade de Ciências Humanas da UNESP criaram um grupo de estudos com o objetivo de inserir os filhos dos funcionários da unidade no Ensino Superior. As aulas funcionavam de modo informal e eram organizadas pelos próprios alunos, não possuindo uma identidade de cursinho pré-vestibular e se assemelhando mais a um grupo de estudos que visava o apoio aos filhos dos trabalhadores do campus. Posteriormente se transformou em um cursinho pré-vestibular, recebendo o nome de Cursinho S.E.U. (Serviço de Extensão Universitária)

O Cursinho Popular da Unesp de Franca – S.E.U. é um cursinho pré-vestibular popular localizado na cidade de Franca- SP. É considerado como uma extensão universitária da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) vinculada à Universidade Estadual Paulista (UNESP). Caracteriza-se como um cursinho pré-vestibular popular voltado à população socioeconomicamente carente da cidade e da região.

Refiro-me aos estudantes como socioeconomicamente carentes, pois os estudantes que frequentam o S.E.U. passam por um processo seletivo, no qual é realizado uma análise socioeconômica. Esse procedimento é organizado por um grupo de extensão universitária da Unesp de Franca, composto apenas por estudantes do curso de Serviço Social. O grupo intitulado PET-SS (Programa de Educação Tutorial – Serviço Social) tem uma parceria com o S.E.U e realiza todos os anos, a 2ª fase do processo seletivo, que corresponde à análise socioeconômica que seleciona esses futuros alunos do cursinho.

O procedimento é supervisionado por assistentes sociais e recolhe dados dos candidatos, estabelecendo o perfil socioeconômico dos candidatos às vagas. O termo “socioeconomicamente carente” refere-se ao perfil socioeconômico do cursinho. É um processo seletivo socioeconômico pautado por pesquisas realizadas durante o ano letivo, sendo organizado exclusivamente para o S.E.U.. Os dados recolhidos são utilizados para as pesquisas desenvolvidas pelo grupo sobre a associação do Serviço Social com a Educação e servem de apoio ao estudo dos grupos sociais que compõem o cursinho S.E.U..

¹ A UNESP (Universidade Estadual Paulista) foi criada em 1976 com a incorporação dos Institutos Isolados do Ensino Superior, contudo, na década de 1980 ela passou por algumas modificações, entrando em regimento um novo Estatuto, assinado em 1989. No período de democratização brasileira, a Unesp passou pela período de expansão, no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, a universidade passou a incorporar várias faculdades localizadas no interior paulista (UNESP, 2018). Disponível em: <http://www.unesp.br/apresentacao/historico.php>. Acesso em: 03 de set. 2018.

São 70 membros vinculados ao projeto, sendo alunos da graduação e pós-graduação da UNESP de Franca. Também participam estudantes de outras universidades e moradores da região, desenvolvendo a função de professores, monitores ou coordenadores do S.E.U.. O cursinho é parte do projeto de extensão da PROEX-Unesp (Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UNESP) que financia bolsas que são distribuídas aos oito coordenadores responsáveis pela coordenação discente. Os outros 62 membros, incluindo professores e monitores, são voluntários ao projeto.

Do ano de 2013 até o ano de 2016 a maioria dos alunos do S.E.U., sobretudo do período noturno, possuía o seguinte perfil: alunos advindos de escola pública, que haviam recém-concluído o Ensino Médio em escolas situadas nas periferias da cidade. Entre estes estudantes, mais da metade trabalhava em bancas de pesponto, constituídas no seu próprio ambiente familiar. Não possuíam salários fixos e nem registro em carteira de trabalho. Portanto, parte do trabalho realizado por jovens entre 17 a 19 anos era vinculado à produção informal de calçados na cidade.²

O S.E.U. possui um Projeto Político Pedagógico com prerrogativas que se situam em sua função social e pedagógica. Desenvolve um trabalho que não se finda somente em conteúdos dos vestibulares e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Busca promover uma educação crítica e informativa, debatendo assuntos relacionados aos conteúdos, estimulando a relação entre professores, coordenadores e alunos, construindo uma gestão democrática de ensino.

A questão social é uma das direções seguidas pelo Plano Político Pedagógico do S.E.U.. Ao buscar a inserção de grupos em vulnerabilidade social, a instituição visa corroborar com ideal de construir uma Educação Superior mais democrática. Esse foco se relaciona com a inclusão dos trabalhadores na universidade, portanto, é um cursinho pré-vestibular popular. Os conteúdos são vinculados aos processos seletivos das universidades, sobretudo as universidades públicas do país. Contudo, a exposição desses conteúdos é associada à elaboração de uma aprendizagem diversificada, que aborda também temas políticos e sociais e visa à participação crítica dos alunos.

O S.E.U. incentiva a participação ativa dos alunos, proporcionando o diálogo entres os presentes no espaço. Delimita suas propostas pedagógicas através de discussões teóricas e

² Dados obtidos através dos arquivos do Cursinho S.E.U., do qual participei como coordenadora no período citado. Referem-se aos anos de 2013 até o primeiro semestre de 2016. Esses dados se referem aos estudantes entre 17 a 19 anos, pois são estes que trabalham no ambiente familiar e de modo informal. O Cursinho Popular da Unesp, abrange ainda outras faixas etárias e outros perfis de estudantes, que em síntese, seguem o perfil geral: são advindos de escolas públicas e são trabalhadores.

práticas. São realizadas reuniões pedagógicas, assembleias, aulas com debates e votações, buscando uma gestão democrática e passível de mudanças de acordo com suas demandas e contextos sociais.

Na cidade, o S.E.U. não é o único cursinho popular existente. São três cursinhos contando com o S.E.U; o Cursinho Popular do Champagnat vinculado à Prefeitura Municipal de Franca e o IPRA – Ponto de Cultura.

O cursinho popular vinculado à Prefeitura Municipal parte de uma iniciativa pública local para incentivar os discentes de cursos de licenciatura, incluindo universidades públicas e privadas, oferecendo uma bolsa aos alunos das licenciaturas para estagiar lecionando no cursinho. Esse projeto faz parte do “Programa Cursinhos Populares” e foi iniciado no de 2014.³

O Cursinho Popular “Caio Prado Junior”, vinculado ao Instituto Práxis de Educação e Cultura, é um cursinho de iniciativa popular que oferece seu serviço a baixo custo para a população. Também se define como um cursinho popular, pois entre suas percepções promove a relação comunidade e universidade.⁴

Embora existam três cursinhos populares na cidade, estes encontram problemas parecidos em relação à quantidade de vagas oferecidas. O funcionamento na cidade e se associa com a questão da evasão dos alunos, com a rotatividade dos mesmos e até ao acesso da população em relação à categoria pré-vestibular.

Apesar de ser uma categoria de ensino muito específica, como o pré-vestibular, esses cursinhos oferecem outras atividades, como cursos mais curtos, eventos abertos para população, discussão e participação política na cidade, dentre outras atividades. O S.E.U. em conjunto com o IPRA, já realizou fóruns, palestras e simulados abertos para a comunidade.

O S.E.U. realiza todos os anos o processo seletivo para a entrada dos alunos cujo número de inscrições é limitado. Nos anos de 2013 a 2016 foram liberadas apenas 1.200 inscrições, sendo que dessas 1.200 pessoas inscritas, somente a metade (600 inscrições) é

³Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/administracao-municipal/administracao-direta/educacao/acesso-a-educacao/cursinho-popular/sobre-cursinhos-populares>. Acesso em: 03 de set. de 2018.

⁴Disponível em: <https://www.institutopraxis.org.br/cursinhocaiopradojr>. Acesso em: 05 de set. de 2018.

aprovada para a análise socioeconômica⁵. Das 600 pessoas aprovadas para análise, são classificados para as vagas 60 pessoas no período Diurno e 60 pessoas no período Noturno.⁶

Mesmo que seja um micro espaço, dentro dessas possibilidades, o S.E.U. promove um trabalho importante no município. Um cursinho popular localizado em uma cidade operária como Franca-SP tem um papel relevante em sua estrutura. A produção na cidade possui uma face de exploração do trabalhador. Esses trabalhadores compõem um grupo social presente no S.E.U. que lida diariamente com esse contexto das indústrias calçadistas e das vivências de seus trabalhadores.

A cidade de Franca-SP é conhecida como um polo nacional dos calçados. A região é renomada pela produção de sapatos masculinos em alta escala. Seu crescimento se deu a partir da década 1990, na qual a cidade passou a produzir em maior número e expandiu o comércio de sapatos masculinos. Entretanto, ao aumentar a produção, o município desenvolveu um tipo de terceirização do trabalho muito específico, repassando serviços para as chamadas *bancas de pesponto*⁷ que funcionam formalmente e informalmente nas periferias da cidade.

Esse modo de produzir desenvolveu um campo de trabalho e uma cultura operária que se enraizou na população da cidade que passou a viver envolta à estrutura que o setor calçadista delimitou. Sendo assim, as crianças e os jovens crescem e são educados através de uma perspectiva centralizada no trabalho. Nas bancas de pesponto da cidade, o trabalho é formado pela estrutura familiar. Esse trabalho reside nas casas dos trabalhadores que prestam esse serviço. Toda a família participa das atividades de trabalho nessas bancas, criando uma rotina familiar. Elas se transformam em grandes reguladoras dos horários, das vivências e até mesmo das perspectivas de futuro da família francana (NAVARRO, 1999; LOURENÇO, 2003; TOSI, 1998; REZENDE, 2006).

Parte dos alunos do S.E.U. são jovens que participam dessa estrutura produtiva. São jovens que cresceram com uma educação voltada ao trabalho. Uma juventude trabalhadora que cresceu com o peso da sua condição social. Com estrutura de trabalho responsável por

⁵ Os dados dos processos seletivos podem ser consultados pelo endereço eletrônico do S.E.U.. Disponível em: <http://cursinhodaunesp-franca.blogspot.com/>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

⁶ Dados do ano de 2016. Nos anos de 2013, 2012, 2014 e 2015, o cursinho oferecia 120 vagas nos dois períodos, mas com a mudança da sede do cursinho, o que acarretou na perda do prédio sede do S.E.U., o cursinho passou a ocupar uma única sala no campus da Unesp de Franca, sendo assim, as vagas a partir do ano de 2016 foram diminuídas pela metade.

⁷“Banca” é o mesmo que uma pequena fábrica que, na maioria das vezes, é localizada dentro das residências dos trabalhadores, podendo também estar localizadas em outros lugares. Nem todas são informais, mas a maior parte presta serviços na informalidade. Pesponto é um tipo de costura, o “pespontador” é o trabalhador que realiza esse serviço, são chamadas de “banca de pesponto”, mas podem realizar outros serviços, como colagem, finalização e corte, dentre outras funções.

formular e estabelecer suas trajetórias de vida que, além de viverem limitados pelo trabalho, também delimitam suas perspectivas futuras por um contexto vinculado ao setor calçadista.

Entre os anos de 2013 e 2016, quando estava na graduação em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, fui professora e coordenadora do cursinho. O percurso e a escolha de participar do projeto como coordenadora e professora não se sucedeu apenas em atividades complementares do curso de História. Essa escolha partiu por ser uma jovem que também compõe à juventude trabalhadora da cidade de Franca-SP e que no ano de 2011, também participou do cursinho como aluna, entrando na universidade como discente no ano de 2013.

Partindo desse conhecimento sobre o projeto e a proximidade entre compor uma classe de trabalhadores jovens a qual estou imbricada, o cursinho como um objeto de estudos passou a ser uma proposta interessante. Por vivências e questionamentos pessoais, mas também por considerar o espaço como um local que possui histórias que poderiam ser convertidas em narrativas importantes no contexto da juventude trabalhadora.

Em 2016 produzi um trabalho que introduziu uma discussão bem inicial sobre a relação entre o trabalho e a escola em Franca-SP que, posteriormente foi reelaborada e culminou na primeira versão do pré-projeto de mestrado.⁸ Organizei e analisei os dados que eu mesma produzi nos anos em que estive presente como coordenadora (2013-2016), convertendo-os em dados para a realização da pesquisa.

Nesse sentido o S.E.U. se transformou em um objeto de pesquisa. Por ser parte uma proposta importante de cursos pré-vestibulares que colaboram para a democratização da universidade. Também por ser um local no qual esses jovens trabalhadores são presentes. Esses jovens são frutos de um contexto de trabalho característico do município e cabem na análise do trabalho e da escolaridade.

O S.E.U. possui um horizonte de histórias e vivências que esclarecem uma conjuntura de Franca-SP. Por isso, optei por representá-las através da construção de narrativas. Como historiadora, esse exercício teve raízes e inspirações no método de produção da História Oral. Sendo assim, na dissertação apresentada, relatei seis histórias de jovens que são ex-alunos do S.E.U. no período de 2013 a 2016, anos nos quais estive presente como coordenadora e professora.

⁸ Trabalho apresentado no SIPPEDES (Seminário Internacional de Políticas Públicas) do Departamento de Pós-graduação em Políticas Públicas da UNESP de Franca (FCHS- Unesp). Disponível em: <<https://www.franca.unesp.br/#!/pos-graduacao/pp/eventos/i-sippedes/>>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

Não chamo de entrevistas e sim narrativas, pois foram construídas ao longo de dois anos de realização do Mestrado, se modificaram em várias versões com diversas formas de coletas de informações, desde a apresentação e conversas, a gravação com perguntas, a transcrição e leitura dessas histórias até o encontro final. Construímos as narrativas, eu e eles, em conjunto, respeitando as mudanças, os resgates de memória e as escolhas pessoais. Esses seis jovens foram colaboradores dessa dissertação.

A exposição das narrativas definiu problemáticas que cercearam questões envoltas à consideração das juventudes existentes na cidade e como esse conceito pode ser associado com as classes sociais; a acessibilidade e culturas dos bairros operários; as diferentes faces da educação, na associação entre as escolas públicas que compõem diferentes bairros; a mobilidade dos jovens e suas composições de espaço, propondo assim uma geografia social e uma análise acerca das relações entre centro e periferia; o papel dos cursinhos populares frente à luta pela igualdade na educação; o acesso à universidade, cursinhos como o S.E.U. e sua relação com as políticas de ações afirmativas; os grupos excluídos da sociedade, como o debate da questão racial e as políticas voltadas aos grupos LGBT. Todos esses temas foram expostos à medida que apareciam com a intensidade nas histórias.

O primeiro capítulo intitulado *“Franca e a vitrine da indústria calçadista: entre garagens e quintais”* teve como objetivo a exposição de conceitos importantes do contexto de Franca-SP. Desde o início da produção calçadista até o desenvolvimento da mesma nos dias atuais. Com a elucidação acerca do processo de estruturação que o setor calçadista sofreu na década de 1990, quando surgiram as bancas de pesponto por meio da terceirização dos serviços. Também foram abordadas as formas de funcionamento de uma banca de pesponto, como sua estrutura em âmbito familiar, a constituição de seus funcionários e a forma como organizam a produção. Neste capítulo são apontadas algumas prerrogativas importantes, como trabalho feminino e infantil na indústria calçadista, além dos apontamentos sobre as juventudes no município.

O segundo capítulo *“Os recursos metodológicos: construindo as narrativas”* teve como objetivo o esclarecimento sobre a metodologia utilizada na pesquisa. Partindo da síntese sobre a história oral como método e das teorias da memória como suporte para a construção das narrativas. Nesse sentido, são expostos os dados produzidos no que tange à aprovação de ex-alunos do S.E.U. nas universidades, fazendo uma exposição sobre os principais cursos e universidade que foram escolhidas por eles. Desta maneira, foi possível traçar um parâmetro social sobre os estudantes, que posteriormente auxiliou na escolha dos sujeitos da pesquisa.

No terceiro e último capítulo, cujo título é “*A memória e a narrativa: histórias de ex-estudantes do S.E.U.*” foram expostas as narrativas dos participantes. Constituem-se de entrevistas de seis ex-alunos do cursinho, entre 20 e 25 anos de idade. Cada um deles possuindo histórias com semelhanças entre si, mas que retratam algumas realidades que se diferem, mesmo sendo jovens em uma mesma classe social.

As memórias dos jovens trabalhadores foram lembranças importantes para formular seus pensamentos e construir suas escolhas, as oportunidades, o acesso à informação e a limitação dos espaços foram elementos que se destacaram. A mobilidade dos jovens, sobretudo na relação ao direito de ir e vir, na ocupação de espaços como shoppings, teatros, entre outros formou uma juventude que dimensiona a relação entre centro e periferia.

Esse último capítulo, além de expor os dados coletados também se propõe a construir uma história da juventude, contada através da historicidade presente nas falas, gestos e pensamentos da juventude francana que foi representada por Aurélia, Diego, Gabriela, Geovane, Leonardo e Moreno.

1. FRANCA E A VITRINE DA INDÚSTRIA CALÇADISTA: ENTRE GARAGENS E QUINTAIS

Inicialmente, a produção de calçados no interior paulista atendia o mercado local e era inteiramente de produção artesanal. Era feita através de um sistema simples de produção e realizado por um número pequeno de trabalhadores. Com o crescimento do setor cafeeiro e também das indústrias relacionadas à confecção de sapatos, a produção passou a ser direcionada ao mercado externo e, como consequência, a produção calçadista e curtumeira passaram a se caracterizar como produção fabril (MALATIAN, 1996).

Segundo Barbosa (2003), o estabelecimento das empresas em Franca-SP não se sucedeu através da instalação de grandes empreendimentos, mas sim de uma evolução e crescimento de fábricas de pequeno porte. Somente após a década de 1940, as empresas de calçados de grande porte se desenvolveram; em 1945 a cidade possuía cinco empresas de grande porte, quatro delas eram advindas do processo de produção artesanal, tendo suas origens no pequeno capital.

Até o ano de 1980, essas grandes empresas obtiveram crescimento no mercado, especializando seu trabalho e produzindo em níveis maiores, sem grandes desvios e obstáculos, até que o contexto político do país alterou a produção na cidade (BARBOSA, 2003).

No final da década de 1980 e início da década de 1990, com a crise econômica que acometeu o país e com o consequente arrocho salarial, o setor calçadista sofreu mudanças significativas e se reestruturou. O modo de produção que era fabril passou a ser realizado em domicílio, em bancas de pesponto ou de corte, contribuindo assim para um menor custo na produção e para flexibilizar e precarizar o trabalho (NAVARRO, 2003).

A flexibilização que ocorreu no início da década de 1990 foi um processo que se desenvolveu para baratear os custos da produção dos calçados: quando o trabalho fabril foi transferido para o ambiente familiar, criou-se uma ideia de autonomia do trabalhador, na qual ele mesmo se torna dono do seu trabalho. Essa ideia acabou sendo difundida de geração em geração, pois a família inteira participa da produção.

Como aponta Navarro (2003), quantificar a existência das bancas não é uma tarefa simples, pois parte dessa produção sempre foi informal. Essas bancas existem nas garagens e quintais das casas dos trabalhadores, podem prestar serviços de colagem, de corte e de pesponto. Também sofrem variações em níveis de produção mecanizada, haja vista que podem ser simples; apenas com trabalhadores manuais, ou mais mecanizadas com máquinas

especializadas. Elas são formais, registradas e até contratam outros trabalhadores, mas também existe um número grande de bancas informais. Prestam serviços combinados verbalmente e repassam sua produção de acordo com a necessidade. Essa informalidade e a existência do trabalho no ambiente familiar são motivos que colaboram para que seja difícil quantificar bancas existentes na cidade. Também não há fiscalizações efetivas sobre esses serviços informais.

Navarro (2003) ressalta que devido à falta de fiscalização, os trabalhadores são expostos a uma jornada de trabalho exaustiva em ambientes insalubres, o que causa o adoecimento do trabalhador em longo prazo. A informalidade ocasiona o trabalho em condições muito precárias para o trabalhador, facilitando a flexibilidade da produção e proporcionando a ausência de direitos trabalhistas.

As bancas são autônomas em seus serviços. Contudo, trabalhador não se torna dono do seu trabalho, na realidade ele fica subordinado aos serviços das grandes fábricas e da flutuação do mercado. Como as “fabriquetas” são autônomas e cuidam de parte da produção, elas são contratadas e prestam seus serviços de forma independente. Isso quer dizer que elas produzem o quanto acham que conseguem produzir em um determinado tempo, não importando as condições desse trabalho, mas cumprindo os prazos e as demandas advindas das grandes fábricas.

As grandes empresas pagam o preço das peças produzidas e não precisam se preocupar com o trabalhador, somente com a produção e com os lucros obtidos. Todo esse sistema de produção ocasionou um tipo subcontratação do trabalho. Mesmo funcionando como pequenas fábricas em domicílio, o trabalho não fica somente no âmbito da estrutura familiar, pois os proprietários dessas bancas contratam outros trabalhadores, assim estabelecendo um sistema de subcontratações e terceirizações do trabalho, como expõe Navarro (2003).

Entre os banqueiros, há diversidade de formas de relacionamento com as indústrias contratantes, no número de empregados contratados e nas instalações onde o trabalho é realizado: existe desde aquele pequeno banqueiro que realiza o trabalho de pesponto em sua casa com uma ou mais pessoas de sua família até o grande banqueiro que dispõe de instalações onde trabalham de 20 a 50 funcionários subcontratados (NAVARRO, 2003, p. 25).

Em síntese, os proprietários das pequenas fábricas vendem sua força de trabalho para as grandes empresas e também se apropriam da força de trabalho de outros indivíduos para

conseguir produzir. Os chamados “banqueiros”⁹ também trabalham em condições insalubres, assim como os seus funcionários. A diferença é que no âmbito social eles não são mais operários controlados inteiramente pelas fábricas, mas tornaram-se proprietários e prestam serviços terceirizados. Em uma hierarquia entre explorados, o banqueiro, em teoria, possui a ideia de autonomia e controle da sua produção.

Desta forma, criou-se um sistema de produção que fez com que trabalhador passasse de uma condição fabril controlada para uma condição de “proprietário”. Sendo assim, foi possível aumentar a produção sem a preocupação direta com o trabalhador, pois ele passou a controlar sua própria produção e a negociar o valor do seu trabalho. Mas afinal, quem são esses banqueiros? São proprietários e autônomos?

Como expõe Rezende (2006), a partir da década de 1980, as fábricas de grande porte deixaram de manter vínculos empregatícios em algumas funções, como por exemplo, a função das costureiras manuais. Esse fato desencadeou uma rede de interações de serviços. As fábricas passaram a terceirizar cada vez mais algumas funções, que eram repassadas aos indivíduos intermediários. Eles pegavam esses trabalhos e depois distribuíam o serviço para as costureiras autônomas, que eram mulheres que faziam a costura.

Como essa demanda de produção era grande, essas costureiras repassavam parte da sua própria produção para outras costureiras, garantindo também uma margem de lucro ao repassar parte de sua produção. Essa prática também foi adotada pelas pequenas fábricas, posteriormente. O intermediário repassava o serviço em menor preço para garantir uma margem de lucro e, frequentemente, as próprias costureiras também se apropriavam da prática (REZENDE, 2006).

Tal processo foi extremamente complexo, visto que, frequentemente, trabalhadores passaram a explorar trabalhadores por meio de uma prática, segundo a qual, uma costureira pegava uma quantidade de sapatos maior do que era capaz de costurar e repassava para alguma colega por um preço inferior ao qual estava recebendo, constituindo-se assim em uma forma de se apropriar de parte do tempo de trabalho da outra costureira. Ao mesmo tempo, ambas tinham parte de seu tempo de trabalho apropriado pelos capitalistas (REZENDE, 2006, p.85).

É de uma complexidade grande discutir a questão da exploração do trabalhador sobre outro trabalhador. Naturalmente quando falamos de uma apropriação da força de trabalho, a relação social proposta é sempre a relação direta desigual sobre patrão e empregado. Todavia,

⁹ A palavra “banqueiro” se refere ao dono da banca. Na cidade é comum identificá-los com essa nomenclatura.

à flexibilização do trabalho em Franca-SP ganhou proporções diversas, nas quais sistematicamente ocorreu uma rede hierárquica de exploração (REZENDE, 2008).

Esse trabalhador necessita de meios para obter sua renda. Ele trabalha de tal modo que consiga produzir cada vez mais, necessitando recorrer à apropriação do trabalho do outro. Possui uma visão de autonomia inexistente, pois deixou de trabalhar como um operário fabril, com uma jornada de determinadas horas diárias e com garantia de direitos trabalhistas, para trabalhar por horas intermináveis e sem garantia alguma. As instabilidades das micro e pequenas empresas francanas são frequentes, pois elas ficaram sujeitas à demanda de vendas, o que afetou diretamente na relação de empregos e desempregos na cidade (NAVARRO, 2003).

Segundo Barbosa (2016), as flutuações de empregos na cidade possuem uma variação em níveis exorbitantes, porque há uma impulsão de contratações em períodos como o fim de ano e uma alta taxa de demissões e desempregos logo após o encerramento das encomendas do período natalino. Para o autor, isso revela a estrutura econômica frágil dessas empresas que também influenciaram na remuneração do trabalhador; tendo em vista que em 2007, por exemplo, apenas $\frac{3}{4}$ do total de trabalhadores tinham a remuneração de até dois salários-mínimos, segundo os dados da pesquisa, esse número foi sofrendo decréscimo em relação aos últimos seis anos.

As bancas de pesponto são estruturas frágeis. São compostas, em sua maioria, pelos próprios membros da família que abriga o local de trabalho em domicílio. Não é incomum encontrar crianças desde muito novas desempenhando funções de trabalho, consideradas como “ajuda” ou brincadeira pelos adultos. Os idosos, mesmo aposentados também exercem funções. Dessa forma, todo o núcleo familiar participa da produção de sapatos (LOURENÇO, 2014).

Como expõe Barbosa (2003), Franca-SP ainda possui características manufatureiras. A produção nas bancas de pesponto não é amparada pela tecnologia, por máquinas computadorizadas e desenvolvimento industrial altamente tecnológico. Ela é manual e precária: os trabalhadores costuram, colam e finalizam sem a utilização de máquinas modernas. A informalidade presente oferece a possibilidade para a produção sem delimitação alguma e também para formar uma cultura familiar que perpassa os anos formando um ciclo. O trabalho em domicílio, uma característica pré-fabril, se mantém na cidade como forma dominante de produção até os dias atuais.

Metaforicamente, as bancas são as próprias famílias. Contratam outros trabalhadores, como vizinhos ou pessoas próximas, e são ajudados pelos seus dependentes, geralmente seus

filhos, sendo crianças, adolescentes ou idosos. Todos participam do processo cujo local de trabalho é a sua própria casa e o horário de serviço está diretamente associado à quantidade da produção. As condições são as possíveis e cabíveis dentro da estrutura social e financeira da família, por isso, a autonomia é teórica ou, no mínimo opressora para esses trabalhadores.

Esse contexto de trabalho produz uma ideia de centralidade na educação das crianças. Rezende (2006) observou que entre as operárias que participavam de sua pesquisa, o nível de escolaridade era baixo. A escola passou a desempenhar uma função secundária e até inexistência na vida dessas trabalhadoras. As mulheres possuem uma história de trabalho que, na cidade, demonstra a desvalorização e a apropriação do trabalho feminino.

1.1. O trabalho das mulheres

Na década de 1920, Franca-SP possuía a maior quantidade de estabelecimentos produtores de calçados do país. Destacava-se também no setor curtumeiro, possuindo uma das maiores empresas de curtume do estado de São Paulo. Como aponta Tosi (1998), em 1924, a empresa “Calçados Jaguar”, além de pioneira na mecanização da produção de sapatos, também foi precursora no emprego das mulheres no sistema de produção fabril. Dos 71 funcionários da fábrica, 24 eram mulheres.

As mulheres, além de pespontarem os sapatos, também tinham outras funções como a colagem e moldagem; no geral, eram responsáveis pelo serviço manual (TOSI, 1998). Rezende (2006) destaca que essas mulheres passaram a ter uma jornada dupla de trabalho, haja vista que desempenhavam funções domésticas paralelamente ao trabalho e ressalta a questão salarial, em que as mulheres realizavam as mesmas funções que os homens, porém recebiam salários inferiores.

É interessante observar que, além de ser pioneira na contratação de mulheres na produção fabril, a cidade também foi pioneira em uma das características que Antunes (2004) classifica como significativa no mundo do trabalho contemporâneo: a contratação das mulheres que, no capitalismo contemporâneo foi responsável por 40% da força de trabalho em países considerados avançados. De acordo com o autor, “os níveis de remuneração das mulheres são em média inferiores àqueles recebidos pelos trabalhadores, o mesmo ocorrendo com relação aos direitos sociais e do trabalho, que também são desiguais (ANTUNES, 2006, p. 338).

As mulheres desempenhavam funções como a de “pespontadeiras” e davam forma ao couro do sapato, ou seja, faziam a maior parte do trabalho manual e artesanal da produção (TOSI, 1998).

À medida que a função de pespontar passou a ser mais especializada, o trabalho passou a ser realizado por homens, portanto a questão de gênero na produção se adaptou as modificações. As mudanças no setor que culminaram na produção em domicílio exigiram menor qualificação, ou seja, as bancas passaram a desempenhar funções manuais que exigiam pouca especialização.

A história da função de pespontar é uma analogia à desvalorização do trabalho das mulheres, quase uma afronta à vitalidade dessas mães que deixaram seus direitos para conseguir criar seus filhos. O pesponto é o resumo da precariedade que a divisão sexual do trabalho pode proporcionar a uma trabalhadora.

A função de pespontar ainda aparece no cotidiano das mulheres, porém, não foge à regra da precariedade do trabalho. As pespontadeiras são parte desses grupos de trabalhadores que muitas vezes trabalham em locais improvisados, com máquinas antigas, sem segurança e sem direitos trabalhistas assegurados. Nas bancas o trabalho pode ser em jornadas muito longas e é somado ao trabalho doméstico, de responsabilidade exclusiva das mulheres. Elas cuidam da casa, da educação dos filhos e ainda são responsáveis pelos serviços da banca (PRAZERES, 2010).

Somadas a todas essas questões de insalubridade, a saúde das trabalhadoras é prejudicada física e mentalmente. São mulheres esgotadas, com altos graus de estresse em relação ao trabalho e à família. São machucadas, possuem cicatrizes, calos nas mãos, deixam sua vaidade de lado e passam a cuidar exclusivamente do trabalho e da família. São submetidas a um trabalho duplicado em relação aos homens. Logo após a jornada de trabalho nas bancas, elas limpam a casa, cuidam da alimentação da família, são responsáveis pela educação e higiene das crianças. Enfim, a mulher é precursora da família, é a peça fundamental para a manutenção e vida familiar, mas seu trabalho na banca tem preço menor, e seu trabalho doméstico é sem valor (PRAZERES, 2010).

Cabe as mães cuidarem de seus filhos, sozinhas ou não. Sempre as mães que além de coladeiras, dobradeiras, também são mães e domésticas. Assim também nasce uma parcela do trabalho que explora e a face extrema do capitalismo: o trabalho infantil.

1.2. O trabalho infantil

Lourenço (2014) localiza o trabalho infantil no âmbito familiar, a partir de uma pesquisa realizada em uma escola localizada no bairro Jardim Aeroporto III, na cidade de Franca-SP. A maioria dos pais possuía a visão de que começar a trabalhar logo na infância colaborava para que as crianças não sejam expostas aos perigos da sociedade. Os dados estatísticos colhidos expõem uma realidade específica:

47% começaram a trabalhar ainda quando criança, com idade entre seis e 12 anos. 29% na adolescência, de 13 a 15 anos de idade; 8% entre 16 a 18 anos de idade; 5% iniciaram no trabalho aos 18 anos de idade. 11% referiram que nunca trabalharam fora de casa (LOURENÇO, 2014, p.305).

As crianças são inseridas em um ambiente familiar que corresponde com a instalação das bancas de pesponto e corte, vivenciam sua infância com a normalidade de conviver com o trabalho dentro do seu quintal e cedo aprendem o ofício. Desde o início da vida dessas crianças o trabalho é presente sob a perspectiva de “ajuda” na produção, suas ações na produção não são reconhecidas como trabalho. Tal “ajuda” é ideologicamente associada a uma moral pelos pais como forma de educar os filhos a serem futuros trabalhadores e cidadãos honestos.

Rezende (2006) explica que essa questão está diretamente associada ao crescimento das grandes indústrias. As crianças e principalmente os jovens formaram parte importante da produção dos calçados, por isso o trabalho assume um papel moral relacionado à educação dos mesmos.

Como explica Luna (2017), nas escolas de Franca-SP é possível observar essa cultura do trabalho, pois elas possuem grande quantidade de alunos no período noturno. Em sua pesquisa observou a flexibilidade de horário nessas escolas, os alunos chegavam com meia hora de atraso devido às condições do trabalho e as escolas se adaptaram aos horários das fábricas e das bancas. Com isso as escolas passaram a se organizar respeitando os horários de trabalho para que a evasão dos alunos fosse menor.

Com o processo de especialização de algumas funções, a indústria passou a exigir do trabalhador formação técnica para o desempenho de funções como o pesponto e o gerenciamento de equipamentos. A cidade passou a ser um polo de cursos técnicos destinados ao setor calçadista.

O SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) oferece 17 cursos na área do setor calçadista. Possui curso de chanfrador de calçados, modelista, cortador, programador,

operador de máquinas de corte e costura, pespontador; dentre outras modalidades de cursos técnicos que são oferecidos para os estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Os estudantes têm a oportunidade de estagiar voluntariamente nas fábricas e ter a chance de “aprimorar” os estudos. Há apenas dois requisitos para cursar: o aluno precisa ter no mínimo 14 anos de idade e ter terminado o 7º ano do Ensino Fundamental.¹⁰ Dessa forma, os estudantes que tiverem a oportunidade de se especializarem através de cursos profissionalizantes ainda têm sua força de trabalho apropriada em forma de aprendizagem nos estágios, nesse caso de forma amparada pela lei.

O que se sucedeu de todo esse processo de cultura do trabalho é que a juventude de Franca-SP se enquadra em um contexto característico e individual. Falar sobre a situação dos jovens na cidade envolve analisar sua formação, visto que acostumados com o trabalho desde o berço passam de crianças que “brincam” em ajudar e vão diretamente para a vida adulta adquirindo responsabilidades.

A inserção das crianças em ocupações onde proliferam as denominadas “bancas de pesponto” e a “costura doméstica” – ambientes clandestinos – está associada a características do processo de terceirização existente na produção de calçados, revelando o caráter precário da utilização da mão-de-obra infantil (SARTORI, 2006, p.206).

Embora no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹¹ seja proibido o uso de mão de obra infantil, ela é ainda presente na cidade. Principalmente porque dentro o contexto do trabalho familiar, a informalidade permite que o trabalho infantil seja normal e nem seja tratado como uma questão de importância em relação aos direitos das crianças e dos adolescentes.

De acordo com Sartori (2006), esse problema há anos vem sendo abordado, desde a década de 1990, quando Franca-SP tinha índices muito altos de crianças trabalhando nas bancas de pesponto. Elas desempenhavam os chamados “serviços de mesa”, como a colagem e a dobra dos sapatos.

Em 1992, essa situação começou a ser vista como um problema e teve relativa mudança através da intervenção do Programa Internacional de Eliminação do Trabalho Infantil – IPEC/OIT (SARTORI, 2006). Contudo, mesmo quando a discussão passou a ser pautada, o poder público da cidade encarava o trabalho infantil como uma forma de inclusão

¹⁰ <<https://calçados.sp.senai.br/cursos/13/998/formacao-inicial-e-continuada>> Acesso em: 03 de nov. de 2017.

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso: 04 de set. de 2018.

social das crianças carentes, sendo incorporada através da ideia de que o trabalho infantil era um processo normal (SARTORI, 2006).

Segundo Sartori (2006), houve uma pesquisa realizada no ano de 1992, cujo nome era “*Crianças que estudam e trabalham em Franca-SP*” na qual se entrevistou 1.561 crianças nas escolas públicas estaduais e municipais, entre 07 de 13 anos de idade. A pesquisa identificou que 73% delas trabalhavam no setor calçadista.

O trabalho teve destaque local e nacional, em parceria com Central Única de Trabalhadores (CUT), Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçados de Franca e Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (DIEESE), com apoio da UNICEF (Fundos das Nações Unidas para a Infância) e da OIT/PEC (Organização Internacional do Trabalho/ Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil) (SARTORI, 2006).

Mesmo com a proibição do trabalho e as investidas em combatê-lo por parte de alguns setores, o trabalho na infância se situa na condição de informalidade do trabalho da cidade. Nas bancas de pesponto esse trabalho não é formal, embora seja prevista sua proibição no Estatuto da Criança e do Adolescente, a prática ilegal de exploração infantil continua sendo subsidiada e apoiada pelo setor calçadista e pelos órgãos responsáveis na cidade.

Como apontou Lourenço (2012), apesar da repercussão negativa sobre o trabalho infantil, esses dados não se findaram em condições efetivas para o combate do trabalho das crianças. Foi criado o *Instituto Pró-criança* pelas empresas de calçados, com a justificativa de fiscalização das fábricas de sapato. Porém, esse instituto foi criado e executado pelas próprias empresas para fiscalizarem a si mesmas, além do mais, o problema do trabalho infantil não estava nas fábricas de sapato regularizadas, mas sim na informalidade do trabalho domiciliar das bancas de pesponto. Por parte do poder público foi o criado o Programa Renda Mínima, para atender as famílias das crianças trabalhadoras, mas não produziu meios para sua prevenção.

A divulgação dos dados da pesquisa levou a uma maior conscientização da sociedade francana. Nesse momento, a indústria calçadista em Franca começa a perder com a redução da exportação (SARTORI, 2006, p.266).

Segundo Lourenço e Bertani (2012), de acordo com os dados obtidos pelo PETI¹², o trabalho infantil não é visto como um problema pela população na cidade. As autoras concluíram que algumas características do trabalho possuem uma base moralizante e educativa, os pais acreditam que os filhos são educados quando estão trabalhando, assim eles aprendem a ser trabalhadores e cidadãos.

Durante as visitas a cento e dez residências, no bairro Jardim Aeroporto III, constatou-se que, no caso da costura manual em calçados, toda a família (mãe e filhos) participa do processo de trabalho, inclusive crianças. Em uma das residências, chamou a atenção o trabalho de uma criança de oito anos de idade, o qual fazia furos nas peças de sapatos, para facilitar a costura manual feita pela mãe e pela irmã, uma adolescente de 13 anos de idade, que costuravam sapatos em casa. A imagem é comovente. A criança utilizava uma ferramenta pontiaguda e apoiava a peça a ser furada sobre o seu pé, o que implicava em um risco iminente de acidente. Ela demonstrou certa agilidade ao realizar esta atividade, inclusive afiando a ponta do instrumento no chão para melhorar o corte (LOURENÇO; BERTANI, 2012, p.06).¹³

Ao individualizar o trabalho, Lourenço e Bertani (2012) observam que o trabalho precoce se inicia porque os trabalhos domésticos são executados por mulheres, que acabam por ter que cuidar dos filhos enquanto trabalham. Assim, as crianças também participam da produção. Outro fator é que o trabalho feminino e infantil foi uma alternativa que diminuiu os custos da produção e a responsabilidade direta com as condições trabalhistas, portanto o trabalho infantil é vantajoso como mão de obra de baixo custo.

1.3. As juventudes

Como expressa Pais (1990), o termo juventude pode ser analisado partindo da ideia de heterogeneidade dos grupos sociais, ou seja, tal análise deve partir das diferenças entre os grupos sociais distintos e não somente por suas similaridades.

A juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias

¹²Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI (transferência de renda às famílias com situação de trabalho infantil e oferta do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos às crianças e adolescentes retiradas do trabalho). O PETI é um programa do Governo Federal em um conjunto de ações para retirar crianças e adolescentes com idade inferior a 16 anos da prática do trabalho precoce, exceto na condição de aprendiz a partir de 14 anos. Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/programas-de-transferencia-de-rendas-7/acao-social/programas-de-transferencia-de-rendas-15>. Acesso: 07 de set. de 2018.

¹³ A pesquisa do grupo PETI-COMPETI realizou visitas e oficinas com as famílias beneficiárias do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e profissionais responsáveis pelo desenvolvimento deste Programa em Franca no período de 2011 e 2012 (LOURENÇO; BERTANI, 2012).

econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo (PAIS, p. 156, 1990).

Pais (1990) explorou a construção sociológica da juventude, analisando as correntes de estudos sobre o tema. Nesse sentido, as associações entre jovens e problemas sociais são frequentemente colocadas. Relaciona-se com problemas imbricados no mundo do trabalho, na transição entre conseguir superar os “*problemas sociais*” e criar um conjunto de responsabilidades, à medida que esses jovens acumulam essas responsabilidades adquirem o status de adultos. O autor coloca esses problemas em âmbitos como o ocupacional, conjugal ou familiar e habitacional.¹⁴

Na década de 1960, os estudos da juventude se associavam à visão da participação desses jovens como problemas sociais, pois eram definidos como protagonistas de uma crise de valores e de conflitos de geracionais. Na década de 1970, os problemas que estavam no âmbito de entrada desses jovens na entrada ao mundo do trabalho, passaram a ser precursores dos estudos sobre a juventude, quase como uma categoria econômica, como definiu Pais (1990).

A juventude é um mito ou quase mito que os próprios *media* ajudam a difundir e as notícias que estes veiculam a propósito da cultura juvenil ou de aspectos fragmentados dessa cultura (manifestações, modas, delinquência, etc.) encontram-se afectadas pela forma como tal cultura é socialmente definida (PAIS, 1990, p. 144).

Bourdieu (2003) analisa a juventude através de relações estruturais que a influenciaram no modo de entendê-la, podendo ser elas relacionadas aos gêneros, classes sociais, dentre outros aspectos associados às estruturas de divisão de poderes. A divisão por idades “*equivale sempre a impor limites*” e também seguir uma “*ordem*” já pré-estabelecida socialmente e que, se encarrega de instituir o local a qual cada indivíduo é pertencente (BOURDIEU, p.152, 2003).

Para o autor, a juventude parte de uma discussão relacionada à questão das classes, ou seja, um jovem burguês se diferencia do jovem operário por sua condição social, pois eles não são iguais em muitos aspectos. Não possuem as mesmas dificuldades e nem tão pouco as mesmas oportunidades. Em síntese, o conceito de juventude, ou “*juventudes*”, não pode ser

¹⁴ Ocupacional se refere a trabalho fixo ou remunerado; conjugal ou familiar se relaciona, por exemplo, a ter filhos e construir uma família e, habitacional, são despesas de habitação (PAIS, 1990).

colocado sem a observação de aspectos estruturais, haja vista que são “*universos sociais que praticamente nada tem em comum.*” (BOURDIEU, 2003).¹⁵

As relações entre “*idades biológicas*” e “*idades sociais*” são muito complexas. Porque são construídas socialmente. Não são conceitos prontos, dependem de outros contextos, o que definimos como “*velho*” e “*novo*” é variável. Por isso, Bourdieu (2003) utiliza o termo “juventudes”, pois não se refere a um grupo unitário ou homogêneo.

O conceito de juventude se modifica de acordo com a História, portanto possui uma historicidade, não podendo ser desvinculado das realidades políticas e sociais das quais os jovens estão sujeitos no seu tempo. A idade é um elemento que se modificou em diversos períodos históricos, portanto ser criança, jovem, adolescente ou adulto é pertencer também a um período da História. Idade e percepção do tempo eram associadas aos fatores científicos e religiosos durante períodos históricos (ARIÉS, 1978).

Como Ariés (1978) explicou, no período medieval, as crianças eram retratadas nas pinturas e ilustrações como pequenos adultos, o período da adolescência não era necessariamente institucionalizado. A transição de criança para a vida adulta era representada por uma vivência com igual tratamento entre os adultos e as crianças.

As “idades da vida” possuíam importantes papéis na organização cronológica do período e eram delimitadas como “infância e puerilidade; juventude e adolescência; velhice e senilidade – cada uma dessas palavras representando um período da vida” (ARIÉS, p. 35, 1978).

A infância, segundo Ariés (1978), se referia ao período do nascimento até quase findava os sete anos de idade, era dita como idade “não-falante”. Havia uma espécie de transição ou “segunda idade” que se estabelecia até os 14 anos. Após esse período se iniciava a adolescência que, em vários períodos históricos, em diferentes sociedades, significava idades diferentes. Para Constantino, por exemplo, se encerrava aos 21 anos, porém, segundo Isidoro, o período se estendia até os 28 anos de idade. A juventude poderia ir até os 45 ou 50 anos, associada diretamente com a capacidade de força que o cidadão possuía.

Contudo, Mannheim (1990) expõe que o elemento “idade” é importante para consideração do estudo da juventude e das gerações, especialmente porque a sociedade vive sob uma perspectiva cronológica, na qual a idade é um fator delimitador. Portanto, a divisão por idades em relação ao tempo é intrínseca aos contextos históricos de cada período, ou seja,

¹⁵ Pierre Bourdieu (p.152, 2003) em entrevista à Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, Association de Ages, 1978 e que, posteriormente, compôs um capítulo do livro “Questões de Sociologia” do autor.

dentro de contextos sociais e culturais ela aparece como um marcador importante. Mesmo contendo suas diversidades e similaridades, o fator idade não pode ser totalmente desconsiderado, podendo fazer parte das conjunturas de análise das juventudes. Não necessariamente seja um fator único conclusivo, mas a idade deve ser considerada ao lidar com categorias de estudos relacionados ao tema.

1.4. As juventudes francanas: o perfil dos jovens do S.E.U.

Crescer sabendo da necessidade do trabalho, aprendendo desde cedo atividades manuais e prestando serviços em conjunto com a família: esses são os jovens francanos. Como explicou Pais (1999), a categoria de jovens se relaciona com a entrada no mundo do trabalho, sobretudo com o aparecimento das responsabilidades como condição de ser considerado adulto. Mas com o trabalho infantil que acomete a cidade e a vida precoce no mundo do trabalho, as juventudes na cidade são uma categoria que se tornou adulta precocemente.

Margulis e Urresti (1998) delimitam que os estudos sobre as juventudes são dimensionados em aspectos conceituais que, muitas vezes, não se relacionam com a historicidade presente na realidade dos jovens. Por historicidade, podemos entender a apreensão das realidades vividas por eles, como algo material e real. Mesmo partindo da importância das dimensões simbólicas, é necessária a consideração da realidade vivida, ou seja, uma aproximação da discussão conceitual com o contexto material.

Os autores consideram fatores sociais através do tempo e classe dos jovens como elementos importantes. Ao destacarem a importância da consideração histórica em seus estudos, possuem uma análise além de sociológica, também histórica. Muito se conceitua epistemologicamente sobre termos, singularidades e simbologias da juventude que, muitas vezes, os estudiosos se esquecem de ampliar seus horizontes para debates mais realistas, mais equiparados a realidade da juventude em determinado espaço/tempo (MARGULIS E URRESTI, 1998).

Em Franca-SP, as crianças trabalham assim que conseguem desenvolver atividades. Os jovens, quando já conseguem admitir maiores responsabilidades começam a receber pelos serviços prestados, iniciando assim a vida do trabalho. Essa diferença entre o trabalho infantil e de um adolescente se dá principalmente pela remuneração. A criança não consegue ainda assimilar algumas responsabilidades e não consegue executar algumas funções, diferente do adolescente, que consegue realizar um maior número de atividades e as associa as recompensas e necessidades.

Como estamos nos referindo à categoria de jovens considerando a existências de diversas juventudes, não podemos atribuir à cidade as definições de um grupo seletivo de jovens. No S.E.U. não encontramos apenas jovens que estão terminando o Ensino Médio. Há sim uma diversidade entre idades e participação no cursinho. Mas os jovens que estavam cursando o último ano de Ensino Médio ou que haviam recém concluído eram maioria.

De acordo com a análise das matrículas, entre os anos de referência, mais da metade dos alunos tinham a idade entre 18 e 25 anos. Em 2015, o número de estudantes do noturno que trabalhavam em período integral ultrapassava 90 % dos estudantes trabalhadores.

Esse perfil do estudante do S.E.U. demonstra a relação na qual esse estudante trabalhador tem com os estudos. Em 2016, a lista de espera do cursinho era composta por cerca de 300 candidatos, ao longo do ano letivo, foi toda convocada no período noturno. Esse dado revela o S.E.U. possuía uma alta taxa de desistência.¹⁶

A coordenação pedagógica realizava um contato constante com esses estudantes buscando os motivos pelos quais os mesmos deixavam o cursinho, o motivo era sempre parecido. Eles deixaram os estudos pelo cansaço do trabalho. Outros motivos também eram relacionados a essa desistência, como a frustração em não conseguir acompanhar conteúdos, dificuldades de locomoção e a falta de tempo.

Mas essas desistências também estavam relacionadas à falta de expectativas em relação aos vestibulares. A universidade era distante, uma ideia muito abstrata em comparação a realidade do trabalho. O que se ganha com o pré-vestibular? Os alunos demonstravam essa dificuldade em conseguir enxergar um mercado de trabalho ou uma possibilidade de emprego associado ao Ensino Superior, que não era uma certeza, mas uma possibilidade.

Duas coisas podiam ser concluídas: o S.E.U. lidava com a rotatividade pela estrutura social do trabalho na cidade e não podia competir com a necessidade desses estudantes de considerar o trabalho como prioritário.

Ao considerar que o cursinho representa um espaço de presença de jovens trabalhadores e, considerando que estamos falando de Franca-SP e, esses jovens são fruto da

¹⁶Todos os seiscentos (600) candidatos aprovados na 2ª fase do Processo Seletivos dos alunos são classificados, de acordo com a análise socioeconômica. São trezentos (300) aprovados no Diurno e trezentos (300) no Noturno, sendo que, os primeiros classificados, de acordo com a quantidade de vagas, são convocados para a matrícula. Isso significa que, ao final do ano letivo, todos os classificados são chamados para a matrícula, esse processo ocorre de acordo com a evasão dos estudantes e ocorre durante todo o ano letivo. Disponível em: <<http://cursinhodaunesp-franca.blogspot.com/>>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

indústria dos calçados, não é difícil associar essas dificuldades à desistência por parte dos alunos.

Verificava-se que a maioria desses jovens era advinda das escolas públicas. Escolas públicas da periferia, dos bairros conhecidos como tipicamente operários. Jovens que eram de famílias operárias, que moravam e estudavam nas escolas desses bairros.

Esses jovens são uma parcela das juventudes da cidade. Partem de um contexto do trabalho no setor calçadista, de indivíduos que dividem o tempo entre estudos e trabalho, além de partilharem da vivência em um cursinho pré-vestibular popular. Essa é uma das juventudes presentes na cidade, sobre a qual me refiro.

2. OS RECURSOS METODOLÓGICOS: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

2.1. A memória e a História Oral

A memória possui sua essência emotiva. É histórica, política, social e ideológica na medida em que a o indivíduo atua em sociedade. Os sujeitos da história podem conduzir à exposição de suas concepções através de suas memórias, que podem ser buscadas por documentos, fotografias, áudios ou músicas: uma infinidade de recursos midiáticos ou não. Por isso a oralidade se demonstra como uma importante via de resgate de lembranças que não foram registradas no passado.

A distância entre passado e presente nas lembranças pode ser relativamente pequena, na mistura de memórias, nas opiniões ou em suas vivências. Dentre os recursos que seriam aplicáveis a proposta, a História Oral serviu como apoio e embasamento das análises presentes. O objetivo era construir narrativas em conjunto com os participantes, cujo objetivo principal era ouvir esses jovens que vivenciaram a conjuntura social da cidade e do S.E.U.. Inicialmente é necessário esclarecer um pouco sobre quais premissas se baseiam o método e quais os possíveis questionamentos que aparecerão em sua utilização.

A memória ocupa um espaço importante nessa discussão, pois está imbricada com a relação da construção de narrativas e de exposição da história oral como método de pesquisa. Antes de expor detalhadamente os processos metodológicos é interessante ressaltar conceitos que guiaram as discussões, como o uso das fontes orais na pesquisa e também como os historiadores podem utilizá-las como recursos de pesquisa, pois elas carregam questionamentos importantes encontrados na análise de informações, visto que a história oral é uma via necessária à própria constituição da História, sobretudo da História Social.

Obviamente, a memória como fonte de análise tornou-se necessária em relação à obtenção de meios para compreender o resgate das lembranças dos participantes. As teorias da memória são necessárias para entender parte das etapas da pesquisa e foram aqui retratadas, mesmo que brevemente.

A história oral não é sempre e necessariamente um instrumento de mudança, pois há em sua concepção há uma questão política e também ideológica e que, nem sempre, é utilizada para um único fim. A oralidade e seu uso metodológico propiciam entender visões que não são privilegiadas e colabora para o sentimento de pertencimento do indivíduo como

sujeito da História. Também se relaciona com a comunidade levando a mesma até ela e buscando-a da própria comunidade (THOMPSON, 1992).

[...] A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade originais de pontos de vista. Mas essa vantagem não é apenas importante para se escrever história. Em sua maioria, os historiadores fazem julgamentos – o que é muito certo, uma vez que a finalidade social da história requer uma compreensão do passado que, direta ou indiretamente se relaciona com o presente (THOMPSON, 1992, p. 24-25).

Prins (1992) e Ferreira (2002) analisam a obra “*A voz do passado*”, publicada em 1978 pelo historiador Paul Thompson, na qual a ênfase da história oral passou a ser vinculada como “*história dos excluídos*”. Também por sua radicalização ao elencar a história oral com imensa importância no cenário da historiografia, provendo assim sua função social.

A utilização das fontes orais é mais comum como um suporte para a construção de uma história social, também possuindo uma escolha ideológica, admitindo que a mesma seja política e nunca neutra. Para Prins (1992), os historiadores têm negado o valor das fontes orais devido à fragilidade e as inconstâncias apontadas na utilização do método, sendo consideradas como uma segunda opção, utilizadas apenas quando as fontes documentais não são mais possíveis. O autor enfatiza que, em uma sociedade onde as palavras escritas formam uma cultura dominante, ocorre a valorização da palavra escrita em relação à palavra falada e, as fontes orais, não oferecem aquilo que o *historiador clássico* busca ao executar sua pesquisa. Elas são consideradas imprecisas. Para a história clássica é necessário que a evidência tenha precisão e seja estável, o que também justifica a procura pela precisão da cronologia.

Vivemos em uma sociedade alfabetizada na qual a escrita é priorizada, porque há uma cultura que busca relatar com precisão as informações utilizadas, fazendo as fontes orais serem consideradas incompletas e efêmeras. A oralidade assume um papel secundário e suas informações são consideradas pobres. Em síntese, para os historiadores clássicos, as fontes orais não conseguem explicar a mudança, que é um dos objetos principais de seus pesquisadores. Por fim, ele também expõe a preocupação da História Clássica com espaços e meios de discussões que são de dimensões menores em relação aos grandes marcos da História. A história oral pode explicar o simples e o pequeno também, uma história de vida, um relato. (PRINS, 1992).

A tradição oral é um elemento fundamental para a história oral, essa tradição está associada diretamente com a construção dos conhecimentos, haja vista que é passada de geração em geração. Embora Prins (1992) embase sua discussão acerca dos problemas centrais na teoria da história e na utilização dos recursos orais, ele também expõe características primordiais para a utilização dessa metodologia, sendo um deles, o entendimento da tradição oral como um dos elementos que a norteiam.

No que tange à consideração de cada história individual e das fontes orais como recurso, segundo expõe Malatian (1996), elas não se desvinculam dos aspectos sociais, toda história individual pautada pela memória carrega também fatores históricos.

A memória relacionada à história individual também é coletiva. Hobsbawn (1995) ao falar sobre os desafios e problemáticas de escrever a história do seu próprio tempo concluiu essa afirmativa. Como um historiador que se propôs a escrever a história do século XX vivenciando-a, apesar de elencar os inúmeros problemas e descrever essa conclusão como paradoxal, chegou à afirmação de que a nossa própria história individual, advindas das nossas vivências, também é social e coletiva.

Sobre a relação direta entre história oral e história do tempo presente, Ferreira (2002) elucida a justificativa entre a utilização do primeiro como método e do segundo como uma teoria:

O desprezo dos historiadores universitários pela história recente explica também o porquê da desqualificação dos testemunhos diretos. Esse campo dos estudos históricos acabou se transformando em monopólio dos historiadores amadores. A explicação para essa situação deve-se ao fato de que o período recente não exigia uma farta cultura clássica, nem o controle dos procedimentos eruditos do método histórico (FERREIRA, 2002, p.9).

A história oral ainda enfrentou a falta de aceitação por parte dos historiadores. Ferreira (2002) explana que nos Estados Unidos e na Inglaterra ela se relacionou com os estudos dos operários e a visão do trabalhador, destacando a originalidade da historiografia inglesa. Na França, com a *Escola dos Annales*¹⁷, esse tipo de história sofreu muita resistência, com a

¹⁷ A Escola nos Annales foi uma das mais notáveis escolas históricas do século XX. Valorizam as fontes históricas além dos documentos escritos propondo uma nova forma de se fazer história. Os principais nomes da primeira geração eram Marc Bloch e Lucien Febvre. Le Goff, Pierre Nora, Pierre Chauné e Fernand Braudel são alguns dos nomes que a compuseram (BARROS, 2010).

extrema valorização do documento e da história clássica, o que indiretamente influenciou na formação do historiador.¹⁸

As fontes orais podem trazer discussões interessantes para as pesquisas, pois elas expõem visões que são advindas de vivências e conhecimentos que cada indivíduo possui, podendo assim acrescentar um novo olhar sobre os questionamentos. Portanto, elas são enriquecedoras como fontes de pesquisa e podem expor dados que se tratados de forma concisa e adequada colaboram com informações e conteúdos relevantes. Não são as inseguranças e imprecisões que uma fonte oral possa trazer à pesquisa, mas sim a forma com que o pesquisador irá tratá-las.

As memórias são parte da produção da História. Para tal questão, devemos analisar os significados da memória em relação à construção de narrativas, pois elas são fontes complexas e que abrangem conflitos maiores. Nesse sentido, a ideia aqui é explicitar alguns conceitos que são importantes acerca do entendimento da memória, para que, posteriormente, o olhar sobre as lembranças aqui expostas sejam de fato reconhecidas como parte importante do processo de análise da pesquisa.

O fato das memórias não serem imutáveis demonstram a originalidade das mesmas. Uma memória não existe sem a personificação de algo ou de alguém, pois é narrada e expressada com dimensões emotivas, sociais e psicológicas. E se a História pode ser análoga à significância da transformação, logo, as memórias também podem.

Entre os autores que se inserem nesse mergulho sobre as teorias da memória e nas ambientações das mesmas, Pierre Nora, professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e do *Institut d'Études Politiques*, nas décadas de 1970 e 1980, teve uma atuação importante nas discussões sobre memória e teoria da história. Esse foi um tema que abarcou parte significativa da obra do historiador (SILVA, 2019).

Para Nora (1993), memória e história não são sinônimas, podemos distinguir as mesmas em várias vias. À memória, ele atribuiu um significado vivo, em permanente evolução e carregado da dialética da lembrança e do esquecimento, ela é a mudança. A história, para o autor, é relacionada sempre à construção “*do que não existe mais*” (p.09), ou

¹⁸ A história oral se desenvolveu em um ambiente fora da comunidade dos historiadores, mesmo guardando as especificidades de diferentes países as quais possuem diferentes tradições historiográficas, a valorização do documento escrito, [...] “*a busca pela objetividade das fontes e a concentração do interesse nos períodos mais remotos do tempo destinaram à discussão sobre a história oral — ou mesmo apenas sobre o uso das fontes orais — um espaço bastante restrito no contexto dos debates teórico-metodológicos dos historiadores.*” (FERREIRA, 2002, p. 10).

seja, a memória é um movimento do presente, a história, do passado. “*A memória é um absoluto, e a história só conhece o relativo* (1993, p.09)”.

O que Nora (1994) propõe é que a História carrega em si uma análise crítica e mais científica do conhecimento, o que seria um fato de oposição à espontaneidade da memória. Como se a História se findasse em não acreditar nas memórias, a deslegitimar um passado vivido (1994, p.10).

Tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização do seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história (NORA, 1993, p.14).

As memórias se transformaram em fontes históricas, foram catalogadas, arquivadas, explicadas, analisadas e expostas com a finalidade histórica a qual lhes eram atribuídas, a sociedade contemporânea produziu muitos arquivos (NORA, 1993).

Por conseguinte, uma das principais problemáticas expostas por Nora (1993) se dá quando o autor indaga sobre o significado desses arquivos: “*Que vontade da memória eles testemunham, a dos entrevistados ou dos entrevistadores?* (NORA, 1993).

O autor continua a discussão explicando que um arquivo pode mudar de “status” simplesmente pelo peso atribuído a ele, o desenvolvimento em função do seu próprio registro, não sendo uma memória vivida, mas sim uma memória perdida, pois se torna uma memória historicizada, sem finalidade além do registro e da busca por uma precisão analítica.

Nessa indagação acho interessante citar Gigante (2009) e uma breve passagem de sua tese de doutorado. Ao lidar com as memórias de idosos em São Carlos-SP, escreveu e interpretou algumas concepções sobre a memória de alguns autores. Como historiador, indagou sobre a visão que Pierre Nora demonstrava acerca da crítica ao lugar da memória na história. Não seria possível que a História deixasse de lado essa crítica e aprofundamento de análise em sua visão.

Gigante (2009) chama de *memória avessa* como uma memória com relação às reestruturações produtivas. Quando analisa os idosos em situações de acolhimento, percebeu que essa memória se relaciona com as forças de produção do capital. Principalmente porque essas memórias são parte do que seria considerado novo ou ultrapassado na visão dos que detêm do o conhecimento da produção.

A memória não é só presente; ela é uma expressão da historicidade, o registro do percurso social do sujeito, dos conflitos sociais que ajudou a compor. A memória atravessa o tempo, a história (vívida), as transformações sociais – tal como as eras geológicas deixam no solo sua memória, a história deixa suas marcas na memória. A memória parece funcionar com apoios, por setor (GIGANTE, 2009).

Aos aspectos mais sociais, segundo Gigante (2009), Maurice Halbwach (1877-1945), francês professor da *Collège de France*, foi um dos teóricos que considerou a memória como coletiva e defendeu arduamente esse posicionamento. Nesse autor, as questões sociais são as raízes da memória, não sendo desvinculadas do meio coletivo.

Há então uma relação entre a memória individual e a memória coletiva. A capacidade da lembrança não resulta em montar as peças, pois para que a nossas memórias se auxiliem com a dos outros não é somente necessário o depoimento, mas sim que essa reconstrução se embase em dados e noções de acontecimentos entre as partes (HALBWACH, 1990).

Em síntese, a memória sempre será coletiva e estará sempre relacionada ao presente. Não são situações desvinculadas entre si, embora a memória coletiva seja diferente da memória individual, elas estão correlacionadas e, tanto a memória coletiva como a social, relacionam-se com toda a construção do que consideramos como lembranças. Também não podemos separar a visão presente sobre os fatos narrados no passado, essa passagem entre passado/presente é a essência do social presente na memória segundo a teoria de Halbwach (1990).

Como minha percepção do que seria a memória dos participantes da pesquisa, consideraria a mudança e transformação pessoal e coletiva como raízes importantes para defini-las. No que tange ao resgate das memórias, por várias vezes, os participantes se descreviam com duas personalidades, o “eu do passado” e o “eu do presente”. Notoriamente, a lembrança sofreu alterações na passagem dos contextos, quase um conflito interno entre a crítica e a transformação do próprio pensamento.

Dois seres em si mesmo. Maurice Halbwachs (1990) utiliza-se dessa mesma definição: a primeira testemunha que podemos nos remeter seremos nós mesmos, quando uma pessoa se remete a si mesma como testemunho, quando nos remetemos às lembranças passadas, haverá a relação com as nossas concepções do presente. Confrontamo-nos, é um exercício normal da memória.

Nossas memórias não se apoiam exclusivamente em nossas lembranças, mas podem também se apropriar da memória dos outros, não estamos sós, vivemos no coletivo e nossas

memórias também se pautam nisso. A memória pode ser além da percepção individual, compreendendo que cada ser se sensibiliza com fatores diversos à sensibilidade da memória como um fator individual, mas também coletivo (HALBWACHS,1990).

Os processos de continuidades que se sucedem aos jovens de Franca-SP são relacionados às memórias de seus pais, de seus responsáveis. São as memórias das fábricas de sapato que foram passadas a eles; uma história que lhes foi contada e repetida inúmeras vezes.

Os que aqui protagonizaram suas trajetórias tiveram que negar essas lembranças, não em um sentido de desvalorização do trabalho de seus pais, mas negar que essas memórias seriam as guiadoras das suas próprias histórias. Quebraram um ciclo de carga das memórias que não eram as suas e passaram a criar seus próprios caminhos.

2.2. Seleção dos sujeitos da pesquisa: dados estatísticos das aprovações do S.E.U.

Os dados utilizados na pesquisa são parte de documentos advindos do arquivo do S.E.U.. São documentos referentes aos processos seletivos, sobretudo os dados das análises socioeconômicas realizadas entre os anos de 2013 e 2016. Também foram utilizados documentos das matrículas dos alunos e das aprovações em vestibulares nos referidos anos.

Esses dados não contemplam a totalidade dos estudantes do cursinho, são dados gerais dos alunos que passaram pelo S.E.U. no período selecionado. É importante ressaltar que o cursinho, por possuir a maioria de estudantes trabalhadores e com situações socioeconômicas vulneráveis, tem uma grande rotatividade de alunos ao longo do ano letivo, essa rotatividade se dá através de uma lista de espera que fica válida durante os semestres do ano.

Em relação à pesquisa das aprovações do S.E.U., é necessário levar em consideração que essas informações dependiam da comunicação com os ex-estudantes aprovados, ou não, nas universidades. Por vezes, o cursinho não conseguia o contato posterior com todos os matriculados, sendo assim, as informações são uma estimativa aproximada de estudantes que passaram pelo S.E.U.. Também não foi realizada à pesquisa sobre a quantidade de alunos que não foram aprovados no Ensino Superior, considerando que as informações recolhidas eram somente em relação à aprovação dos ex-alunos em cursos superiores. Caso o ex-aluno não tivesse sido aprovado em algum curso não se registrava.

Por último, ainda é necessário esclarecer que o perfil socioeconômico dos estudantes é semelhante devido à análise socioeconômica realizada pelos estudantes de Serviço Social da

Unesp de Franca (FCHS), que foi supervisionada pelos professores do grupo PET-SS (Programa de Educação Tutorial de Serviço Social). Portanto, os dados expostos são relativos às aprovações em cursos superiores no período de 2013 a 2015, referentes aos ex-alunos do cursinho.

Dos alunos que participaram do S.E.U. de 2013 a 2016, no total foram contatados 880 ex-alunos, sendo 157, 203 e 199 estudantes aprovados no Ensino Superior, nos anos de 2014, 2015 e 2016, respectivamente. Por área de estudos, os aprovados nos cursos de Ciências Humanas (59%) são maioria. O curso que mais possui aprovações é o curso de Serviço Social na UNESP de Franca, seguido do curso de História, da mesma faculdade. Posteriormente há também o curso de pedagogia na Universidade de Franca (Unifran) e na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Dos cursos de Ciências Biológicas (31%), o curso com maior número de aprovados é o curso de Biologia na Universidade de Franca (Unifran) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Fisioterapia e Biomedicina na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e, por último, dos cursos de Ciências Exatas (10%), Engenharia Civil na Universidade de Franca (Unifran) e Matemática na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Os dados demonstraram que a maioria dos estudantes opta por continuar na cidade de Franca-SP (56%), sendo a UNESP Franca e a Unifran as universidades com maior número de aprovações. Entre a escolha de universidades públicas e privadas, as universidades públicas aparecem em maior número (62%) e do restante (38%), 69% dos estudantes das universidades particulares são bolsistas.

A UNESP de Franca com maior porcentagem de aprovações tem 50% dos ex-alunos matriculados no curso de Serviço Social, 47 % de ex-alunos no curso de História e 3% no curso de Relações Internacionais, não havendo nenhum ex-aluno cursando Direito na faculdade.¹⁹

Portanto, o que se pôde observar é que a opção dos alunos do cursinho se vinculou com a permanência na cidade e, quando optam por estar fora, geralmente escolhem universidades que ficam localizadas em cidades próximas a Franca-SP. Para além de uma relação emocional que pode ser familiar ou até mesmo de conforto e segurança, está a questão financeira e as condições sociais impostas a eles.

¹⁹ A faculdade possui quatro cursos de graduação: Direito, História, Serviço Social e Relações Internacionais. Disponível em: <<https://www.franca.unesp.br/#!/ensino/graduacao/>>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

A presença dos estudantes no Ensino Superior privado é alta, principalmente nas universidades particulares da cidade. Esse fator é associado à escolha por permanecer na cidade, também pela variedade de cursos nas universidades privadas em relação às universidades públicas na região. Considerando que a UNESP é a única universidade pública na cidade e possui somente cursos na área das Ciências Humanas e Sociais.

Também é possível observar ensino privado como uma alternativa na associação aos programas promovidos pelo Governo Federal, como o PROUNI (Programa Universidade para Todos)²⁰ e o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil)²¹. Esses programas possibilitaram oportunidades dos alunos em cursar o Ensino Superior em universidades particulares, podendo conseguir bolsas de estudos ou o financiamento estudantil.

Outro fator importante é a concorrência dos cursos. Os alunos optam por escolher cursos de menor concorrência preenchendo os cursos de Ciências Sociais e Humanas. Em 2014²² o curso de Serviço Social da UNESP de Franca tinha a relação de vagas de 3,8 candidatos por vaga no Diurno e 4,0 de candidatos por vagas no noturno; o curso de História tinha a concorrência de 7,6 no diurno e 6,6 candidatos por vaga no noturno; o Direito chegou 68,6 no período diurno e 39,7 no período noturno (VUNESP, 2014).

No ano de 2016²³, o curso de Serviço Social permaneceu como menos concorrido da UNESP de Franca, com número de candidatos por vaga de 4,4 e 3,8; História com 9,9 e 5,5, por vaga; e Direito, curso mais concorrido da UNESP de Franca e segundo em maior concorrência de todas as unidades da universidade registrou 69,2 no período da manhã e 39,7 no período noturno de candidatos por relação de vagas. Serviço Social é o curso com maior número de aprovados que são ex-alunos do S.E.U., seguido do curso de História, e não se registrou nenhum ex-aluno aprovado no curso de Direito.

As ações afirmativas voltadas aos alunos de escolas públicas e aos autodeclarados negros, pardos e indígenas, propostas nos últimos anos, também influenciaram no perfil dos aprovados do cursinho, haja vista que o perfil socioeconômico dos alunos está entre o perfil

²⁰ Criado pelo Governo Federal em 2004 é um programa do Ministério da Educação que oferece bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior (BRASIL, 2019). Disponível em: <<http://siteprouni.mec.gov.br/>>. Acesso: 10 de fev. de 2019.

²¹ O Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação (MEC), instituído pela Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que tem como objetivo conceder financiamento a estudantes em cursos superiores não gratuitos, com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo MEC e ofertados por instituições de educação superior não gratuitas aderentes ao programa (BRASIL, 2019). Disponível em: <<http://fies.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 de fev. de 2019.

²² Disponível em: <<https://www.vunesp.com.br/VNSP1308>> Acesso: 13 de jun. de 2018.

²³ Disponível em: <<https://www.vunesp.com.br/VNSP1503n>>. Acesso: 13 de jun. de 2018.

dos estudantes cotistas. A UNESP passou a adotar o sistema de cotas em 2013, semelhante ao sistema já implantado pelas universidades federais. Esse sistema foi progressivamente aumentando o número de vagas destinadas aos alunos de escolas públicas até que, em 2018, o vestibular contemplasse 50% das vagas destinadas aos cotistas (FAPESP, 2018).

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (um salário mínimo e meio) per capita.

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016) (BRASIL, 2012).²⁴

Esses dois excertos são advindos da Lei 12.711/12 que instituiu a política de reserva de vagas para grupos sociais específicos, incluindo estudantes de escolas públicas, autodeclarados pretos, pardos e indígenas. Sancionada pela presidenta Dilma Roussef em agosto de 2012, a lei tinha como objetivo diminuir as desigualdades sócio-históricas da sociedade e promover a democratização das universidades públicas.

As universidades federais, por meio do SISU (Sistema de Seleção Unificada) já haviam adotado o sistema de cotas no ano de 2012, posteriormente, as universidades estaduais de São Paulo também passaram a utilizar o sistema. O SISU ainda permitiu que estudantes de diversos locais do país pudessem ser contemplados em participar dos processos seletivos em instituições federais de todo o país pela nota obtida pelo ENEM. Possibilitando o acesso dos mesmos às disputas pelas vagas disponíveis em IES²⁵ com um processo universal e não específico, fazendo parte das propostas de universalização do Ensino Superior (MEC, 2018).²⁶

²⁴ <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112711.htm> Acesso em: 10 de jan. de 2019.

²⁵ Instituições de Ensino Superior.

²⁶ Disponível em: <http://sisu.mec.gov.br/tire-suas-duvidas#lei_de_cotas>. Acesso: 13 de jun. de 2018.

Nesse sentido é evidente que os estudantes do S.E.U. começaram a preencher as vagas das universidades federais que estão localizadas nas proximidades de Franca-SP, como a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) em Uberaba-MG²⁷, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), localizada em São Carlos-SP²⁸ e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) localizada em Uberlândia-MG²⁹.

Os dados recolhidos sobre as estatísticas de aprovados em cursos superiores não considerava informações sobre a relação de alunos aprovados pelas existências das cotas, nem recolhia dados sobre a relação de ex-alunos que adentraram na universidade por relação de cada seleção (SISU, FIES etc). Registrava-se apenas as universidades e os cursos nos quais havia alunos aprovados. Posteriormente, registrava-se também a quantidade de alunos bolsistas em universidades particulares.

2.3. A construção de narrativas: descrevendo os passos da pesquisa

Foram selecionados dez alunos com perfil parecido. Todos egressos do S.E.U. (do período diurno e noturno), naturais de Franca-SP. Foram contatados apenas oito desses selecionados, que concordaram em participar de uma primeira conversa, que seria uma breve exposição de suas trajetórias de vida até sua entrada no S.E.U..

Desses oito participantes, apenas seis resolveram continuar participando da pesquisa. Por motivos pessoais, algumas pessoas se sentiram envergonhadas ou até receosas sobre expor suas histórias de vida. Como a proposta era uma exposição pessoal e necessitava de uma abertura para participação, alguns desses jovens se sentiram inseguros sobre contar suas histórias publicamente.

O primeiro passo foi uma conversa informal. A intenção era promover um primeiro contato pessoal e estabelecer uma confiança entre os mesmos. Era necessário esclarecer os objetivos da pesquisa, as possíveis conclusões e quais fins teriam uma dissertação que exploraria suas trajetórias pessoais de vida como um objeto direto de estudo.

O segundo passo foi propor uma gravação das narrativas. A proposta do roteiro era anotar todas as informações que os participantes julgavam como importantes em suas respectivas trajetórias. Esse roteiro funcionou como um apoio da memória, um exercício de

²⁷ 145,9 km da cidade de Franca-SP.

²⁸ 186 km de Franca-SP.

²⁹ 246 km de Franca-SP.

lembranças. Basicamente um ensaio da narração das histórias. Essa gravação tinha a função de ser um fio condutor das lembranças e da coerência expositiva das narrativas que, necessitavam de um caminho que favorece a exposição concreta e objetiva. As narrativas construídas não foram exclusivamente advindas dessa gravação, haja vista que posteriormente os colaboradores acrescentaram e excluíram informações, conforme o exercício da memória e o resgate das lembranças lhes permitiam. Portanto, esse segundo passo fez parte da condução da exposição das memórias aqui registradas, como exercício de memória.

Os participantes puderam expor suas trajetórias de forma livre, embora fossem estabelecidas algumas perguntas necessárias para discussão do tema central. Eles também eram livres para escolher o local da realização da gravação, o único quesito era que elas fossem realizadas em um ambiente calmo e reservado, na presença somente dos colaboradores.

A primeira transcrição foi feita procurando uma fidelidade às informações concedidas, optei por não eliminar nenhuma informação, mesmo que considerasse de menor relevância à problemática da pesquisa. Elas foram transcritas e depois enviadas aos colaboradores para que eles pudessem interagir melhor acrescentando informações e também corrigindo possíveis equívocos de interpretação.

Essa última etapa citada foi de grande importância para a produção dos dados, os participantes se sentiram contemplados pela pesquisa e participaram opinando e corrigindo as entrevistas em conjunto, se sentiram como parte importante do processo, o que possibilitou um diálogo mais amplo, conciso e valioso. Os dados avaliados por eles foram complementados, novas discussões e visões foram acrescentadas e o resultado foi mais que satisfatório em relação à primeira transcrição, o que se sucedeu na ideia de construir narrativas e não somente produzir dados através de uma única etapa de entrevista. Por conseguinte, também foi pedida uma opinião sobre como os entrevistados se sentiram ao participar da pesquisa e como eles enxergaram a dimensão da importância da sua trajetória de vida para se entender a juventude da cidade.

A ideia de não considerar essas gravações como entrevistas surgiu do entendimento de que elas não foram construídas somente com as informações gravadas pelos participantes, mas se constituíram de conversas e trabalhos anteriores e posteriores.

Cada sujeito expôs sua narrativa de uma forma diferente, alguns conseguiram organizar suas ideias e exposição mais concisa na gravação. Outros conseguiram fazer esse

exercício apenas posteriormente à leitura da primeira transcrição, na qual tiveram a oportunidade de acrescentar informações complementares. Algumas informações que completaram as narrativas foram informações verbais, fornecidas pelas conversas e reflexões, outras foram escritas por eles completando esse primeiro documento.

A partir disso se construiu as narrativas, com a participação de todos e com complementos de diversos métodos, como a gravação, transcrição, leitura e reflexão. Partindo da interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Os textos posteriormente produzidos foram elaborados e construídos por essas fontes diversas e todos passaram por essas etapas.

2.4. O resgate das memórias

Por envolver o resgate de memórias e a relação entre passado e presente, optou-se pela utilização das diversas formas de apreensão da memória e, sobretudo, da expressão das mesmas como narrativas. Dois momentos são importantes e merecem destaque: a coleta dessas memórias e a exposição como narrativas.

Antes de historiadora e pesquisadora na área da Educação, sou francana, filha de sapateiros e ex-aluna do Cursinho da UNESP. Fui muitas vezes inundada pelas questões que se findavam na minha memória e na minha percepção. É necessário explicar sobre isso.

Se eu proponho a memória da infância e da adolescência deles, do contexto familiar, das vivências individuais, eu não opero como participante ativa dessas memórias. Contudo se eles dialogam sobre o cursinho, sobre as aulas e sobre suas trajetórias no S.E.U., eu opero como ativa participante dessas memórias, pois vivi junto a eles. Fui professora, coordenadora e estive presente em várias lembranças dessa época.

Nesse primeiro momento, não fui atuando diretamente nas memórias, indaguei, estimulei e teci o caminho a ser percorrido para obter as lembranças. Os questioneei, mas fui ouvinte. No segundo momento, fui atuante. Participei, contei histórias, revivi as minhas memórias do cursinho em conjunto com eles, nossa memória afetiva era semelhante. Ambos os momentos foram ricos, preciosos e construtivos, mas foram diferentes.

A ideia era propor que eles se sentissem à vontade com a exposição de suas histórias, mas que também conseguissem organizar suas memórias. Organizar memórias não é uma tarefa fácil, exige buscar sentimentos, escolhas e situações que ocorreram há tempos.

A oralidade era um critério importante, embora fosse necessário admitir que como seres humanos, há diversas formas de exposição de histórias. Alguns se sentiam melhor contando suas histórias, outros se sentiam melhor escrevendo. O exercício de fala era basicamente uma conversa, completando o roteiro da exposição das narrativas em conjuntos com os mesmos.

Para Bosi³⁰, essa relação entre o pesquisador e colaboradores se encarrega de efetivar as lembranças, haja vista que essa relação deve ser construída em forma de confiança através do vínculo, por isso é necessário o contato entre as partes, a criação de uma relação de amizade, pois tais situações fortalecem a pesquisa e possibilitam a compreensão e apreensão dessas memórias (BOSI, 1995).

As lembranças produzidas por eles nos dias atuais carregam aspectos críticos, muitas vezes consciências dos desfechos vividos. Na inevitável vivência dessas situações, a lembrança trouxe a conformidade de alguns. Não se tratando de uma conformidade que os deixa imóveis, mas que os instigaram a promover mudanças.

O exercício da memória e a busca ao acesso dessas informações foram percorridos de forma diferente por cada um, embora houvesse uma uniformidade de aplicação do método com todos eles.

Expuseram suas narrativas de acordo com as lembranças reunidas em arquivos e nas conversas. A organização dessas narrativas foi realizada à medida que conduziram uma linha de pensamento que possibilitasse elencar questões e extrair o máximo de informações possíveis por meio de suas memórias.

Cada jovem representa um conflito, um debate que pode ser ampliado e conduzido por produções e informações recolhidas. As histórias aqui contadas são preciosas, pois são fruto de histórias vivenciadas por grupos da sociedade que são diariamente excluídos de seus direitos e delimitados em sua mobilidade.

As narrativas foram devolvidas e finalizadas em conjunto em os participantes. Não foi somente uma leitura das estruturas textuais produzidas, mas partiu de uma participação integral dos mesmos. Eles puderam fazer essas leituras e alterá-las, além de discutir entre si as possibilidades e seus percursos históricos. Essa produção partiu de encontros, nos quais

³⁰Ecléa Bosi utilizou-se da História Oral para desenvolver pesquisas relacionadas à memória na área da psicologia, a autora abriu o debate para a visualização da memória como um atuante meio de método de pesquisa em Psicologia Social (GIGANTE, 2009).

puderam compartilhar essas vivências e assim se teve o produto final de suas histórias, contadas e recontadas por eles mesmos.

3. A MEMÓRIA E A NARRATIVA: AS HISTÓRIAS DE EX-ESTUDANTES DO S.E.U.

Neste capítulo foram expostas as histórias dos colaboradores da pesquisa. A exposição foi organizada de acordo com a construção das narrativas de cada um deles e seguiu uma lógica de exposição que facilitasse a leitura e apreensão das histórias.

Essas narrativas são o produto final de contatos, conversas, mensagens, gravações e textos compartilhados pelos participantes, sendo construídas desde o início de 2018 até o início de 2019. Entre mudanças de memórias, conjunturas e transformações pessoais, as histórias foram terminadas em conjunto.

Como a História é viva e está em transformação o tempo todo, se as iniciassem no ano o qual as finalizo, talvez elas estivessem memórias influenciadas pelo presente com maior afínco, mas é o que se admite das memórias e da história: que elas estão em constante transformação.

3.1. O sapato e a privação de liberdade

É, eu nem trabalhava na verdade. Eu dependia do dinheiro que minha mãe deixava em casa e às vezes eu fazia coisa errada, “né”? Mas isso foi por causa da situação e, por ser jovem e não ter condição de poder ter tudo que “estava na moda”... A gente meio bobo e iludido queria correr atrás de alguma coisa a mais e fazia coisa errada. Mas aí, passado um tempo, eu saí dessa vida. Fiquei “de boa”, mas a situação me levou a fazer isso de novo. Não tinha como, eu não arranjava emprego, já era maior de idade, depois que já tinha sido mandado embora desse último emprego registrado. Aí eu roubei e fui preso. Fiquei preso por 52 dias, saí e falei: *“preciso mudar de vida, preciso fazer alguma coisa, senão meu fim vai ser na cadeia ou na fábrica de sapato. E eu não quero só isso pra minha vida”*³¹ (grifo meu).

Leonardo é um jovem de 22 anos, natural de Franca-SP. Fez cursinho por cerca de três meses, mas segundo ele foi o suficiente para conhecer outros ambientes e oportunidades. Desde muito pequeno vivenciou o setor calçadista da cidade. Viu sua mãe se dedicando ao trabalho nas bancas de pesponto e nas fábricas de sapato durante toda sua vida. Quando ainda criança, aos oito anos de idade, já ficava sozinho com sua irmã em casa, para que sua mãe

³¹ Narrativa concedida à autora por SILVA, Leonardo Antônio. **O sapato e privação de liberdade**. (Apêndice A). Franca- SP, 2018.

O bairro é um lugar onde se localizam muitas bancas de pesponto e comércios pequenos, que foram construídos de forma improvisada nas garagens dos predinhos. O Leporace, como é mais popularmente conhecido, não é um simples bairro operário. Possui uma estrutura física que ocupa uma área urbana grande. É um dos bairros mais populosos da cidade.

Fuentes (2006), em sua Dissertação de Mestrado em Engenharia Urbana pela Universidade Federal de São Carlos, fez um estudo sobre a implementação e o crescimento do bairro.³³ Ele foi teoricamente planejado como um projeto habitacional, contando com a construção de apartamentos e casas populares. O crescimento dos lotes se deu em maior demanda entre as décadas de 1984 e 1994, mas uma característica prevaleceu: o crescimento desordenado. A falta de apoio pelos órgãos públicos fez com que a população fosse responsável pelo crescimento em relação às suas necessidades próprias, sem planejamento e apoio público algum.

Inicialmente, era um projeto habitacional planejado, com infraestrutura básica de saúde e educação. Era organizado como um o espaço para expandir e incentivar crescimento da cidade. Entretanto, não foi o que realmente se sucedeu: com a expansão do comércio imobiliário e o crescimento da cidade, o bairro foi se expandindo e o planejamento inicial se destituindo. Nesse sentido, a urbanização do bairro foi crescendo ao sentido norte e expandindo-se de maneira desenfreada, sem o planejamento e apoio dos órgãos públicos urbanos. O resultado foi a precariedade de elementos básicos às necessidades da população, como o lazer, os centros comerciais, as escolas e as unidades de saúde (FUENTES, 2009).

O Leporace faz parte dos bairros da área norte da cidade que possuem essa característica periférica e de crescimento acelerado. São bairros localizados em uma distância relativamente grande do centro da cidade e de outros bairros. O Leporace como definido por Léo é quase uma cidade dentro de outra cidade, em comparação com outros bairros.

As praças foram apropriadas e se transformaram em comércios de lanches e ambulantes (comida, artesanatos, objetos etc). São as populares “lojinhas do Leporace”. As garagens se transformaram em lojas e comércios variados. O bairro cresceu com as

³³ “Podemos concluir que a forma urbana do Leporace não se reproduziu no entorno, vindo somente a prolongar as vias de maior importância na estrutura viária, observamos que de fato ocorreu o processo inverso. A ação humana interviu na paisagem vindo dar ao inusitado a forma que, convencionalmente, a população optou por ter, mesmo que condicionados aos aspectos econômicos, culturais e conjunturais” (FUENTES, 2006, p.128).

construções irregulares e improvisadas. O abandono e a falta de planejamento urbano delinearão a visão periférica do bairro.³⁴

Os espaços amplos e comunitários planejados originalmente tornam-se recortados e de caráter privativo, a população alterou o projeto, o zoneamento e os tipos de usos. As qualidades do projeto em prever amplos espaços públicos de lazer e áreas para atividades comerciais perderam seu significado por não terem sido implantadas. O projeto ficou em segundo plano, frente a um Estado omissivo e aos atores sociais que interviram sem projeto e sem orientação de profissionais qualificados (FUENTES, 2006, p.129).

A área norte da cidade é composta por outros bairros com características parecidas ao Leporace, todos eles possuem essa dinâmica de movimento, de trabalho e de cultura. Nas garagens desses prédios, também cresceram bancas de pesponto, além de lojas e outras modalidades de comércio.

Essa modulação do bairro formou uma cultura, uma forma de se viver, que correspondiam às oportunidades e espaços que eram frequentados por jovens como Léo. Ele classifica seus amigos como “*os meninos do bairro*”, porque em sua visão, são diferentes do restante da cidade, pois vivenciaram situações diferentes. Para Léo, o jovens do Leporace podem ser um exemplo do que é “*ser jovem*” na cidade:

Então, digamos que o “ser jovem francano” está muito relacionado à classe social dessa juventude. Porque, se for um jovem igual a mim, como os meninos lá do meu bairro que são todos iguais a mim. Se a mãe não trabalha em fábrica, ela é empregada doméstica. E, por exemplo, nos predinhos nós não tínhamos área de lazer por perto. Já começa aí, para gente poder ser criança e brincar. A gente tinha que improvisar e improvisava, “né”?

Então, se observamos o que Léo descreve por juventude, podemos ver a presença do bairro como fonte de limites em relação à construção de sua trajetória. O ser jovem

³⁴Essas lojas foram desapropriadas pela Prefeitura Municipal de Franca. O crescimento desenfreado começou a causar questionamento e desentendimentos entre população e órgãos públicos, o que fez com que a Prefeitura Municipal proibisse as construções irregulares de comércio no bairro. Para suprimir a demanda a alternativa foi à criação de “Centros Comerciais do CDHU” no bairro. As lojinhas foram demolidas por parte do CDHU e posteriormente realocadas nas construções construídas para tal função, o que não foi em comum acordo com a população residente (FOLHA, 2012; GLOBO, 2012).

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2012/07/1114020-cdhu-comeca-a-demolir-as-lojas-do-conjunto-leporace-em-franca-sp.shtml> e <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/08/moradores-do-cdhu-de-franca-sp-procuram-justica-para-evitar-obras.html>. Acesso em: 20 de dez. de 2018.

relacionado à classe social, que compõem um local de vivência (o prédio) define o que foi juventude (os meninos do bairro são todos iguais a mim) como uma classe social. Nesse sentido é importante observar que a falta de lazer também foi falta de planejamento habitacional e também uma importante definição de classe social.

A mãe de Leonardo começou a trabalhar como coladeira aos 13 anos de idade, segundo consta no seu primeiro registro. Ele descreve com admiração sua mãe que com as mãos calejadas sustentou a casa sozinha. Ia trabalhar sob sol e chuva e conta que inúmeras vezes a viu adoecendo “[...] eu tinha como espelho minha mãe, que trabalhava como coladeira e eu pensava em ser um pouco melhor. Pensava em talvez ser pespontador, pois ganhava um pouco mais, mas eu nunca gostei de trabalhar em lugar fechado.”

Foi um jovem privado de muitas vivências durante sua trajetória, desde situações simples, como o acesso à informação, à mobilidade e, até mesmo, teve seus direitos negados, por exemplo, quando ficou em privação de liberdade. Ele deixa evidente que a fábrica seria sua última opção de trabalho. Viu sua mãe sempre trabalhando em bancas e seu pai em fábrica, como a Amazonas³⁵.

A mobilidade sempre foi contraditória em relação aos jovens que ocupam os mesmo espaços que ele. Em geral, Leonardo descreve que eles não circulam para outros pontos da cidade. O bairro operário se torna sua única vivência urbana, como seu ambiente de vida e história. Pela condição social e as distinções de classe já estabelecidas, muitos outros jovens como ele, não participaram dos lazeres e distrações que aqueles de classes mais privilegiadas podiam participar.

[...] Por exemplo, eu andava e os seguranças ficavam me seguindo, em todo lugar era isso, mas no shopping era bem forte. Eu entrava numa loja e as pessoas ficavam me olhando e isso me incomodava, mas eu fazia de tudo pra não dar muita bola. Eu fazia de tudo pra aquilo não me atingir, não tem como, eu sou preto e eles vão ficar me olhando. Então...

[...] Para mim, isso de ir a pé ao shopping, eu preferia o trajeto de ir, a estar no shopping em si, porque eu me sentia num lugar totalmente excludente.

³⁵ Fundado em 1947 na cidade de Franca, interior de São Paulo, o Grupo Amazonas começou como fabricante de componentes em borracha para indústrias de calçados. Na década de 1960 passou a produzir outros componentes, como colas e adesivos, também fornecendo produtos para indústrias de setores de móveis, embalagens, colchões, espuma, madeira, gráfico, automotivo e para a construção civil, produzindo adesivos e selantes para serem aplicados em todas as fases da obra até o acabamento (GRUPO AMAZONAS, 2019). Disponível em: <http://www.amazonas.com.br/sobre>. Acesso: 13 de jul. de 2018.

Quem são os jovens identificados como pares para Leonardo? Segundo ele, são aqueles que foram reconhecidos quando estava no sistema prisional. Enxergava-se em vários jovens e essa leitura era feita não somente na semelhança dele em relação aos que eram de sua convivência, mas também pela sociedade que os colocou como uma mesma raiz de problemáticas institucionais.

Existe distinção entre as juventudes para ele. Principalmente porque enxerga que não está em condição de igualdade com outros jovens da cidade, sobretudo os de classe média.

[...] *E, pensando nesse ponto de vista, um jovem de classe média, por exemplo, tem direito de viajar tranquilo e ir em festa. Mas como você vai fazer isso com sua mãe ganhando menos de mil reais por mês e tendo que pagar as contas de casa sozinha? (grifo meu).*

Essa observação é nítida principalmente no que tange ao lazer e à mobilidade. Leonardo foi criado por sua mãe, que sempre foi operária, foram moradores de um bairro operário, no qual não existiam atividades de lazer para as crianças e para os jovens. Ele é enfático quando diz que “*o jovem de classe média tem direito de viajar tranquilo e ir a festas*”, pois se refere à sua privação desses espaços para ele. Em linhas gerais, a liberdade de “ir e vir”, para ele, nunca esteve presente, o que estimulou suas escolhas.

Porque a maioria dos meninos de lá [do Leporace] são filhos de mãe solteira também. E não tem como a mãe conciliar as contas de casa com o lazer do filho. Isso, porque hoje uma festa básica custa trinta reais e o transporte custa mais vinte, só aí já deu cinquenta reais. São cinquenta reais que a mãe podia comprar algo pra comer ou pagar uma conta. *Então, em comparação ao jovem de classe média é completamente diferente, porque o jovem de classe média francano tem essa juventude que vai aos bares, no shopping e tudo mais (grifo meu).*

O pensar em “ser algo melhor” é o espelho da realidade presenciada por ele. “Algo melhor” significa não estar em condições tão precárias como observou na vida de sua mãe; essa definição também está diretamente associada ao salário. Léo expõe que caso o setor calçadista fosse sua única opção, ele seria pespontador, diferente de sua mãe que era coladeira, porque o pespontador possui um salário relativamente melhor que os outros cargos.

Geralmente as configurações familiares não fogem dessa conclusão. Hoje as mães são coladeiras e os pais pespontadores. As crianças realizam serviços parecidos com os de suas

mães, também dobram ou colam os sapatos. O trabalho das mulheres e das crianças é o trabalho mecânico, mais barato e menos especializado (PRAZERES, 2010).

O que Leonardo também descreve é seu estigma perante a sociedade. Enfatiza que sempre foi visto como um problema e se definia como problema. Na escola essa questão foi ainda mais marcante, porque essa conclusão passou a ser relacionada com a sua perspectiva de futuro.

A escola da periferia valoriza o trabalho, independente das suas condições. Qualquer desvio dessa conduta culminava no abandono e na falta de perspectiva em relação ao aluno. E esse desvio de conduta não necessariamente se definia por ações de disciplina escolar e comportamento. Eram relacionadas ao trabalho, se um jovem na idade dele não era trabalhador, era estigmatizado, sem futuro.

Na escola. E isso vai ajudando a moldar o jovem, “né”? Porque a escola começa a dizer, nas entrelinhas, “isso não vira nada, não, vai virar bandido, nem pra lixeiro isso serve”.

O peso dessa frase está além do simples senso comum da escola. Cabe também um debate sobre a desvalorização de algumas atividades de trabalho, como as profissões dos garis e coletores urbanos. A estrutura social desses trabalhadores se associa à baixa escolaridade, às estruturas sociais defasadas e a criminalidade.

Em um estudo sobre o perfil do egresso do sistema prisional no mercado de trabalho, Toledo, Kemp e Machado (2014), expuseram as condições pelas quais esses trabalhadores estão submetidos e exemplificam quais motivos os egressos desse sistema são beneficiados por políticas de reinserção social através do trabalho. A ideia, que parte de um senso comum de desvalorização da profissão pela associação dela com a criminalidade, tem viés ideológico e preconceituoso, haja vista que, nem todos os trabalhadores do meio, são egressos de algum sistema de punição. E aqueles que são, participam de uma reinserção social e são submetidos à estruturas precárias de trabalho e desvalorização do trabalhador.

Outra pesquisa de temática parecida com a mesma metodologia de exposição de histórias de vida é o estudo de caso feito por Barbalho e Barros (2010) no qual explicam os estigmas e preconceitos vividos pelos ex-presidiários e como a visão do trabalho afeta no período posterior à vida na prisão. Entendendo que, para a sociedade, o trabalho é visto como uma condição para que o sujeito seja reinserido na sociedade.

Ele passou 52 dias privado de sua liberdade. Contou muitas situações difíceis, entre elas, o dia das mães na prisão, no qual não pôde ver sua mãe. Também quando sofreu de problemas de saúde enquanto aguardava seu julgamento. No período que Léo descreve como “inclusão”, ele ficou sem tomar sol e ver o dia, ou melhor, sem fazer absolutamente nada até ser transferido de raio³⁶.

Ainda assim, a lembrança mais marcante desse período foi o encontro de muitos meninos como ele. Todos jovens de classes populares, os “*meninos do bairro*”, filhos de mães operárias ou domésticas que os criaram sozinhas. Jovens negros que possuem uma história parecida com a sua e que, por negarem-se a estar privados de liberdade em fábricas de sapatos, são destinados a outras privações, como os sistemas de punição, uma vez que são considerados os “*bandidos*”. Definir o sistema penal brasileiro é prosseguir também com observação das estruturas sociais, principalmente, porque é uma estrutura punitiva que tem classe, cor e idade.³⁷

As desigualdades se manifestam em graus de vulnerabilidades diversas e uma delas é que o sistema prisional brasileiro. Ele reflete a verdadeira face da sociedade brasileira que nega os direitos da população pobre.

A juventude problemática é claramente a juventude pobre, explicou Leonardo. São os filhos dos operários, moradores das zonas operárias. O “ser jovem” para ele é uma questão de classe, já que ele mesmo assume não ter tido nem ao menos o direito de ser jovem.

Nas palavras dele, ao ser perguntado sobre quem são os jovens reconhecidos como semelhantes por ele no sistema prisional, utilizou do termo “menino” para definir a si mesmo e definir os amigos que encontrou na prisão. Apesar de serem maiores de 18 anos, ele os considerava meninos. Meninos que não dimensionavam algumas situações, demonstrando até certo ar de inocência em suas ações.

[...] Ele [o jovem no sistema prisional] não teve o acesso à informação, “né”?
Ele vai continuar pensando: “eu vou sair daqui e continuar na mesma “pindaíba” tendo que roubar bolacha do mercado pra comer” e ele tá ali escutando um cara dizendo que consegue trazer 100 quilos de qualquer

³⁶ Ele descreveu o espaço com detalhes, os “raios” é o equivalente a “pavilhão”, uma divisão dos espaços, cada raio tem uma quantidade de presos definida.

³⁷ De acordo com o relatório de 2018, feito pelo Banco Nacional de Monitoramento de Prisões (BNMP 2.0) o perfil dos presos no Brasil se configura com base nas seguintes estatísticas: 30,5% são jovens entre 18 e 24; 27% das prisões são ocasionadas por roubo; 54,96% são classificados como pretos e pardos (BRASIL, 2018). Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2018/08/987409aa856db291197e81ed314499fb.pdf>>. Acesso em: 04 de jan. de 2019.

coisa e só colocar ele pra vender e ganhar 10 mil por semana. É uma coisa bem... Em comparação com a fábrica de sapato também, né? Porque o salário inicial é de novecentos e pouco. E aí, na semana, em três dias, um jovem no tráfico roubando, pode ganhar isso ou até mais. Então, esse jovem sem acesso a informação, não que eu não seja esse jovem, porque eu já tinha certo acesso a informação, “né”? (grifo meu).

Nesse excerto ele compara o trabalho na cidade e a venda de “*coisas*”³⁸ ilegais. Principalmente em relação ao retorno financeiro obtido em ambas as funções. Nesse aspecto ele elencou os motivos pelos quais os meninos que teve contato no sistema prisional optavam por cometer os atos ilícitos: “*roubar bolacha para comer*”.

Outra questão é o fator “tempo”. O que em um mês um sapateiro receberia em dinheiro, em média “novecentos e pouco” (um salário mínimo), um jovem que optava por estar no sistema de vendas ilegais ganhava cerca de dez vezes esse valor, em uma semana.

Esse fator compensatório se vinculava também à necessidade. Leonardo explicitou as dificuldades dele e desses jovens. Visualizava a estrutura familiar, o trabalho precário e as condições financeiras, como fatores que impulsionavam as escolhas pelo “*mundo do crime*”. Explicou que não era uma situação fácil, porém mais acessível, às vezes uma alternativa possível de acordo com a realidade apreendida por esses meninos.

Menino pobre, é... Assim, nem digamos de um menino pobre. Porque se a mãe ainda é sapateira, por exemplo, eu tinha o lazer de ir pra casa dos meus avós no final de semana. A gente juntava um dinheiro de cada um, fazíamos um churrasquinho e todo mundo se divertia.[...] Tem um amigo meu que morava no prédio que era assim, ele passava muita dificuldade e, hoje em dia, ele está preso. Pode ser que seja por conta disso, provavelmente, ou pode ser que não, mas hoje ele está preso. E ele está aí reforçando a estatística: mais um pobre, preto, preso. Mais um número no sistema que não tem Ensino Superior, nem nada (grifos meus).

Do “*menino pobre*” começou a explicar a questão de oportunidades em sua infância e adolescência na cidade, muitas crianças crescem com a cultura do esporte, principalmente o basquete, no caso de Franca. Para os meninos são oferecidas inúmeras escolas de basquete na cidade, pois o Franca Basquete³⁹ é conhecido na cidade por ser um clube que ganhou muitos

³⁸ “Coisas” ilegais se referem a qualquer tipo de droga, ele descreveu que a maioria dos jovens encontrados na prisão estavam presos por porte ilegal desses produtos, grande parte trabalhava com o tráfico.

³⁹ Franca Basquetebol é um clube de basquete da cidade de Franca-SP que surgiu em 1959. Disponível em: <http://www.francabasquete.com.br/o-clube/sobre/>> Acesso em: 10 de set. de 2018.

títulos. Ir aos jogos de basquete faz parte da cultura francana, mas segundo Leonardo essa oportunidade não é para todos.

Os “*meninos pobres*” não vão ao Ginásio Poliesportivo Pedrocão assistir aos jogos e as escolinhas de basquete não são para eles. Ele lembra que as escolinhas de basquete cobravam mensalidades que ele e seus amigos não podiam pagar e, nos jogos de basquete, eram cobrados ingressos com preços que também não poderiam ser pagos por eles.

Ele conheceu o S.E.U. através do contato com umas de suas coordenadoras. Então, ela explicou como funcionava o cursinho e quais oportunidades o espaço poderia proporcionar para ele. O período em que conheceu o cursinho foi próximo ao tempo em que esteve em cárcere e, logo após sua saída reencontrou Marina, que era coordenadora na época e que o auxiliou em sua entrada no cursinho.

Após sua saída do sistema prisional, passou por um período de reconhecimento pessoal e de consciência de sua realidade, segundo ele, pelo auxílio dela pôde entender que existiam outras possibilidades e o S.E.U. era uma delas. Mas ainda teve que lidar com a sua condição após esse período de privação de liberdade. A procura por um emprego, a mudança de opiniões e as oportunidades que poderia ter.

Nas conversas, Leonardo expôs que se considerava uma exceção, pois teve sorte em encontrar alguém que o ajudasse a enfrentar o período após ter saído do sistema prisional. Ele explicou que muitos de seus amigos que saíram da prisão acabavam reincidindo e voltando ao sistema. Não é fácil ser estigmatizado como “*ex- presidiário*”.

Sobre sua escolaridade, ele terminou os estudos pelo Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Léo não fugiu das estatísticas, como ele mesmo apontou, a escola funcionou sempre como secundária e não mediadora de conflitos, porque o abandonou. Talvez colocar a frase assim tenha maior efeito de compreensão para Leonardo, já que o sentimento não foi relacionado ao seu abandono da vida escolar, mas no desamparo da escola em relação a ele. O abandono da escola não por parte dele, mas o abandono em relação a ele.

Atualmente ele faz um trabalho em parceria com a Fundação Casa⁴⁰ de Franca-SP e seu principal objetivo é dar um auxílio aos internos e explorar possibilidades e direitos que os adolescentes possuem. Também cursa a FATEC (Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo) e destaca que o S.E.U. teve uma atuação muito grande no conhecimento dele acerca do Ensino Superior.

No ano de 2018, juntamente com outros participantes do mesmo projeto e em parceria com S.E.U., ele aplicou a prova de seleção do cursinho aos internos da Fundação, para que os meninos conhecessem e tivessem a oportunidade de participarem do projeto, assim como ele.

Nesse ponto o S.E.U. não significou somente um cursinho pré-vestibular, mas também como uma forma de levar a informação e expandir as perspectivas de futuro de jovens como ele. Todavia, o cursinho não é um projeto que substitui às políticas públicas. Inúmeros outros jovens de realidades parecidas com a dele nem ao menos chegam até o cursinho.

Ademais, para Leonardo, é um projeto que assim como outros cursinhos pré-vestibulares somente existiu porque a universidade pública não pode dar acesso pleno a toda a população, o que excluiu, historicamente, jovens como ele.

3.2. O menino, a bicicleta e a banca de pesponto

No começo era um ajuda mesmo, até porque meu pai pegava os sapatos, me colocava na frente da televisão e dizia: “faz aí os rebites”. A gente fazia assistindo televisão, vendo os desenhos de forma tranquila. Fazíamos e depois entregávamos, então, aquilo era uma ajuda simplesmente, às vezes rolava um picolé, mas nada que a gente achasse que aquilo era por conta do trabalho.

Acho que comecei a pensar nisso quando entrei na quinta série, aí eu passei para a cola, passei a colar os sapatos, comecei a trabalhar com a cola. *Então, eu ia para a escola de manhã, voltava à tarde, almoçava e ia para a banca de pesponto no fundo de casa.* Ajudava meu pai a passar a cola, a virar o sapato, fazer essas coisas manuais que, até então, ele pagava uma pessoa para fazer, aí ele deixou de pagar uma pessoa e me colocou junto com meu irmão para fazer essa parte (grifo meu). *Acho que a partir daí começamos a ver que era realmente um trabalho, porque a gente recebia um dinheiro, eu*

⁴⁰A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), instituição vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, tem a missão primordial de aplicar medidas socioeducativas de acordo com as diretrizes e normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). A Fundação CASA presta assistência à jovens de 12 a 21 anos incompletos em todo o Estado de São Paulo. Eles estão inseridos nas medidas socioeducativas de privação de liberdade (internação) e semiliberdade. As medidas — determinadas pelo Poder Judiciário — são aplicadas de acordo com o ato infracional e a idade dos adolescentes (FUNDAÇÃO CASA, 2014). Disponível em: <<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=a-funda%C3%A7%C3%A3o&d=10>>. Acesso: 05 de jan. de 2019.

*recebia um dinheiro para poder ir de ônibus para a escola e também para gastar na escola*⁴¹ (grifo meu).

Leonardo Silva tem 21 anos, natural de Franca-SP. Fez cursinho durante dois anos seguidos. Prefere ser chamado de Moreno e, para fins de organização, irei me referir ao mesmo com seu apelido. Ele é graduando em Biomedicina na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), universidade localizada na cidade de Uberaba-MG.

Moreno expôs que, desde criança, estava dentro da banca de pesponto de seus pais. Quando era pequeno participava da produção colocando os chamados “rebites”. Rebites são mais fáceis de ser colocados por mãos pequenas.

Ele relata que seus pais tinham muito cuidado em relação ao trabalho e que sempre se preocupavam em incentivar os filhos aos estudos, mas a realidade dele não permitia que ele somente estudasse. Ele dividia seu tempo entre estudar e ajudar na banca de pesponto da família, além de também ajudar nos afazeres domésticos, já que sua mãe também trabalhava o dia todo.

A banca descrita por Moreno era localizada dentro da sua casa em um cômodo à parte. Assim como muitas bancas de pesponto na cidade, fazia parte do ambiente de convivência familiar. Ele se referia à ajuda em casa, pois não era um trabalho forçado e com horas calculadas e exatas. Desde muito cedo, Moreno aprendeu que deveria compor o trabalho familiar colaborando na produção dos sapatos.

Relata que estudou com bolsa em uma escola particular e quando não teve mais oportunidade de obtê-la, passou a estudar na escola E.E. Prof^o Mária D’Ellia, uma escola localizada na área central da cidade.

A escola possuía particularidades por ser uma escola localizada no centro. A condição econômica de seus estudantes se diferia da condição dos estudantes de escolas da periferia da cidade. Ele a definiu como uma escola mais “*elitizada*”. A família de Moreno sempre se preocupou em pensar em sua qualidade de estudos, por isso a escolha da escola. Por ele ser advindo de uma escola particular, conseguiu uma vaga com maior facilidade no local.

Ele não morava perto de onde estudava. De forma semelhante à maioria da juventude de família operária, Moreno vivia em um bairro afastado do centro, cujo nome era Jardim

⁴¹ Narrativa concedida à autora por SILVA, Leonardo Aparecido. **O menino, a bicicleta e as oportunidades de vida** (Apêndice B). Franca-SP, 2018.

A representação que a bicicleta tem para ele envolveu sua relação com o ambiente estrutural e social da escola. O ônibus e a bicicleta eram seus únicos meios de transporte e a escola era um local que era composto por jovens que não possuíam o mesmo contexto que ele. Em suas palavras: “[...] *como era localizada no centro e considerada uma das melhores, muitos alunos de escola particular foram estudar lá, então os alunos de lá tinham condições de pagar uma escola particular, mas mesmo assim ficavam lá.*”

Por possuir sua localização no centro de cidade, a escola recebia alunos com mais recursos e, historicamente, a E. E. Prof^o Mario D’Ellia⁴³ tem em sua composição estudantes que possuem condições sociais mais “privilegiadas”, como mencionou Moreno.

Depois da sétima série aumentou um pouco o número de alunos vindos de escola pública, aí tinha mais gente indo de ônibus e bicicleta. Aí juntei um dinheiro e comprei uma nova, aí eu até chegava atrasado para que todos vissem minha bicicleta nova. Passou a ser mais aceitável ir de bicicleta, até estacionamento para bicicleta começou a ter.

Segundo o IDEB⁴⁴ (2015), a escola possui um Indicador de Nível Socioeconômico – (INSE)⁴⁵ considerado médio alto e sua nota está acima de mais de 80% das escolas da cidade. A escola é uma escola estadual, mas por sua localização seus alunos possuem um perfil socioeconômico diferente da maioria de outras escolas que também são públicas.

Em suas próprias descrições, ele enxergava que havia uma diferença entre as turmas da escola e que essa diferença era esclarecida entre a administração da escola e os alunos. Ele se referiu a esses alunos como “do particular”, pois eles eram alunos que advinham das escolas particulares da cidade e que tinham condições de custear o ensino privado. Essa situação sempre foi nítida, segundo ele a escola também os definia assim.

⁴³ E.E. Prof^o Mario D’Ellia. De acordo com o IDEB (2015) 86,88% (das 38 escolas estudais na cidade) possuem notas inferiores às notas da escola. O Indicador de Nível Socioeconômico – INSE da escola é considerado alto. Disponível em: <<http://inep.gov.br/consulta-ideb>>. Acesso em: 13 de jul. de 2018.

⁴⁴ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos considerados importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações (BRASIL, 2018). Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/ideb>> Acesso: 13 de jul. de 2018.

⁴⁵ Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas foi criado no ano de 2014 e se trata de uma medida com objetivo de situar os alunos atendidos por cada escola em um estrato que é definido pela posse de bens domésticos, renda e contratação de serviços pela família dos alunos e pelo nível de escolaridade de seus pais (BRASIL, 2018).

Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2011_2013/nivel_socioeconomico/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico.pdf>

.Acesso: 13 de jul. de 2018.

[...] *Mas meu primeiro ano foi de muito sacrifício, eu estudava de manhã, precisava levar marmitta que eu escondia, até porque o Mário D'Ellia passava por um momento bem específico.* Eles estavam aceitando todos que vinham de escolas particulares, tanto que havia uma sala somente de pessoas que eram advindas de escolas particulares e uma sala com pessoas das escolas públicas. Havia três terceiros e mais uma sala somente com estudantes que foram de escolas particulares.

[...] Moreno: Sim, era uma sala do particular, que era conhecida como “a sala do particular”.

Maísa: Eles literalmente separaram as salas?

Moreno: Sim, isso na administração, aí essa separação vinha nas salas para os alunos. Não que eles nos excluíssem, mas a sala deles ficavam em uma outra parte da escola específica e durante o recreio nem tínhamos convivência. *Nas filas da lanchonete estavam eles, e a gente estava na fila da merenda (grifos meus).*

Continuando sua narrativa, Moreno descreveu que sua vivência na banca de pesponto foi muito imbricada com sua própria vida pessoal e participou da vida de sua família assumindo seu próprio controle. Toda a organização familiar era pautada pelo trabalho nas bancas, seus horários, as atividades familiares e o lazer, são situações especificadas por ele.

Ele não demonstrou uma visão negativa da sua infância e, sobretudo da banca, mas deixou evidente que sempre quis sair desse ambiente e suas perspectivas não se relacionavam com o trabalho no setor calçadista. Aos 15 anos possuía o que deduziu como uma jornada dupla de trabalho:

Eu chegava em minha casa e fazia minhas tarefas e ia ajudar ele, basicamente eu também tinha uma jornada dupla, ajudava ele à noite. Começou a procura por uma chance de emprego como aprendiz porque eu queria sair daquilo, eu me esforçava para ser um dos melhores alunos da escola, para não ter que fazer uma banca de pesponto, não ter que depender de uma banca (grifo meu).

Pois se dividia entre trabalhar na banca e conseguir conciliar o estudo. Trabalhou durante alguns anos fora de casa, estudava e depois trabalhava ajudando seu pai no período noturno. Seu pai também possuía uma jornada dupla, trabalhando períodos fora de casa e logo após seu expediente, também produzia na banca de pesponto de sua casa.

Era sair daquilo, não levar aquilo pelo resto da vida. Imagine só, você vive sua infância inteira em uma banca e, de repente, a banca de pesponto é a

sua vida, o seu meio de obter dinheiro. Era isso que eu queria evitar, foi aí que comecei a pensar em outros caminhos, na universidade. Até o colegial, quando entrei para o cursinho, aí eu não quis mais nada, além disso. Mas ainda no colegial eu trabalhei como aprendiz, em um estacionamento onde eu lavava os carros todos os dias, independentemente se os carros estivessem limpos ou não (grifo meu).

Quando definiu seu trabalho nesse período, ele o expôs como uma “ajuda” e não como trabalho, porque para ele seus pais sempre foram flexíveis quanto a essa questão. Além do mais, ele sempre possuiu a consciência de que era necessário colaborar e ajudar nas despesas da casa, pois a banca se transformou na vida de sua família, como descreveu. “[...] Quando entrei na universidade, foi aí que percebi que eu já era um adulto há muito tempo”.

Segundo Moreno, a falta de opções para os jovens na cidade mostrou o que a cidade queria dessa juventude, em linhas gerais, demonstrou que os jovens são formados para o trabalho e a prioridade é sempre essa, de acordo com sua visão e vivência. E o que foi ser jovem para ele? Ele respondeu associando a cidade ao seu contexto, partindo da relação com seu trabalho:

Basicamente era Franca te dizendo que você deveria trabalhar com aquilo, com calçados, não tinha como. Fui da infância direto para o trabalho adulto e foi isso que era para ser vivido mesmo.

Então, acho que o meu “ser jovem” não existiu. Passei dessa fase e foi despercebido, não tinha lugar para sair. Não tinha cultura, tinha poucos eventos, como a EXPOAGRO, mas não podíamos entrar, então não vivi. Alguns momentos fui ao shopping, mas não participei de nada (grifo meu).

A alternativa encontrada por ele para ter uma vida social e conseguir se socializar foi a entrada para grupos religiosos. Chegou à conclusão, ao buscarmos essa lembrança que os dias que passava se dedicando aos grupos católicos eram dias de lazer e de divertimento para ele.

Como minha família não tinha dinheiro, não tinha condição de me dar dinheiro para sair, ir ao shopping, coisas assim, eu não saía. Aí a alternativa que eu encontrei foi entrar para a igreja, então eu entrei. Esse “entrar para a igreja” era para sair, tinha compromissos na terça, sábado e domingo.

Toda terça-feira que eu saía para ir à igreja e ficava no centro até a tarde, era meu dia de ser jovem. Depois voltava para a casa, ajudava a lavar a louça e nas tarefas domésticas, depois ia para as manuais (grifo meu).

Como descreveu, a igreja se tornou uma forma de interação e socialização. Ao passar pelo período ele pôde vivenciar espaços que diferiam somente do ambiente da banca de sapato. O dia de ser jovem de Moreno se passava nesses momentos, mesmo que por horas delimitadas, a convivência e a ocupação de espaços como o centro da cidade proporcionavam um lazer.

Nesse ponto, em uma das conversas, ele destacou a dimensão desse momento em sua vida. Não eram somente grupos de cunho religiosos, mas se valia em muitos outros aspectos, era seu único meio de socialização, eram os grupos que compunham suas relações afetivas, seu lazer e sua distração.

O S.E.U. também teve esse papel na vida de Moreno. Significou para ele um acolhimento, funcionou como um espaço afetivo e de conforto. Ao remeter a essa memória, a primeira descrição que lhe veio à cabeça foi o momento em que não se sentia envergonhado em levar a marmita para o espaço do cursinho. Inclusive relata que “*eram várias marmitas*” e que não tinha receio de expor sua necessidade em relação a isto.

A bicicleta não era um problema, nem era uma questão em relação ao trajeto do cursinho. Ele descreve que era comum, se sentia uma “*pessoa normal*” indo de bicicleta estudar. Ambas as situações fizeram do cursinho uma parte importante da sua vida, esse conforto serviu de segurança e amparo, fez Moreno sentir-se parte de um grupo de pessoas que eram semelhantes a ele. O cursinho representou uma convivência entre pessoas que partilhavam de histórias de vida parecidas com a sua. A bicicleta e a marmita já não eram mais um empecilho social para ele.

A família de Moreno o definia com “*o perfil de estudante*”. Sempre o incentivou aos estudos. Moreno explicou que sentia o peso dos estudos sobressaindo ao trabalho em sua casa, mas manteve firme sua decisão de procurar algo além da banca de pesponto.

Relatou que na época em que fazia o cursinho, havia uma crise grande de desemprego na cidade, o que o levou a não conseguir um trabalho fixo, haja vista que nessa época seus pais haviam fechado a banca de pesponto.

O curioso é que ele destaca que “*fingia*” procurar emprego enquanto ia estudar na Biblioteca Municipal de Franca⁴⁶, na qual passava todas as tardes se dedicando aos estudos.

A minha mãe disse que eu sempre tive o perfil de estudante, em teoria, eu realmente não deveria estar estudando, porque eu já havia terminado a escola. Mas naquele ano, estava com muito desemprego na cidade, então eu usei isso ao meu favor, eu falava para meus pais que estava procurando emprego, mas na verdade não estava, estava estudando. Ela sabia que eu estava estudando, mas achava que eu estava procurando emprego também.

Como expôs Barbosa (2016), é comum na cidade momentos de intenso de desemprego. Essas crises ocasionadas pela flutuação do mercado desenvolvem momentos nos quais os trabalhadores terão que lidar com o desemprego ou com a baixa produção. O que a família de Moreno vivenciava não era um momento isolado em si, mas uma característica estrutural de Franca-SP.

Fato este que o favoreceu em certos pesos e medidas, visto que Moreno utilizou da transferência da culpa e da sombra do desemprego como uma oportunidade de estudos. Não que ele se vangloriasse de estar em condição de desemprego ou tenha se considerado privilegiado por essa questão. Pelo contrário, se sentia impotente em meio às procuras anteriores. Seguiu sua vontade, a de estudar e, para tal questão, encontrou uma alternativa.

O S.E.U. também foi um espaço de aprimorar suas escolhas em relação a sua carreira e foi essencial no seu reconhecimento como futuro profissional da Biomedicina. O destaque para a importância do conhecimento das ações de permanência estudantil por parte das universidades, considerando que hoje ele depende desses subsídios para se manter nos estudos.

Moreno é um jovem negro de classe popular, reconheceu que sua experiência ao entrar na universidade foi de um reconhecimento do espaço que ocupa. Ele contribuiu com a pesquisa quando questionou em sua universidade o número de negros matriculados em seu

⁴⁶ Biblioteca Municipal de Franca que fica localizada no antigo colégio Champagnat. Na época, o Cursinho S.E.U. possuía sua sede no centro da cidade, perto da Biblioteca Municipal. É importante ressaltar essa informação devido ao fato que as problemáticas citadas ao longo da pesquisa se direcionam à questão de mobilidade e ocupação dos espaços por esses jovens. O prédio no centro da cidade era uma estratégia pensada para contemplar os estudantes trabalhadores, considerando que todos os ônibus que circulavam nos bairros da cidade passavam pelo terminal central que era localizado na mesma rua que a sede do projeto, próximo a Biblioteca Municipal e aos estabelecimentos comerciais. Em 2016 devido ao corte de verbas, o S.E.U. teve que se mudar para o Campus da UNESP de Franca, localizado na Zona Leste da cidade. Poucas linhas de ônibus realizavam o trajeto. Foi o maior número de evasão já registrado no cursinho e o perfil socioeconômico do processo seletivo do ano de 2017 revelou uma mudança no perfil dos selecionados.

curso de graduação. Segundo informações coletadas por ele, são 12 alunos declarados como negros em meio a 180 alunos matriculados no curso de Biomedicina da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) (informação verbal). Ele é um dos 12 negros, 7% do total de estudantes do curso.⁴⁷

Em consonância com os projetos populares como o S.E.U., a institucionalização da política de reserva de vagas possibilitou que seus alunos pudessem se beneficiar do direito à entrada em universidades tais como a UFTM, em cursos como Biomedicina. As ampliações das políticas das ações afirmativas são palco de muitas discussões na política educacional brasileira e são muitos os estudos de casos sobre as diferentes reverberações em universidades federais. Individualmente, para Moreno, elas foram de grande importância no processo de entrada ao Ensino Superior.

E as cotas não agem sozinhas por si. Moreno as associa com programas de permanência na universidade, pois foi a partir desses subsídios que houve a possibilidade de continuar os estudos em outra cidade. A política de cotas não termina na entrada desses grupos na universidade, ela não tem grande repercussão se não for acompanhada de políticas direcionadas à permanência desses estudantes no ambiente universitário. Isso é importante para Moreno, uma vez que sem esse auxílio, ele não daria continuação aos estudos.

A luta pelo acesso ao Ensino Superior não termina no simples ingresso aos cursos, mas também nas políticas de permanência desses estudantes. O S.E.U. desenvolve um trabalho informativo ao introduzir os alunos às políticas de acesso e permanência na universidade. No fim, a luta pela democratização da educação é protagonizada por pessoas como Moreno, que estão entre estatísticas pequenas. Exerçeram seu direito de entrada na universidade e dependem da assistência e continuidade dessas políticas para permanecer e se tornarem profissionais formados. Não é uma trajetória simples, é uma longa jornada.

3.3. A memória de quem nunca se identificou com a fábrica

Quando era *mais* criança não era nenhum trabalho com horário fixo ou pesado, era mais simples e em nível de ajuda, então acabava não recebendo nada, às vezes ganhava um CD de Playstation, para ajudar toda semana, mas era mais sossegado.

Quando cheguei aos 14/15 anos já era mais sério, também já queria ter o dinheiro para fazer outras coisas e aí a gente já conseguia. Mas sempre

⁴⁷ Informação verbal concedida a Leonardo Aparecido Silva (Moreno) pela secretaria do curso de Biomedicina da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no campus de Uberaba-MG em abr. de 2018.

dependeu muito de como estava à situação em casa, quando estava dando tudo certo era mais fácil recebermos, quando estava mais difícil segurávamos e, querendo ou não, o dinheiro que recebíamos ficava em casa, dependendo da situação, às vezes o dinheiro que eu não recebia seria usado para ajudar em casa, então ficava na mesma (grifo meu).⁴⁸

Diego tem 25 anos, é natural de Franca-SP. Atualmente faz História pela Universidade de Brasília (UnB). Mora na cidade de Brasília-DF. Como outros dos jovens do S.E.U., também está inserido na classe de trabalhadores do setor calçadista na cidade. Sua mãe sempre foi coladeira e trabalhava em esteira e seu pai foi pespontador. Nessa síntese inicial da sua narrativa, ele utilizou a palavra “*mais criança*”, para se referir ao período no qual começou a trabalhar.⁴⁹

Primeiramente sua família trabalhou em uma banca na casa de outras pessoas e posteriormente construiu uma dentro de sua casa. Ele trabalhou nessa banca de sua família durante toda a infância e adolescência. Deu ênfase de que não era um trabalho muito pesado e sim uma ajuda. Somente após os onze anos de idade passou a intercalar o trabalho com os estudos, ajudando com mais seriedade e maior quantidade de serviço.

“Mais criança” se refere a um período bem antes dos seus onze anos. Logo que pôde desempenhar funções motoras para a realização de atividades repetitivas já estava trabalhando na banca. Esse termo passou a ser existente no seu vocabulário para exemplificar como começou a trabalhar muito precocemente. Segundo Diego, histórias de famílias como a sua são muito comuns nas casas dos trabalhadores da cidade.

Moreno, em sua narrativa, também descreveu que colocava os rebites, assim também expôs Diego que, além dessa função, citou outra atividade desempenhada por crianças: o ato de “*passar a cordinha*”. As mãos pequenas ajudam na agilidade desse trabalho que é minucioso, também por ser um trabalho manual e mais simples, as crianças podem realizá-lo sem maiores complicações.

A gente sempre dava força, porque para fazer bolsas e sapatos sempre tem aqueles botõezinhos que dá pra apertar e colocar, ou passar a cordinha - que é como eles falavam; só que quando eu tinha uns 10/11 anos, eu comecei a

⁴⁸ Narrativa concedida à autora por ALVES, Diego Eduardo. **A memória de quem nunca se identificou com a fábrica** (Apêndice C). Franca-SP, 2018.

⁴⁹ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente ([Lei N° 8.069/1990](#)) considera-se criança o período de vida que vai até doze anos incompletos (BRASIL, 1990).

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso: 10 de dez. de 2018.

ajudar mesmo. Estudava de manhã e a tarde eu ajudava e, quando estudava à tarde, ajudava outro período. Mas sempre passava parte do dia ajudando.

O trabalho infantil na cidade é naturalizado e Diego foi uma dessas inúmeras crianças que foram acometidas desde muito novas pelo trabalho nas bancas. Lourenço (2014), na pesquisa com as famílias francanas, expôs uma realidade muito obscura acerca dessas atividades. Esse campo insalubre de atividades, como colar os sapatos, dobrar o couro e passar a cordinha, aos olhos de quem vê o trabalho de longe, parecem atividades com prejuízos mecânicos e sociais/culturais para as crianças. Mas passam além desses problemas, são riscos à saúde da família e, sobretudo, das crianças.⁵⁰

Uma característica muito presente em Diego é que sua relação com a cidade traz sentimentos que ele não recorda como bons. Talvez pelo seu histórico de dificuldade em sair do seu ciclo de trabalho e pelas dificuldades que enfrentou com sua família, ele deixou evidente que sempre quis sair do meio calçadista. Recusou-se a se especializar em áreas do setor, ajudava em casa pela consciência da necessidade em que vivia e não por pensar em estar no meio. Nas suas perspectivas de futuro nunca vislumbrou nem por última opção estar em uma banca ou fábrica de sapato. Mesmo que sua realidade tenha o empurrado para tal contexto, ele decidiu desde cedo que não ficaria no mesmo lugar.

Resgatar as memórias e apropriá-las como forma de utilização histórica é um exercício que demanda muita sensatez em pensar na relação sentimental na qual o participante presente se descreve. É importante deixar enfatizado que Diego não menciona sua história através da falta de “perspectiva de futuro” e sim na vontade de ter um futuro diferente.

Ele não tinha perspectivas reais, planos traçados ou pensamentos de como chegar a alguma ruptura que possibilitasse que ele saísse de seu ciclo normativo de vida. Mas almejava sair e sabia o que queria, mas não sabia como conduziria suas vontades.

⁵⁰ A cola de sapateiro é também conhecida como “cola de contato” é um adesivo de contato utilizado para colar os sapatos. O cheiro das casas é extremamente forte e os riscos com o contato e inalação são relativamente grandes. O perigo ocorre principalmente porque o principal composto químico utilizado na fabricação dessas colas é o *tolueno ou metilbenzeno*, ele é um hidrocarboneto aromático, com odor característico. Quando inalado é facilmente absorvido pelo organismo e levado até a corrente sanguínea. Tem efeitos ativos no cérebro causando sensações emotivas e psicológicas, sendo um solvente que causa dependência química e possui um nível de toxicidade alta (FORSTER; TANNHAUSER; TANNHAUSER, 1994). De acordo com Augusto; Kulay e Franco (2012), a exposição a esse tipo solvente tem efeitos neurológicos, psicológicos e emotivos, quando combinado com exposições do ambiente, como ruídos e demais precariedade de espaços, provoca ainda alterações nos processos relacionados à audição, ao olfato e à visão do trabalhador.

Sua relação com o cursinho foi de proximidade. O S.E.U. foi como uma porta de possibilidades reais para ele, à medida que se reconheceu em pessoas como ele, de uma classe social parecida com a sua.

Não sei, eu não tinha muita coisa, eu cresci trabalhando em uma banca de pesponto, trabalhei em outros lugares, nada muito longo, sempre voltava para a banca.

Antes de chegar no 3º colegial não sabia o que iria fazer. Sempre tive vontade, era uma coisa minha, sempre quis sair de Franca, vontade de trabalhar com outra coisa. Mas sempre voltava para o mesmo ciclo, não tinha um plano de como fazer isso, aquilo era o que tinha e dava para fazer e, apesar de me recusar a aprender a pespontar, não fiz curso no SENAI, que quase todo mundo faz (grifo meu).

Diego nunca questionou sua trajetória nas bancas, mesmo não gostando do trabalho. Sempre foi uma situação colocada a ele e o questionamento deu lugar à conformidade. Ele explica que se conformava em ajudar na vida financeira familiar, mas isso era relacionado ao seu entendimento como necessidade e não como escolha. Como compunha as despesas da família sabia de suas obrigações. Essa conformidade se relacionava com suas obrigações e vivências, mas não ao que queria no futuro, não se conformava em estar sempre no mesmo ciclo e nem com o trabalho. Entendia que em sua realidade era necessário passar por essas situações.

[...] Meus dois irmãos mais velhos, um fez curso para corte e pesponto, outro para ser modelista, mas todos voltados para o setor dos calçados. Mas eu não quis! Mas não significou que não trabalhei nas bancas, continuei na mesma situação, passando cola, dobrando, serviço de mesa, que é como eles falam nas bancas. Então, eu não sabia o que iria fazer, durante a adolescência eu pensava em fazer um curso de informática, de inglês, mas nada muito incomum.

Ele teve como exemplo seus irmãos em duas situações. Na primeira quando percebeu que eles também seguiriam o ciclo da família continuando os trabalhos nas bancas e, posteriormente, adquirindo o conhecimento de mão de obra especializada por meio de cursos técnicos oferecidos na cidade. Os mesmos irmãos que serviram como espelho para ele se atentar ao fato da repetição de gerações foram os mesmos que lhe apresentaram o cursinho.

Diego conheceu o cursinho por meio dos seus irmãos. Eles haviam participado como alunos em anos anteriores, assim Diego passou a ter conhecimento da existência do S.E.U..

Ficou no cursinho durante três anos, conta que passava os dias inteiros, quando podia, no prédio de sala de aulas. Não somente pelo ato de estudar, mas de socializar, de construir afetos, amizades e oportunidades. Quando foi aprovado na universidade, se juntou ao quadro de membros voluntários do cursinho.

A educação também é um espaço de acolhimento. Os cursinhos pré-vestibulares são voltados à ideia de exposição de conteúdo e resultado em nível de aprovações. É inevitável não associá-los à venda da educação e à condição de competitividade promovida por verdadeiras empresas. Mas os cursinhos populares existem com intuito de promover uma educação não formal diferenciada desses cursinhos pré-vestibulares nos modelos de empresas, por isso Diego definiu o cursinho como diferente, acolhedor.

A busca pelos resultados de um cursinho popular não são a relação numérica de aprovados nos processos seletivos das universidades. Embora esses resultados sejam importantes para a condição final de existência de uma categoria definida como “pré-vestibular”, eles não são o seu principal objetivo.

O processo é muito mais importante que os resultados. O acolhimento, o acesso às informações, os direitos de permanência em universidades públicas e o contato com conteúdo didático proposto para seleção, foram alguns parâmetros citados por Diego como importantes em sua vivência no S.E.U..

O S.E.U. é organizado e coordenado em sua maioria por graduandos e não graduandos, geralmente jovens. Não é uma relação de maturidade em relação à idade e formação, mas no processo contínuo de transformação. Um cursinho popular se altera e modifica pelo tempo, pelo contexto e pelos ideais de quem o coordena e, embora prevaleça uma ideologia, uma síntese de ações, sua transformação é infundável.

Por vezes, é natural encontrar cursinhos que se definam como “educação popular” e levarem essa mesma bandeira ideológica. Cabe uma discussão mais complexa sobre o termo em si e as funções e objetividades dos cursinhos pré-vestibulares populares. Mas o termo é corriqueiramente associado à prática pedagógica como aplicação e método, principalmente sobre os ideais e perspectivas de educadores como Paulo Freire (FREIRE, 1996).

A autonomia e a criticidade do saber, perante os conteúdos e a relação entre alunos e professores são raízes pedagógicas de projetos como o S.E.U.. A prática libertária e progressista de uma educação voltada à igualdade, respeito e autonomia dos estudantes são parte das práticas pedagógicas elencadas como importantes no processo educativo proposto

nas matrizes curriculares do cursinho. Acreditar em educação que emancipe e tenha potencial de transformação do mundo. Essa crença e esperança propostas por Freire são premissas presentes nas metodologias aplicadas pelo S.E.U. (FREIRE, 1996).

Continuando a história de Diego, sua trajetória fez caminhos diferentes do previsto por ele. Optou primeiramente por cursar História na UNESP de Franca e, em seu primeiro ano de universidade, foi coordenador discente do S.E.U.. Ficou apenas por dois anos na mesma universidade, posteriormente pediu transferência para o curso de História na Universidade de Brasília (UnB), mudando-se da cidade de Franca-SP para o Distrito Federal-DF.

Essa mudança também significou a clareza de algumas situações, no caso, o posicionamento de Diego sobre seus anos como aluno da UNESP Franca. Ele evidenciou o motivo pelo qual o número de francanos matriculados na faculdade é muito pequeno; como universitário ele pôde enxergar o distanciamento entre a cidade e a faculdade.

Diego observou que eram raras as situações as pessoas da cidade frequentavam a faculdade. A cidade não possuía interatividade nenhuma com a UNESP Franca. Também destaca que a universidade não é uma via de possibilidade para o trabalhador, então, não desperta o interesse da população em compor tal espaço. Em sua visão, a própria constituição de cursos e espaços na faculdade não corresponde aos interesses locais.

[...] Não é engraçado? Você pensa que eles colocariam cursos relacionados ao contexto. Franca é conhecida por ser pólo nacional do calçado, mas não se relacionam. Direito talvez em relação trabalhista, talvez Relações Internacionais? Mas dá pra ver, não tem nada a ver, a população não reconhece.

Na verdade tem um conflito. Os francanos não gostam dos “unespianos” como somos conhecidos, não se dão bem, é totalmente separado. Tem aumentado o número de francanos aqui, mas é mínimo. As pessoas se surpreendem mais quando você fala que é de Franca, do que quando você é de outra cidade. Vir da ponta do país surpreende menos do que ser de Franca.

Mas por que a escolha de transferir para outra universidade em um mesmo curso? Para ele o significado emotivo e o peso da memória se fizeram presente na escolha: a cidade natal sempre transmitiu lembranças muito dolorosas e nunca foi um ambiente desejado por ele. Optou por ir embora da cidade e era uma escolha já definida há muito tempo. O que o levou em 2017 a pedir transferência para outra universidade, no mesmo curso. Era uma necessidade ir embora, uma necessidade de esquecimento.

Diego recebeu bolsas para sua permanência no curso de História pela UNESP Franca-SP. Nos anos em que esteve presente na universidade dependeu desses auxílios para conseguir estudar sem precisar trabalhar. Descreveu que morar em Brasília não significou estabilidade, quando se mudou para a cidade, teve que contar com a possibilidade de ter esses auxílios financeiros da universidade e conseguir sobreviver com os recursos necessários, considerando que Brasília-DF possui um custo de vida bem mais alto que Franca-SP.

Hoje conseguiu todos os recursos possíveis em relação à permanência e vive em Brasília com esses auxílios. Mesmo com a incerteza se os conseguiria ou não, ele optou por arriscar e sair de sua cidade natal.

A mudança demonstrou seus sentimentos em relação a Franca-SP, principalmente porque a cidade se tornou hostil para ele. Claramente não se sentia bem na cidade e, o contexto de sua família que, até hoje trabalha no mesmo setor teve muita influência nessa visão. Ao fim, as conclusões são relacionadas à suas possibilidades de escolha e de conseguir romper um ciclo, mesmo que as condições não fossem as mais favoráveis.

3.4. As linhas de pesponto, a laranja e a busca por identidades

Quando fiz treze anos eu já comecei a trabalhar, a minha tia, a mesma da banca de pesponto, abriu uma cantina em uma escola particular em Franca, que era no Samaritano, uma escola que não é tão cara, mas também não é acessível. E eu comecei a ajudar ela com treze anos, eu estava na sétima/oitava série, meu pai me buscava e me levava de bicicleta até o Samaritano. Então, eu não almoçava, não dava tempo. *Eu almoçava depois que todos os alunos, que tinham a mesma idade que eu estavam dentro da sala de aula. Então eu estava atrás do balcão, atendendo pessoas com a mesma idade que eu, em uma escola particular (grifos meus).*

Aurélia⁵¹ teve uma história parecida: ela também foi coordenadora discente do S.E.U., formada na UNESP de Franca, tem 24 anos, natural de Franca-SP. Para Aurélia, uma lembrança muito marcante era o trabalho de sua mãe, sobretudo do que sua mãe lhe contou quando estava grávida.

Aurélia é advinda de uma família matrimonial, ou seja, sempre estiveram presentes seu pai e sua mãe. Ela passou parte de sua juventude trabalhando com sua tia, que era dona de

⁵¹ Entrevista concedida à autora por GOMES, Aurélia Garcia. **As linhas de pesponto, a laranja e a busca por identidades.** Franca-SP, 2018.

uma banca de pesponto e, posteriormente, de uma lanchonete que se localizava dentro de uma escola particular na cidade. Começou a trabalhar aos treze anos de idade, grande parte do seu tempo era dedicado ao trabalho, o que fazia com que às vezes não sobrasse tempo para as refeições.

A memória de sua mãe coloca-se de maneira central em sua memória. Essa foi a definição de Aurélia para conduzir suas próprias lembranças. E nesse ponto, é necessário elencar algumas questões sobre o trabalho feminino.

Hirata (2002) explica que as condições do trabalho feminino adquirem algumas características específicas no processo de produção nas sociedades capitalistas. A relação de empregos entre as mulheres aparece em dois extremos. Houve uma bipolarização das funções das mulheres em trabalho assalariado qualificado. Mas as mulheres ainda se concentram em áreas como saúde, educação e serviços pessoais. Essas mulheres possuem altas qualificações, são arquitetas, engenheiras, médicas, professoras etc. Contudo, no outro extremo, encontramos as mulheres que desempenham os trabalhos de menor qualificação, com baixos salários, sem reconhecimento social. Esses dois extremos são o que Hirata (2002) definiu como bipolarização.⁵²

O desenvolvimento do emprego em serviços está, assim, estreitamente ligado a esse movimento e às crises econômicas e recessão que levam mulheres inativas sem qualificações reconhecidas a entrarem no mercado de trabalho (HIRATA, 2002, p. 159).

O setor com maior crescimento foi o setor de serviços pessoais (cuidadoras de idosos e crianças e trabalho doméstico remunerado, por exemplo), que reforça os estereótipos de gênero e funções na sociedade, com a desvalorização desses serviços, a má remuneração e as condições precárias às quais essas mulheres estão submetidas (HIRATA, 2002).

Ocorreram mudanças no trabalho feminino que acompanharam o ritmo das mudanças trabalhistas ocorridas nos desenvolvimentos das sociedades capitalistas. Porém, há uma dualidade nesse sentido. Conforme explica Hirata (2002), as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelos serviços domésticos que, em contramão da evolução nos setores

⁵² A autora usa como referências na discussão os exemplos dos países europeus, utilizando, sobretudo as estatísticas da França. Porém cita que o mesmo ocorre em países como o Brasil, definindo-se como uma categoria geral sobre o desenvolvimento do trabalho feminino (HIRATA, 2002).

de emprego, caminham em passos lentos em relação às mudanças. A divisão sexual dos serviços domésticos permaneceu intacta.

Para Bruschini (2000), a desqualificação do trabalho feminino começa no próprio trabalho doméstico, que em si, não é considerado socialmente como um trabalho. Mesmo com o crescimento do trabalho das mulheres após a década de 1970, acompanhando o processo industrial brasileiro, as mulheres ainda mantêm desvantagens em níveis salariais, em cargos e em prestígio social. E ainda são as principais responsáveis por desempenhar as funções domésticas, sendo donas de casa, mesmo que estejam inseridas no mercado de trabalho.

Em Franca-SP, as mulheres participam da reestruturação da produção e desempenham grande papel na expansão das indústrias calçadistas, como citou Tosi (1998); a cidade pôde ser considerada como pioneira ao utilizar a mão de obra feminina. Porém, como explicou Hirata (2002) e Bruschini (2000), mesmo nesses processos de crescimento da utilização do trabalho feminino, estamos ainda distantes de uma equiparação de gênero. O que obviamente ocorreu na cidade: as mulheres possuem jornadas duplas de trabalho, haja vista que elas desempenham funções domésticas conjuntamente com os serviços exteriores.

Nas bancas de pesponto, a divisão sexual é explícita. Aos homens, direcionam-se os trabalhos mais especializados e mais complexos (pespontar); às mulheres, os trabalhos manuais (serviços de mesa e colagem). Nas fábricas as mulheres são submetidas às situações precárias e insalubres, como expôs Aurélia.

As histórias da mãe de Aurélia foram presentes em suas lembranças. Sua mãe contava como foi trabalhar em uma fábrica de sapato, a Agabê (HB)⁵³. Trabalhou durante todo período da gravidez. Nas fábricas havia a regulação de horários para a utilização do banheiro. Ela trabalhava em pé em um local fechado e por vezes fazia os *serões*⁵⁴ ficando até tarde no trabalho. Por isso, quando ela nasceu sua mãe optou por não estar mais dentro de uma fábrica e, assim foi até seus três anos de idade. Seu pai era pespontador na banca de sua tia e trabalhava em conjunto com seus dois irmãos. Assim, sua mãe começou a trabalhar no comércio, então, Aurélia passava seu tempo junto com seu pai na banca de pesponto.

⁵³ Agabê (HB) é uma fábrica de calçados que iniciou seus trabalhos em Franca-SP no ano de 1945. Por um período não produziu calçados, voltando à produção no ano de 2012, como “Grupo Betarello” calçados. Disponível em: <<http://www.agabe.com.br/>> Acesso em: 14 de abr. de 2018.

⁵⁴ A palavra “serão” significa trabalhar por períodos maiores que o normal. O funcionário trabalha de 2 a 4 horas após o expediente, ganhando ou não um adicional no salário. Uma prática muito comum na cidade é utilizar horas de trabalho após o expediente para descontar feriados e faltas.

Até hoje eles brincam com isso, que eles tinham que me dar laranja para comer e misturava com as linhas de pesponto, com goiabada, tudo ali no chão. Hoje levamos na brincadeira, mas na verdade não é uma coisa engraçada, tem todo esse contexto, o perfil francano é esse, a criança desde pequena estar no “chão da fábrica”, que é como a gente fala aqui (grifos meus).

Não é difícil enxergar as similaridades das narrativas aqui trazidas. Obviamente, pelo recorte da pesquisa, mas também porque se propor a escrever uma história da juventude do S.E.U. demonstra a análise de processos de continuidades e rupturas. Todos esses jovens já citados partem de um princípio de romper com a estrutura que lhe foi imposta, mas também foram sujeitos de continuidades.

[...] A maioria, no meu primeiro colegial foi para o noturno, se não, desistiram dos estudos. A família incentiva isso, não podemos culpar a família por isso, porque é uma cultura, foi ensinado para todo mundo, que se você é pobre, você tem que trabalhar. Quando terminei os estudos eu quis ir para outro lugar, não queria ficar na fábrica. Ninguém gosta de ficar na fábrica, de ficar em pé, em um lugar fechado, suando, cansado e sendo controlado até para ir ao banheiro e isso ganhando mal (grifo meu).

É aí que reside a possibilidade de culpar os pobres por seu próprio fracasso. “Se você é pobre, tem que trabalhar”. A fala de Aurélia não é uma simples conformidade de classe, mas a manifestação de uma ideologia, uma cultura que foi propagada por sua família. É o esquecimento do social pelo individual, a “economia moral” do que devemos fazer, caso sejamos azarados em nascer em famílias pobres e trabalhadoras.

Aurélia vivenciou o que já foi exposto na vida de Leonardo e, principalmente, de Moreno nas escolas da cidade que, na visão dela, também são segregadas. Eles sentiram e reconheceram essas separações. A escola aparece com muita ênfase nas histórias. Para Aurélia, ela se vinculou mais uma vez entre “escolas centrais” e “escolas periféricas” e, por periféricas, podemos entender escolas de filhos de operários, de banqueiros e jovens que basicamente são advindos de classes populares e trabalham desde sua infância.

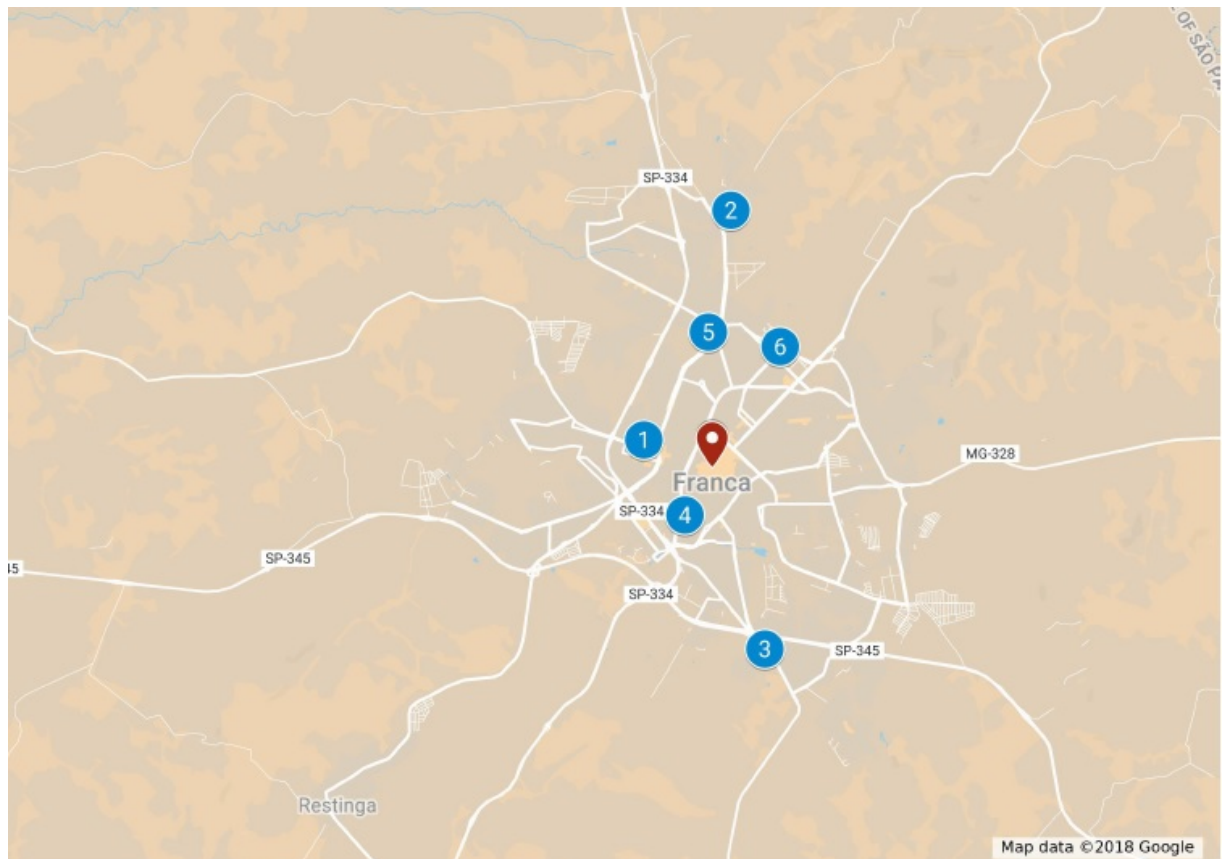
Eu trabalhei na cantina até os meus 15 anos, mais ou menos, aí eu comecei a fazer espanhol pelo CEL⁵⁵, que era gratuito. O que ocorreu, era que eu tinha

⁵⁵Centro de Estudo de Línguas (CEL). Em todo o estado de São Paulo, mais de 200 unidades disponibilizam cursos de inglês, espanhol, francês, alemão, italiano e japonês, conforme a demanda de cada região. O acesso aos cursos é gratuito. Podem se inscrever alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Educação de Jovens e Adultos (EJA). Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/centro-estudo-linguas>> Acesso: 10 de abr. 2018.

que ir à escola de manhã, em escola de bairro, nunca no centro, porque estudar em escola públicas do bairro são piores, *as escolas do centro são para aquelas pessoas que podiam pagar uma escola particular. Então escola de bairro é [em Franca-SP] sempre pior* (grifo meu).

Aurélia morava no Jardim Vicente Leporace. Também morou no bairro Jardim Tropical, ambos localizados na Zona Norte da cidade. Ela dá uma definição com maior especificidade sobre o espaço do bairro e porque os jovens não conseguem circular em outros ambientes. De acordo com ela:

Pessoas que moram no Leporace nem têm o acesso ao centro da cidade, porque o ônibus é caro, é longe. É uma cidade a parte. Uma cidade dentro da cidade, era raro eu ir à praça [centro], não tinha isso.



FONTE: Google Maps. Mapa criado pela autora, 2018.

LEGENDA: 1-E.E. Prof^o David Carneiro Ewbank; 2 – E.E. Doutor Orlik Luz; 3- E.E. Prof^o Júlio César D’Elia; 4- E.E. Prof^o Mário D’Ellia; 4- Instituto Samaritano de Ensino; 5- Unesp – Campus Franca.

Através de vivências parecidas, ela pensa no outro como espelho de si mesma e compartilha lembranças de jovens que foram presentes em sua trajetória. É inevitável em algumas passagens a comparação com esses indivíduos. As vivências os colocam em posição de reflexão sobre como seriam suas trajetórias caso não tivessem rompido essas estruturas através de suas escolhas e assim ela expõe sua narrativa. Ela define isso como “oportunidades”, ou seja, ela teve a oportunidade através do S.E.U. de escolher não estar nesse meio, diferente de alguns de seus amigos.

Quando Aurélia e Leonardo descreveram com precisão outros jovens que estiveram presentes em suas vidas, eles demonstraram como veem a si mesmo sem semelhantes situações. Esses outros jovens são um exemplo do que eles seriam caso não estivessem em sua posição atual. É exatamente isso que eles chamam de “ciclos”, como se fossem caminhos pré-determinados e perspectivas de vida. O que é interessante nesse ponto não é a falta de consciência desses jovens sobre suas escolhas, mas na consciência plena de que elas afetam muito suas trajetórias.

Ao ser indagada sobre como define o “*ser jovem*”, ela associa ao mesmo que ter responsabilidades, ter um trabalho e participar da renda familiar. O “*ser jovem*” é uma questão de poder “ir e vir”, um privilégio de lazer, uma aventura. Também é sinônimo de trabalho nas bancas.

No primeiro colegial, as maiorias das pessoas passaram para o noturno, porque elas começaram a trabalhar em fábricas, aliás, é sempre o primeiro trabalho dos jovens francanos. No Tropical, onde morei, tinha muita banca de pesponto, uma em cada esquina, então se você quer trabalhar com quinze anos, você vai para uma banca de pesponto, tem que ser em uma banca, porque eles não vão te contratar porque você é menor de idade. Mas em banca é mais informal, não tem fiscalização, tem todo um trabalho debaixo do tapete.

Sobre a informação exposta por Aurélia em entrevista à autora, Luna (2017) em sua pesquisa de mestrado em Políticas Públicas pela UNESP Franca, explicou essa mudança de períodos por parte dos estudantes do Ensino Médio nas escolas da periferia. Obviamente os estudantes mudam de período porque necessitam trabalhar, embora os números sejam mais acentuados no período noturno, no período diurno também podemos observar que, nas escolas das periferias, o trabalho é muito presente.

Em pesquisa realizada em 2014, 79% dos estudantes do período diurno trabalhavam; no noturno eram mais de 86% de estudantes. O autor considerou trabalhos formais com carteira registrada e trabalhos informais; a pesquisa foi feita somente em escolas da periferia da cidade (LUNA, 2017).

O perfil do jovem francano é: Ele vai fazer 15 anos, ele vai trabalhar em uma banca de pesponto, ele vai comprar a roupa que ele quer, porque um tênis de marca é muito mais bonito que outro que não tem marca. Os meninos da escola particular usam tênis de marca, porque eles não? Então, eles têm consciência que precisam trabalhar para comprar, porque o tênis está ali, está na televisão, eles querem o celular. O jovem quer começar a trabalhar para comprar essas coisas, então ele se forma e aí ele trabalha para conseguir comprar um carro, não passar no vestibular. Então isso adianta as coisas, para que ficar anos em uma universidade, se você não puder ter um carro, construir uma família? Ninguém explica para eles que a universidade é uma oportunidade.

A questão do trabalho é tão associada aos contextos que, por vezes, são encontradas dificuldade em prosseguir em caminhos diferentes. Aurélia expressou que quando comunicou aos pais que gostaria de fazer uma universidade pública houve um estranhamento por parte de deles. Para eles, ela queria “*ser nariz em pé*”, porque universidade “*não é lugar de pobre*”. Conta que teve todo um trabalho de conscientização com os pais e que tinha consciência que se entrasse no mundo do trabalho após ter terminado o Ensino Médio não conseguiria sair posteriormente.

O S.E.U., para ela, funcionou como via de entrada no Ensino Superior, haja vista que não tinha acesso sobre como funcionava a entrada em universidades públicas. Também ressaltou que de tanto ouvir que a universidade não era seu lugar e, por momentos diversos acreditou na afirmativa.

O cursinho ajudou Aurélia a encarar as suas escolhas. Ela descreve que através do período em que esteve presente como aluna, pôde se enxergar como uma futura universitária e assim conseguiu seguir o caminho que havia pensando. Essa situação despertou um sentimento de reciprocidade. Ela destacou que quando se tornou universitária e começou a frequentar o curso de Serviço Social na UNESP, logo pensou em estar presente no S.E.U. como uma de suas coordenadoras e assim se sucedeu, explicita que esse período como coordenadora discente colaborou com sua perspectiva profissional.

A memória de Aurélia sempre a remete às banca de pesponto, pois em todos os contextos elas menciona sobre a vida nas bancas. Por isso na entrevista cedida por ela é possível ver descrições mais precisas sobre o funcionamento das mesmas, ela traz um sentimento semelhante ao de Diego quando relaciona seus contextos sempre a um mesmo ambiente de uma forma mais sentimental, ou como Moreno exemplificou, quando a banca se transformou em sua própria vida.

[...] o jovem entra na fábrica ou na banca de pesponto, não consegue sair, porque ele não consegue se ver em outro lugar. Ele acha aquilo é para ele e que o resto da vida ele vai ficar ali. O jovem entra na fábrica, e ali mesmo conhece a futura esposa dele, eles trabalham juntos ali na fábrica etc. Na maioria das vezes, a mulher vai engravidar mais cedo. Então ela engravida, tem um filho, aí eles se casam. Franca é uma cidade conservadora, a cabeça daqui é como se estivéssemos no século XVII, então eles precisam casar e trabalhar.

Aurélia também faz associações entre passado e futuro na mesma linha de pensamento. É evidente que as memórias do passado influenciam diretamente sobre suas visões atuais e em sua formação como protagonista de uma história. Abaixo estão alguns trechos descritos pela mesma, sobre como ela enxerga o espaço da cidade atualmente:

Sim, vão ter um filho que vai chupar laranja junto com linha de pesponto. É igual para todo mundo, é um ciclo, ficar ali dentro da banca.
 Aliás, quando está calor, nem dentro às vezes as pessoas ficam, se você passar nas periferias de Franca, você vai ver várias mulheres costurando na calçada, com os filhos na rua, andando sem sapato, às vezes no meio da rua.
Teve uma vez que eu tive a oportunidade de aprender a costurar um sapato, eu tinha uns 10 ou 11 anos de idade, quando minha mãe começou a costurar em casa e eu comecei a ajudar ela. Minha mãe pegou uma quantia e me deu dois, eu não consegui. As pessoas costumam aquilo com muita facilidade, como se fosse macio, mas não é, o couro é duro, eu machuquei toda a minha mão, criou calo, sangrou e cortou (grifos meus).

Para ela foi uma questão nítida de seu posicionamento em não estar na indústria calçadista. Por reconhecer os ciclos, por estar consciente das questões que eram envoltas a estar no mundo de trabalho. Trabalhar com memória é relacionar o presente ao passado, porém, o contexto em relação ao seu passado e suas escolhas vieram de lembranças – muitas vezes dolorosas – de suas famílias no contexto calçadista da cidade.

Aurélia é uma jovem lésbica que se descobriu no começo de sua adolescência. Não foram tempos fáceis, a memória da escola e das opressões vividas socialmente por ela foram dolorosas. Desta forma, ela se compara aos outros jovens que possuem orientações sexuais diversas, sobretudo porque, no caso dela, existiu uma rede de suporte familiar, um acolhimento e enfrentamento de situações preconceituosas. Sua família sempre esteve presente nesses momentos difíceis. Refere-se aos seus familiares como protetores.

Contudo explicou que se enxerga como exceção. Presenciou a vida complicada de muitos amigos com os familiares e expõe as dificuldades em ser lésbica em uma cidade do interior e com uma cultura conservadora, como Franca-SP. Vive sempre pensando em sua trajetória diária, tem medo de andar nas ruas ou em falar abertamente sobre sua sexualidade.

Aurélia mora com sua namorada, em Ribeirão Preto-SP. Faz mestrado em Serviço Social na UNESP de Franca e em sua pesquisa aborda o tema da educação e sexualidade. Muitas dessas indagações foram presentes em sua vida.

3.5. A menina e seus cabelos: uma construção de realidades

[...] Todo mundo no City Petrópolis tinha o mesmo contexto, trabalhava em banca dentro de casa ou em fábrica, era muito difícil alguém que não tivesse esse contexto. Quando me mudei para a escola CEDE, já tinham pessoas com os pais que tinham formação, com Ensino Superior, ou até mesmo pais formados no Ensino Médio. Eu mesma, meus pais não concluíram, meu pai não concluiu a 5ª série, minha mãe não tinha Ensino Superior. Então nos bairros periféricos, ninguém tinha esse privilégio.

Gabriela⁵⁶ tem 21 anos, natural de Franca-SP, estudante de História da UNESP Franca. Trabalhou em locais informais e, segundo ela, já morou em quase todos os bairros da Zona Norte da cidade. Ela expôs sua narrativa com uma linha de raciocínio própria, elencando memórias mais marcantes e fazendo pontes entre sua história atual e sua história no passado. Atualmente, Gabriela faz trabalhos relacionados ao teatro, a construção de oficinas e atividades com o tema da mulher negra na sociedade. Com suas palavras explicou que não tinha essa consciência sobre se enxergar como uma mulher negra, pois em sua infância e adolescência nunca se viu assim. Nesse sentido, o S.E.U. também ajudou a constituir essa

⁵⁶ Narrativa concedida à autora por CINTRA, Gabriela Sampaio. **A menina e seus cabelos: uma construção de realidades.** (Apêndice D). Franca-SP, 2018.

consciência que, de acordo com sua narrativa, foi possível pelos debates e aulas realizados no cursinho.

Ela se lembra de sua mãe trabalhando boa parte de sua vida. Lembra-se dos períodos em que ela conseguiu fazer o Ensino Superior por educação à distância e, posteriormente, quando começou a trabalhar na escola particular, o Instituto Samaritano de Ensino.

Desde pequena menciona que ajudava sua mãe em diversos trabalhos informais que nem soube quantificar, entretanto o fato de sua mãe conseguir cursar o Ensino Superior foi de grande importância na estrutura familiar, o que fez com que ela entendesse as dificuldades e oportunidades que se seguiriam em sua própria trajetória.

Eu sempre trabalhei, fazia free-lance no final de semana, em buffet de festa infantil, em loja, em vários lugares. Desde pequena eu e minha mãe fizemos muita coisa, mesmo quando ela era do lar, que eu me esqueci de falar, ela trabalhava. Eu e ela, já vendemos calcinha, ela já foi manicure, ela já teve salão, nós nos mantivemos assim. Meu pai levava comida, mas para outras coisas nós comprávamos (grifo meu).

Ela explica que por conta desse emprego de sua mãe conseguiu uma bolsa integral para estudar em uma escola que era particular. Porém, expõe uma história que ela considera marcante ao mencionar essa passagem. No processo de transferência para a escola, ela relata que não optou em transferir diretamente da escola E.E. Doutor Orlik Luz⁵⁷, localizada na área norte da cidade para a escola do Instituto Samaritano de Ensino. Ela se transferiu para uma escola central, a escola E.E. David Carneiro Ewbank – CEDE e, posteriormente, se transferiu para o Instituto de Ensino Samaritano.

Não se sentiu à vontade em se transferir para uma escola particular. Essa passagem pela escola do centro foi um tempo “mediador”. Ela precisava sair do bairro, ter acesso ao que considerava como um “ensino melhor” no centro da cidade. Só assim entenderia que poderia acompanhar uma escola de melhor qualidade.

Eu senti a diferença do Orlik para o CEDE, eu teria voltado para o Orlik se fosse direito de lá para o Samaritano. Quando fui para o Samaritano eu senti muita diferença. Eu não conseguia acompanhar os alunos, elas falavam

⁵⁷E. E. Doutor Orlik Luz. De acordo com o IDEB (2015) 70,05% (das 38 escolas estaduais) possuem notas acima da escola. O Indicador de Nível Socioeconômico – INSE da escola é considerado médio alto. Disponível em: <<http://inep.gov.br/consulta-ideb>>. Acesso em: 13 de jul. de 2018.

inglês e espanhol, eu não tinha essa base, eu estava em um nível abaixo deles e isso, porque eu era considerada a melhor aluna na escola pública.

E seu entendimento sobre essas divergências de ensino se confirmou. Sentiu a diferença da escola do bairro para a escola do centro, mas ela não era tão diferente como a escola particular. Ainda assim, era oposta, possuía outra cultura, outras características. Nessas escolas, os alunos frequentavam locais diferentes, tinham uma ideia de lazer diversa. Nessa época Gabriela sentiu as desigualdades em relação aos outros estudantes de idade parecida com a dela.

Sempre gostou muito de basquete, por exemplo. Mas não conhecia antes de entrar na escola do centro. Gabriela tem uma apreciação por basquete desde pequena. Porém nunca conseguiu quando, era mais nova, ir ao Ginásio de esportes “Pedrocão” assistir aos jogos, assim como Leonardo. Ela mencionou que essa possibilidade era visível na escola particular, “hoje em dia eu tenho, eu trabalho e consigo pagar para ir aos jogos, mas só consegui ter acesso a isso quando eu entrei na escola privada. Lá todo mundo sempre foi “*sócio-torcedor*”.

Ficavam surpresos quando você nunca tinha tido contato com as coisas de Franca, nome de barzinhos, ir ao shopping... *Minha família não tinha costume de ir ao shopping. Não era da nossa cultura* (grifo meu).

Novamente o shopping como um espaço não ocupado. Ela define essa questão como cultural, como um hábito que nunca esteve presente em sua família e na rotina de seus pais. Ela não conhecia muito lugares de lazer.

Gabriela também foi questionada sobre como ela definiria o que é “ser jovem” na cidade. Para ela, duas questões são definidoras: há uma questão social e uma questão espacial que separa juventudes diferentes.

A juventude é constituída de acordo com a classe social. Quando mudou de escola, ela percebeu que era diferente dos seus colegas que estavam no ensino privado. A juventude vivida por eles era diferente, a cultura era diferente. No bairro dela, tudo se fazia ali, a igreja era no bairro e a escola também. Era muito difícil sair do bairro e todos possuíam um contexto parecido, uma forma de viver semelhante.

Mas quase todo mundo tinha que trabalhar e ajudar em casa. Alguns jovens, enquanto muitos pensavam somente em estudos e lazer, tinham que trabalhar para ajudar em casa, ajudar sua família, muitos filhos de *mães solteiras*.

Quem estava vivendo essa juventude, esse privilégio de poder pensar no seu futuro, em qual faculdade fazer, eram os jovens das escolas particulares. Eu nem sabia da existência de universidades públicas, não sabia que a UNESP Franca existia (grifos meus).

Por ter contato com adolescentes com diferentes oportunidades que as suas, ela facilmente fez uma análise comparativa entre mundos diferentes em uma mesma faixa etária. Observou que o ir ao shopping, por exemplo, se transformava em uma questão de hábito. Um hábito culturalmente construído através de visões socialmente estabelecidas. Explica que sempre trabalhou principalmente em locais informais com “*bicos*”, que já vendeu de tudo para sobreviver.

O shopping se mostra um local muito distante de jovens como ela. O local apareceu com frequência sendo de difícil acesso pelos jovens colaboradores da pesquisa. Por que o shopping possui essa dimensão espacial e social tão importante para eles?

A mobilidade está associada ao contexto social do indivíduo, bem como suas motivações, vontade e constrangimentos. É uma ação, que promove uma ação de deslocamento. E esse deslocamento pode ser simbólico, físico, virtual e pode depender das posições sociais e as condições impostas a um indivíduo (BALBIM, 2016).

O conceito de mobilidade está associado ao contexto de cada pessoa, é polissêmico e sistêmico. Possui diversas conjunturas e associações. Relaciona-se com as possibilidades reais e virtuais e nas funções dos lugares de vida no qual se concretiza. A mobilidade se permeia de contextos históricos, políticos e culturais, assim como as condições as quais seus sujeitos estão submetidos, como transporte, valores, os meios, as formas de circulação. Por isso a segregação socioespacial e precariedade são fatores que influenciam na mobilidade de um sujeito (BALBIM, 2016).

A mobilidade também se permeia de valores e de constrangimentos. Ao pensar nesse espaço como alternativa de lazer se tem um espaço de segregação social para esses jovens. Primeiro porque estamos falando de jovens que não moram perto do local, ou seja, as condições geográficas e espaciais envolvem meios de transporte e as condições financeiras dessa mobilidade. Segundo, porque aqueles que frequentam o shopping partem de um mesmo *status* social, ou poder aquisitivo parecido entre eles. E, por último, nos bairros operários há uma cultura, que envolve pensar no lazer e no descanso como formas de ações e escolhas.

Como explicou Gabriela: *“Meu pai se fosse ao shopping, iria morrer, nossa cultura era ir ao espetinho no final de semana”*.

Ademais, não vamos esquecer que Gabriela, logo no início de sua narrativa, citou que já morou praticamente em todos os bairros da área norte da cidade. A área norte da cidade de Franca-SP é composta por muitos bairros periféricos, sendo alguns dele o Jardim Vicente Leporace I, II e III, o Jardim Tropical I e II e o City Petrópolis; bairros já citados anteriormente por outros colaboradores. E como já apontados, bairros como o Jardim Vicente Leporace partiram de planejamentos urbanos que foram praticamente abandonados pelas políticas públicas da cidade.

Retomo novamente essa questão, pois falar de mobilidade envolve falar das condições de residência. Como expressa Balbim (2016), a mobilidade necessita partir de um mesmo ponto. No caso desses jovens, ela parte do contexto do bairro no qual vieram. Se falarmos de uma área com escassos recursos relacionados às políticas públicas urbanas, logo, temos uma explicação para que esses jovens tenham dificuldade em se transportar para outros lugares.

As políticas públicas afetam como o indivíduo se mobiliza na sociedade, pois envolvem a constituição das escolas, do transporte, do lazer e das condições de moradia. Por isso os planejadores e urbanistas devem pensar na mobilidade como um fator importante a ser considerado (BALBIM, 2016).

O bairro em si produziu seus meios de necessidades que criaram sua cultura, relacionada aos hábitos e lazeres de seus moradores. Eles estudam, trabalham e se divertem em um mesmo espaço geográfico e que também é um mesmo espaço social.

O lugar da permanência, da casa, do trabalho, da produção etc. perde relativamente em capacidade explicativa e organizadora das relações, e isso se dá em função da importância relativa que a mobilidade assume na atualidade, ao ponto de – sem mesmo haver o deslocamento físico – poder estar-se simultaneamente e instantaneamente em diversos lugares (BALBIM, 2016, p.23).

E por falar em local e trajetos espaciais, a universidade sempre esteve em um campo muito abstrato e distante. Em duas vias, tanto a espacial como a cultural. Na cidade, não existe universidades ou quaisquer cursos de Ensino Superior nas periferias. E como falamos de bairros operários, o trabalho é sempre tido como cultural e certo, ao passo que a escolaridade e os estudos adquirem um papel secundário, quase inexistente.

O que também aparece como uma oposição a história contada. Nas periferias, como o bairro Leporace, há falta de planejamentos pensados nas políticas públicas. E nesse âmbito com certeza a locomoção é um ponto frágil da mobilidade. O bairro é distante do centro e, os coletivos urbanos, não são necessariamente pensados em facilitar a locomoção a determinados locais.

Como explica Gabriela, não é simples ir ao shopping. Portanto, isso nos dá hipóteses de pensar que o transporte público não pensa na mobilidade como lazer. Mas, além disso, outra questão pode ser elencada nessa mesma problemática: a mobilidade também não favorece aos estudantes.

Se hoje a UNESP ocupa um lugar na formação de Gabriela, anteriormente ela estava muito distante disso, a família dela não entendia como funcionava a universidade, pois nunca usufruíram da universidade pública.

Quando passei na UNESP, meu pai até me perguntava: *“filha, mas essa faculdade é de graça mesmo, você não tem que pagar nada?”*. Porque as pessoas mais simples de Franca, ocupando os cargos nas fábricas e nas bancas não sabem dessa possibilidade, não é uma coisa cultural. Quando cheguei à escola particular, eu via os alunos discutindo política, eu pensava “de onde eles tiram isso? Mas é uma questão cultural, enquanto os pais deles abriam os jornais e discutiam isso, meu pai via *“Balanço Geral”* vendo tragédia, então é bem diferente (grifos meus).

Contudo, elencadas às oposições de centro e periferia, é preciso explicar que a UNESP de Franca se localiza, atualmente, em um bairro periférico da cidade. Até o ano de 2006, a UNESP funcionava no campus antigo, localizado no centro da cidade. Com o crescimento e a ampliação da acessibilidade, a universidade foi transferida para um bairro da periferia da cidade, na área leste, chamado Nova Franca. O itinerário dos ônibus para a chegada até o bairro não é simples. Uma estudante como Gabriela, que mora na área norte na cidade, necessita de pegar conduções até o centro da cidade, para posteriormente se dirigir até o bairro da faculdade. Para alguém que trabalha o dia todo, como ela, esse trajeto é cansativo.

Essa discussão sobre mobilidade foi uma das pautas mais importantes no ano de 2015, no próprio Cursinho S.E.U.. Nesse ano, o cursinho travou uma luta com a direção da faculdade para manter o prédio de aulas na área central, pensando justamente na facilidade do transporte público para os alunos trabalhadores. Essa especulação se confirmou em 2016 com

os altos índices de evasão no 2º semestre do ano letivo, que se sucederam quando o prédio foi deslocado para as instalações dentro do prédio da própria UNESP Franca.⁵⁸

Sobre essa questão do acesso à informação que apareceu em muitas partes das narrativas expostas, já era de imaginável dimensão. Em todos os anos do processo seletivo do S.E.U. é feita uma divulgação em massa, com apelo dos meios de comunicação (jornais, rádio, televisão e redes sociais) e demais recursos para que a população conheça o projeto e o componha. As informações repassadas sempre são minuciosas e vão desde a explicação sobre o que é um cursinho pré-vestibular, até informações de cunho mais geral e político, como acesso à universidade, o que é universidade pública, como funciona a UNESP, etc.

É muito comum que o cursinho demande muito tempo em divulgação e esclarecimento no período das inscrições, pois é necessário um trabalho de base, para exemplificar quais significados tem um cursinho popular. Ainda assim, em anos de experiência, muitos jovens escondem de seus pais sua presença no cursinho, que diversas vezes são questionados na efetividade e no retorno salarial que o S.E.U. possa possibilitar.

Por isso, o cursinho tenta se adaptar as demandas da cidade, principalmente nas atividades que sejam acessíveis aos trabalhadores. Gabriela associa esse fato ao preenchimento das vagas do S.E.U. por alunos que dividem o tempo entre estudos e trabalho.

Ela também repete o que Diego e Aurélia enfatizaram sobre não se sentir como pertencentes ao ambiente da universidade e que não reconhece a presença de francanos no meio.

A maioria das pessoas da UNESP é de fora, não gosta da cidade, a maioria de escolas particulares e brancas, poucos negros têm acesso à universidade, somente agora com as políticas de cotas tem melhorado.

Sobre as ações afirmativas nas universidades, ela considera que o acesso à universidade por parte da população pobre tem sido mais efetiva. Ela, como negra, associa o distanciamento dos negros em relação ao Ensino Superior. Esse ponto foi crucial ao entendimento dela, como jovem negra e trabalhadora que, ao conquistar o acesso à

⁵⁸ Reportagens sobre as mobilizações do Cursinho S.E.U. em 2015: < <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/06/grupo-da-unesp-da-aula-em-praca-contramudanca-de-local-de-cursinho.html>>. Acesso em: 02 de mar. de 2019.
< <https://gcn.net.br/noticias/325428/franca/2016/06/alunos-do-cursinho-da-unesp-fecham-rua-do-centro>>. Acesso em: 02 de mar. de 2019.

universidade, se viu como possuidora de direitos. E o S.E.U. teve esse papel de construção de identidade e reconhecimento desses direitos.

Seu cabelo é o reflexo da sua luta com sua identidade pessoal. Ele tem um peso da transição, em se entender como uma mulher negra. Relembrou que não foi sempre que se assuma como tal, tinha receio, medo de ser considerada assim. Seu pai, por exemplo, nunca se considerou negro. Tudo isso fez parte de suas interrogações ao entrar no S.E.U., somente nesse momento ela se enxergou de outra forma.

Os cursinhos populares também tiveram um importante papel no movimento pela inserção da população negra nas universidades brasileiras. Em 1980, surgiram muitos cursinhos voltados à comunidade negra, partindo da discussão do movimento negro nas universidades.⁵⁹

Esses movimentos participaram do debate futuro sobre as políticas afirmativas para a população negra. Contudo, protagonizaram alguns contextos que serviram de resistência por parte das universidades em criar subsídios diretos para a entrada dos mesmos, como as cotas e os processos seletivos. De acordo com a Conferência de Durban, o Brasil necessitava combater as desigualdades raciais e, em 2002, começou a caminhar para sua diminuição. Por isso, os cursinhos pré-vestibulares funcionaram como alternativas para compor esses processos. O MEC incentivou a criação de cursinhos pré-vestibulares voltados aos jovens negros carentes, haja vista que apenas 3% da população negra possuía diploma de Ensino Superior (SILVA; SILVA; ROSA, 2008).

Os cursinhos pré-vestibulares populares e comunitários são partes das políticas de ações afirmativas que, assim como a política de cotas, desempenham a função de diminuir as desigualdades sociais presentes no Brasil. A afirmação de Gabriela sobre a importância do cursinho em seu processo de identidade e inserção no Ensino Superior corrobora com a dimensão política e social das quais um cursinho popular se propõe. Aqui podemos observar a educação como um projeto de igualdade, como via de solução a esses conflitos sociais.

Para além das questões de serem jovens trabalhadores e advindos de uma classe social menos favorecida, eles tiveram que romper com dificuldades maiores ainda, promovidas pelas desigualdades raciais estabelecidas culturalmente. Além desses obstáculos, também sentiram

⁵⁹ Em exemplo de cursinhos voltados à população negra, no Rio de Janeiro em 1986 foi criado o curso pré-vestibular da Associação dos Funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ASSUFRJ). Em 1992, o foi criado o Manguieira Vestibulares, destinado a moradores do Morro da Mangueira. Em São Paulo, em 1989, a Pastoral do Negro da Igreja Católica. Na Bahia, o cursinho da Cooperativa Steve Biko, em 1992, cujo intuito era o de apoiar a juventude negra da periferia de Salvador (SILVA; SILVA; ROSA, 2008).

a diferença de mobilidade, tanto espacial, como simbólica. Tiveram que romper com esses contextos culturais de segregação social e racial que, em síntese, não são percursos fáceis.

3.6. Os espaços acolhedores: o silêncio de quem tem muito a dizer

Quando eu entrei no cursinho tinha acabado de voltar de São Paulo. Foi um período bem complexo na minha vida, por que eu tinha acabado de deixar meus sonhos de lado, estava frustrado e abalado psicologicamente. Então eu coloquei meu nome na lista de espera do cursinho e por volta de agosto me ligaram e eu fui. Por já ter perdido muito conteúdo e faltando poucos meses para os vestibulares, o cursinho foi mais um amparo psicológico nesse momento. Ali eu fiz grandes amizades que me acompanham até hoje e comecei a ter uma nova perspectiva de vida. *O cursinho abriu minha visão para perceber que eu tinha chance de fazer minhas coisas acontecerem de novo e que não havia motivo para me sentir fracassado* (grifo meu).

Geovane⁶⁰ tem 21 anos e é natural de Franca-SP. Como filho de uma funcionária da Unesp de Franca sempre teve conhecimento sobre a existência da universidade. Mas nunca se imaginou como um aluno, nem conhecia as possibilidades de entrada no Ensino Superior. Sempre brincava com profissões e deixou evidente em sua perspectiva que de alguma forma sempre relacionou essas perspectivas com o trabalho, com o “*ser trabalhador*”.

Como já elucidado de início, o S.E.U. começou com a proposta de inserir os filhos dos trabalhadores da própria UNESP Franca na universidade. Isso funcionou como uma forma paliativa de demonstrar apoio e democratizar espaços como o da universidade. É muito comum na história dos cursinhos populares eles serem espaços de composição dos trabalhadores e servidores da própria universidade.

Contudo a proposta inicial do S.E.U. não era a formação de um cursinho pré-vestibular como funciona atualmente, e sim como uma rede de suporte e apoio a jovens que não se inseriam em contextos que possibilitassem acesso aos conteúdos do vestibular da UNESP. Moldou-se como um grupo de estudos com direcionamento voltado aos filhos dos funcionários da unidade que, mesmo tendo o conhecimento da existência da mesma, não estavam presentes como alunos.

Sua vontade em cursar Serviço Social na faculdade se efetuiu através do conhecimento de outras universidades e cursos. Explicou que mesmo sabendo que sua mãe

⁶⁰ Narrativa concedida à autora por OLIVEIRA, Geovane Bianque. **Os espaços acolhedores: o silêncio de quem tem muito a dizer** (Apêndice E). Franca-SP, 2018.

trabalhava na UNESP, nunca havia se visto como um aluno. Na verdade, não via as pessoas da cidade entrando como alunas na universidade. Não sabia nem ao menos dessa possibilidade.

É estranho por que a maioria dos alunos daqui não é de Franca. Então, quando entrei não me sentia parte desse ambiente. Estar nesse ambiente como aluno e não mais como filho da funcionária foi algo que me tocou bastante. Na minha família eu fui a primeira pessoa a entrar numa universidade pública. *Eu percebo o estranhamento das pessoas quando falo que minha mãe trabalha na UNESP como servidora e eu estudo na UNESP* (grifo meu).

É importante ressaltar histórias como a dele para observamos os ciclos que se compõem as gerações, porque mesmo com acesso maior que outras pessoas, Geovane nunca se viu dentro da perspectiva do Ensino Superior. Era filho de uma trabalhadora da faculdade e expõe que nunca se considerou bom o suficiente para entrar na universidade. Em sua infância, contou que a relação com seus pais era tranquila, que ficou a maior parte do período com sua avó.

Eu ficava com a minha avó na minha infância. Meus pais moravam em uma edícula no fundo e minha avó morava na frente, então eu ficava com ela. Ela era sapateira e aposentada. Então ela tinha uma banca em casa e fazia alguns trabalhos.

[...] Como eu a via trabalhando, às vezes ajudava a tirar cola, alguma coisa assim... Mas não considero isso como um trabalho. *Criança, como não tinha nada para fazer, eu a vendo trabalhar, pegava alguma coisa e começava a ajudar.* Era mais ou menos essa relação. Até por que a banca era pequena, ela tinha pouco trabalho. Era quase um *hobbie* (grifos meus).

Ele considerava como uma ocupação simples por parte dela e não como um sustento, no qual ele ajudava quando podia. Após isso, ele passou a ficar no Centro de Convivência Infantil da UNESP de Franca (CCI) nas horas em que sua mãe estava no trabalho. Ele conta que não precisou trabalhar no período em que cursava o Ensino Médio, seus pais sempre lhe deram a possibilidade de continuar somente nos estudos. O período mais complexo para ele foi após a conclusão do Ensino Médio, ao encarar o desemprego.

Para Geovane, o desemprego não aparece como um problema na cidade, pelo contrário, no geral os jovens possuem uma facilidade para encontrar serviços que ofereçam algum tipo de renda para eles. O principal fator que influencia no desemprego na cidade é a

opção por estar fora do setor calçadista. Na cidade há muito empregos, mas dentro de uma mesma área específica. Se um jovem como ele opta por estar em outra área encontra dificuldades. Assim como outros jovens que ao procurarem outros meios de trabalho se mudam para outra cidade em busca de outros trabalhos que não são relacionados ao setor.

Justamente por não encontrar coisas que me fizessem sentir parte da cidade eu procurei sair dela. Franca sempre foi muito fechada, agora que está crescendo. Os cursos que a cidade oferecia eram mais técnicos, voltados para a área de administração e informática. *E eu não queria isso, queria algo a mais, me sentia muito impotente em morar numa cidade pequena e por não ser heterossexual, me sentia fora dos padrões, por isso via que Franca não era para mim* (grifo meu).

Com o desemprego veio à sensação de frustração. Nesse período, ele não se reconhecia dentro da cidade, procurava outras oportunidades, mas não encontrava nada. Depois disso relatou que seus sentimentos ficaram muito confusos e que somente viu a possibilidade de se sentir melhor saindo da cidade.

Essa abertura ao novo constitui o espaço de possibilidade. Segundo Leccardi (2005), esse tempo expressa uma insegurança que caracteriza o futuro, a hesitação, o desejo, a ânsia da substituição do projeto pelo sonho, o que se estabelece de acordo com a capacidade de apreensão de cada indivíduo, como, por exemplo, na capacidade de compreender a impossibilidade de prever o seu destino.

Como definiu Geovane, um jovem da classe trabalhadora, viver em uma cidade conservadora como Franca-SP não era uma tarefa simples. Quando não se sentiu contemplado em nenhum espaço da cidade, optou por mudar de local, pois sentiu dificuldades de adaptar-se e sentir-se acolhido nos espaços.

É impossível não associar essas frustrações e esses sentimentos à sua orientação sexual. Até porque essa questão foi importante em sua relação com o S.E.U., pois recebeu ali amparo e respeito. Geovane expõe que essa questão não foi amplamente aberta e nem concisa, até conseguir se sentir à vontade e ter condições de entender a diversidade e identidade suas trajetórias foram complicadas.

A luta por uma igualdade social também se dá pela luta contra a homofobia. O Brasil nos últimos anos caminhou nesse reconhecimento da necessidade de inserção dessas comunidades. O tema é foco direcionado à saúde, além das preocupações como violência e a inclusão social.

Em 2004, após o alerta da Conferência Mundial de Durban, o Brasil pela primeira vez colocou em pauta as discriminações sofridas pelos grupos GLTB (Gays, Lésbicas, Travestis e Bissexuais). Posteriormente, iniciou o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT. O documento “*Brasil sem Homofobia*” deixa evidente que a sociedade brasileira não pode se considerar igualitária, democrática e tolerante caso ainda existam discriminações por orientação sexual, raça, etnia, idade, credo religioso ou opinião política (CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À HOMOFÓBIA, 2004).

No ano de 2008, o Brasil convocou a *Conferência Nacional de Gays, Lésbicas e Travestis e Transexuais* (BRASIL, 2008). Em 2010, em avanços com essa discussão foi criado o Conselho Nacional de Combate à Discriminação – CNCD. Integrante da estrutura básica da Secretaria de Direitos Humanos, voltado às políticas de direito de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais- LGBT (BRASIL, 2010).

Tais iniciativas expõem a necessidade de combate à desigualdade vivida por essas comunidades. O Brasil assumiu essa responsabilidade em promover políticas públicas que auxiliariam em questões do tipo, inclusive políticas voltadas à educação como promovedora de saberes acerca das diversidades e do combate à violência.

Em 2015, o S.E.U. promoveu um experimento devido ao impasse no acesso de grupos específico aos cursinho, como as travestis e transexuais. Esse experimento consistiu em destinar vagas aos grupos socialmente excluídos, com a existência de reserva de vagas para negros, travestis e transexuais, moradores de assentamentos rurais e filhos de funcionários da UNESP. Essa alternativa foi definida após a discussão pedagógica sobre o descompasso da presença desses grupos no cursinho. O objetivo era inseri-los de forma mais eficiente e, por reconhecer a dificuldade desse acesso, o S.E.U. promoveu um processo seletivo diferenciado.

A conclusão que se sucedeu foi a certeza de que o cursinho necessitava de uma resolução em relação à presença desses grupos no projeto. Essa tentativa funcionou em um curto prazo, embora por questões maiores de legalidade e manutenção, o S.E.U. não tenha levado adiante a ideia. Ainda assim, o grupo seguiu com a alternativa de propor uma divulgação que promovesse um alcance de pessoas maiores, sobretudo desses grupos que não ocupavam o espaço.

A orientação sexual não é uma questão pequena. Como explicou Geovane, ela pode desenvolver frustrações, sentimentos de solidão e falta de amparo social. Nesse contexto de

desemprego e instabilidades, ele explica que suas perspectivas em relação ao futuro iam diminuindo cada vez mais.

A mudança da cidade e suas memórias, na narrativa dele, são permeadas por suas orientações sexuais e pelos sentimentos de insegurança e desamparo na cidade. O desemprego era somado a essa situação, o convívio social, o lazer, tudo isso se fez presente e o fez sentir-se sozinho. Essa mudança acompanhou o sentimento de fracasso por não conseguir realizar seus objetivos e nele é possível enxergar a importância de espaços como o S.E.U..

Ele descreveu que foi o primeiro lugar onde se sentiu acolhido e que teve afeto. Para ele, a importância do cursinho não esteve somente em sua aprovação no curso de Serviço Social, mas sim em relação ao seu psicológico, a sua saúde mental e seu convívio social.

Precisou se mudar para São Paulo, sair da cidade natal e explorar novos caminhos, procurar oportunidades que a cidade não oferecia para ele. Essa etapa foi importante, pois nesse momento encontrou algumas alternativas. Na cidade grande, suas expectativas não foram efetivas, as novas chances que ele almejava em outra local não foram tão concisas como achou que seria, sendo assim, voltou para Franca-SP.

[...] Quando eu entrei no cursinho tinha acabado de voltar de São Paulo. Foi um período bem complexo na minha vida por que eu tinha acabado de deixar meus sonhos de lado, estava frustrado e abalado psicologicamente. Então eu coloquei meu nome na lista de espera do cursinho e por volta de agosto me ligaram e eu fui. Por já ter perdido muito conteúdo e faltando poucos meses para os vestibulares, o cursinho foi mais um amparo psicológico nesse momento.

Geovane conheceu o S.E.U. em um período que definiu como complexo em sua vida, disse em claras palavras que não estava bem, portanto, o cursinho funcionou com um espaço afetivo e acolhedor. Ele destacou que a parte mais importante era estar presente no espaço e isto foi essencial para sua saúde mental; entrar na universidade foi uma consequência, uma questão secundária também de muita importância, mas não foi central em seu exercício de memória em relação ao S.E.U..

[...] Mesmo com pessoas tão diferentes, o contexto dos alunos era parecido. A maioria dos alunos era da classe trabalhadora que não tinham condições de pagar um curso universitário ou que nem mesmo conheciam a universidade pública. Todos estavam meio perdidos nesse aspecto. Nesse sentido, o cursinho foi fundamental para mostrar que existem outras possibilidades e outras chances.

Para um jovem como ele, sair da cidade em busca de novas áreas carregando expectativas era uma ação expressiva para desviar-se das condições nas quais vivia. Quando optou por sair da cidade concentrou suas perspectivas em conseguir soluções e estabilidades em uma cidade maior, no caso, São Paulo.

Franca-SP é cidade de interior que possui estigmas conservadores, como cita Geovane, a cidade é “*fechada*” para alguns sentidos, como um jovem negro, homossexual e que não optou por estar no setor de empregos da cidade, ele desviou-se de muitos ciclos normativos que eram esperados.

A memória de Geovane em relação ao cursinho veio através da sua relação afetiva com o espaço. Ele descreveu que em sua trajetória se viu em muitos processos de rupturas e em muitas dúvidas sobre suas expectativas de vida. Esse vínculo com o S.E.U. possibilitou que ele tivesse um auxílio, sobretudo em sua identidade pessoal, pois foi um espaço no qual ele pôde enxergar esperanças e novos caminhos.

Quando expõe: “*todos estavam perdidos nesses aspectos*”, se refere a enxergar que no cursinho havia pessoas que também estavam passando por situações semelhantes as suas e que também sofriam com problemas parecidos. Por essa questão, foi um local descrito como uma ajuda na visualização de oportunidades

Assim como para Aurélia, Geovane também enfrentou a questão da sexualidade em um contexto conservador da cidade; ambos explicaram que a consciência sobre a diversidade sexual no local era escassa e que sofreram ao expor suas orientações sexuais. Especialmente para Geovane, o cursinho teve um papel de apoio psicológico.

Foi um lugar no qual se sentiu acolhido e realmente aceito. Para ele, o S.E.U. teve um significado muito maior do que somente sua aprovação na universidade, visto que o cursinho contribuiu na construção de vínculos afetivos que carrega até hoje, na construção de sua consciência social de seu fortalecimento pessoal.

CONCLUSÃO

As memórias formaram a estrutura das narrativas aqui demonstradas. Essas seis histórias carregam em si uma parte da própria história de Franca-SP. A pesquisa teve como objetivo centralizar as memórias como fonte principal de informações sobre os temas elencados. O S.E.U. foi um objeto de pesquisa, um espaço que contemplou a história de jovens que cresceram no contexto da indústria calçadista francana.

As memórias afetivas trazem lembranças dos elos familiares. As mães são figuras centrais nas memórias aqui apresentadas. As mães que criaram seus filhos sem apoio paterno, as mães que tiveram a jornada dupla de emprego doméstico e fabril. As que ficaram grávidas e tiveram que se submeter às condições insalubres e a falta de direitos trabalhistas. Todas elas mulheres que são parte da história da reestruturação trabalhista na cidade, que carregaram a expansão das bancas e fábricas de sapato em suas costas.

Não existe legalmente o que poderíamos chamar de “*mais criança*”. Mas nessas reproduções de memórias esse foi o único termo que conseguiu explicar as facetas do trabalho infantil na cidade. Não existe “*mais criança*”, exceto nas famílias dos trabalhadores francanos. Nesses casos, existem as idades nas quais as crianças conseguem desempenhar uma função. Quando chegam à idade em que são capazes de conduzir e entender responsabilidades, adquirem um novo status de importância na produção. Trabalhar desde a infância, por ser algo naturalizado na cidade, esconde premissas que chegam a ser cruéis em relação à exposição infantil e a exposição em ambientes insalubres.

A educação adquire um papel secundário e quase inexistente para aqueles que aprendem que a educação é feita pelo trabalho. Um trabalho manual, mecânico e repetitivo. O raciocínio da produção, o controle do tempo pelo trabalho e as divisões por funções, que definem idades, responsabilidades e refletem as desigualdades da sociedade, sejam elas sexuais ou sociais.

Existia o tempo de ser jovem e esse tempo não era sempre. Por isso o termo “jovem” se associava aos dias de lazer, a participação de grupos da igreja, ou de ida a locais diferentes de suas rotinas. Portanto, para ser jovem e poder usufruir dessa condição como meio de lazer, era necessária uma delimitação de tempo e de espaço.

Esse contexto formulou uma cidade com uma geografia social, uma cultura moral e uma educação voltada ao mercado de trabalho. Os bairros operários da cidade cresceram e formaram verdadeiras cidades com características próprias. A mobilidade desses jovens se embasou em lugares os quais eles tinham acesso ou não. Mas esse fator não era tão simples

assim, observamos que ao remeter as memórias dos espaços e das trajetórias espaciais que percorriam, essa acessibilidade era justificada por estruturas sociais desiguais

Primeiramente, os moradores dos bairros operários, como a área norte da cidade, não possuíam a cultura de frequentarem locais distantes dos bairros. Mas essas informações são justificadas principalmente porque as áreas de lazer da cidade ficam geralmente em locais não acessíveis. E como vimos, os bairros como o Jardim Vicente Leporace, não foram planejados e pensados em termos de políticas públicas para possuírem áreas de lazer e afins.

E, logicamente, os sentimentos de pertencimento e os constrangimentos em frequentar locais que expressam as diferenças culturais e sociais, são fatores a serem analisados. Principalmente porque, como expôs Balbim (2016), a mobilidade é um conceito fluido e flexível e também se permeia das questões simbólicas, além das espaciais.

Essa geografia espacial da cidade, também influencia na questão educacional. A comparação entre a escola da periferia e a escola central parece dar voltas nas memórias apresentadas. Mas não estamos falando de diferenças entre escolas públicas e privadas necessariamente, mas de escolas públicas centrais e escolas públicas periféricas.

Em teoria, por serem escolas públicas deveriam se encaixar em um contexto social semelhante. Contudo, não é o que ocorre. Os bairros periféricos ficam distantes dos bairros centrais, o que inviabiliza estudantes que trabalham outros períodos e que dependem de transportes públicos ou alternativos conseguirem chegar até o local de estudo. Por uma facilidade espacial e financeira, é mais fácil estudar no próprio bairro.

Mas não deveria ser um problema. Os bairros necessitam de planejamento estrutural que pensem na escola, na saúde e no lazer como necessidades dos moradores. Partindo dessa premissa, de acordo com dados analisados, esses bairros já não atendem essas necessidades básicas. Mas novamente, mesmo que fossem construídas mais escolas nas periferias, o que as narrativas mostraram é outra diferenciação, uma diferença entre a qualidade do ensino das escolas e a estrutura física das mesmas.

Nas escolas periféricas, os horários são mais flexíveis ao trabalho, o ensino noturno é mais presente, e, se estamos falando de alunos trabalhadores, devemos considerar o cansaço pós-trabalho, o esgotamento mental e o sentido de valorização dos estudos em detrimento do trabalho. Nas escolas centrais, por possuírem contextos diferentes, a qualidade do ensino se altera pela diferenciação social desses alunos, ou seja, não possui os mesmos problemas, ou os possuem em menor dimensão.

As escolas centrais são compostas por jovens que possuem condições sociais melhores do que aqueles jovens que estudam e moram nas periferias. Isso não parte de uma visão

somente exterior a vivência dessas escolas, mas também da diferenciação dentro de um mesmo espaço escolar. Por isso o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) das escolas demonstrou essa diferenciação social, mesmo sendo todas elas escolas públicas, esses índices são diferentes, e as dimensões espaciais e sociais da cidade os justificam em parte.

Essa relação de desvalorização da escola parte também da visão de tempo da cidade. A escola assume um papel em relação ao futuro e as possíveis oportunidades trazidas por ela são associadas às visões distantes, um futuro muito longe das suas expectativas. Como não possui um imediatismo e relação direta com o presente e a própria compensação, ela passa a ser uma via secundária ao trabalho.

Um conceito comum na expressão das narrativas foi sempre associar a juventude com uma questão de classes. E por essa questão se pôde observar que os espaços de lazer não eram os mesmos e os conhecimentos e perspectivas de futuro possuíam diferenciais. A questão de classe aparece na dicotomia entre bairro e centro, entre alunos da escola particular e alunos das escolas públicas.

São juventudes diferentes porque partem de lugares diferentes. Mesmo quando ocupam um mesmo espaço, como a escola pública do centro, eram diferentes. Para além de tudo, eles eram visualizados dessa forma, tratados de forma diversa. Ocupavam dentro de um micro espaço locais diferentes: a merenda e a cantina.

Não foi diferente na universidade. Ainda são jovens que não se sentiram à vontade para pertencerem ao local que não acolhe sua classe social. São jovens, francanos, sapateiros e moradores de bairros periféricos. Agora universitários ou formados, mas continuam sendo jovens, francanos, sapateiros e moradores de bairros periféricos. A universidade pareceu diferente para eles. E se o Ensino Básico, considerado universal, foi excludente. A universidade que mantém uma estrutura que há anos tenta superar a desigualdade, não poderia ser diferente.

O fato é que esses jovens ao entrarem na universidade compuseram um espaço que em anos de construção não os pertencia. Foram educados para serem trabalhadores e, mais do que isso, enfrentaram questões sociais diversas até conseguirem o status de universitários. Sem dúvidas as políticas de ações afirmativas, principalmente as cotas, foram fatores que possibilitaram esse acesso ao Ensino Superior que, como demonstrado nas narrativas, não foi uma trajetória simples, mas sim cheia de obstáculos. São jovens negros, pobres, trabalhadores e com orientações sexuais diversas. São sujeitos que participam historicamente dos grupos de vulnerabilidade social no Brasil.

Esse é um dos papéis mais relevantes do S.E.U.. Como um cursinho popular, ao lidar com esses grupos que historicamente e socialmente foram excluídos, consegue propor uma educação que busque uma igualdade e que consiga superar esse contexto. Por isso a palavra mais definidora do mesmo talvez seja “*acolhimento*”. Um acolher que promove sentimentos de pertencimento e de justiça, uma forma de fazer com que a população trabalhadora consiga enxergar seus direitos, como o acesso a universidade.

Em todos os participantes o significado do S.E.U. foi vinculado à alguma ruptura e principalmente teve um sentido de amparo. Seja por questões de classe, gênero ou orientação sexual. De alguma forma eles se sentiam representados e respeitados pelo espaço do cursinho. O acesso à informação e a possibilidade de conhecer novas oportunidades abriram eixos de comunicação, questionamentos e busca de identidades. O S.E.U. teve um papel importante na formação desses sujeitos cumprindo suas perspectivas em relação a plano pedagógico, ao acesso da classe trabalhadora e a aprovação em universidades.

Como sabemos, os cursinhos pré-vestibulares surgiram da defasagem do Ensino Superior em não oferecer vagas a todos os que queriam cursá-lo. A universidade se tornou um objeto de disputa, mas, sobretudo de privilégios. Contudo, esse movimento de criação de cursinhos também foi um movimento que se desenvolveu como alternativa a suprir essas desigualdades de acesso por parte de alguns grupos. Assim os cursinhos populares e comunitários foram criados, com a finalidade de conseguir democratizar o Ensino Superior.

Não são a solução para uma Educação Superior verdadeiramente acessível e com princípios de igualdade. Os cursinhos são medidas paliativas de luta contra esse sistema excludente. Eles necessitam saber que precisam lutar também para que em futuros, próximos ou distantes, não seja necessário a existência de projetos alternativos de educação para suprir a defasagem do Ensino Básico e a exclusividade do Ensino Superior.

O S.E.U. não substitui as políticas de acolhimento social e educacional. Mas é um complemento, um sistema de educação que funcionou e funciona para jovens trabalhadores da cidade. Mesmo que historicamente e socialmente, todos os caminhos sejam mais difíceis em relação à trajetória desses jovens, ele possibilitou um avanço por uma igualdade. No fim, foi essencial como um processo de transformação e amadurecimento, mais que um abrigo, foi também uma rede de apoio na qual eles não dimensionavam.

Infelizmente, esses jovens são uma exceção. Não são todos os trabalhadores que possuem a oportunidade de frequentarem o cursinho, que irão prestar o processo seletivo e serem aprovados. Contudo, espaços como esse demonstram que é possível lutar pela inclusão

e igualdade em termos sociais. Esses jovens não devem ser fruto de exceções ou caminhos fora de um trajeto habitual de vida, mas sim objetos de transformação e inclusão.

As narrativas expostas aqui não são com finalidade de demonstrar uma simples superação com a abordagem de histórias de pessoas que conseguiram por seus esforços romper com barreiras. São histórias que demonstram a fragilidade da sociedade desigual.

Se essa juventude é forte o suficiente para reconhecer esses percursos desiguais, não tenhamos dúvidas. As situações que expõem os estigmas aos jovens pobres, negros, ex-presidiários, mulheres, homossexuais e afins, são demonstrativos de que esses problemas não são individuais. Por isso o S.E.U. aparece como uma alternativa, uma via de educação voltada a entender esses grupos sociais, transpondo o sentido de acolhimento e pertencimento, mas principalmente a tentativa de exigir que os direitos desses jovens em relação a educação sejam, no mínimo, existentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Diego Eduardo. **A memória de quem nunca se identificou com a fábrica** (Apêndice C). Franca-SP, 2018.

ANTUNES, Ricardo e ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

AUGUSTO, Livia Sanches. KULAY, Luiz Alexandre. FRANCO, Eloisa Sartori. Audição e exposição ao tolueno - uma contribuição para o tema. **Int. Arch. Otorhinolaryngol.**, São Paulo - Brasil, v.16, n.2, p. 246-258, Abr/Mai/Junho - 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/iao/v16n2/v16n2a15>. Acesso: 10 de jan. de 2019.

BALBIM, Renato. Mobilidade: uma abordagem sistêmica. In: BALBIM, Renato; KRAUSE, Cleandro ; CUNHA, Clarice. Cidade e Movimento - **Mobilidades e Interações no Desenvolvimento Urbano**. Brasília: Ipea, 2016.

Barbalho, L. A. & Barros, A. V. (2010). O lugar do trabalho na vida do egresso do sistema prisional: um estudo de caso. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 3(2), 198-212.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Atuação pública e promoção da eficiência coletiva em arranjos produtivos locais [recurso eletrônico]: a experiência do pólo industrial de Franca-SP**. São Paulo: Ed. UNESP Digital, 2016.

BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Empresário fabril e Desenvolvimento Econômico. Empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)**. 285 f. Tese (Doutorado em Sociologia)- FCL,UNESP. Araraquara, 2003.

BARROS, José D'Assunção. A escola dos annales e a crítica ao historicismo e ao positivismo. **Revista Territórios e Fronteiras V.3 N.1** – Jan/Jun 2010. Disponível em: <https://doi.galoa.com.br/doi/10.22228/rt-f.v3i1.56>. Acesso: 19 de dez. de 2018.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: Bourdieu, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2003.

BRASIL, Ministério Público. **Decreto nº 7.388, de 9 de dezembro de 2010. Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília-DF, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7388.htm>. Acesso em: 04 de set. de 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei nº 12.711, 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília-DF, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em: 10 de jan de 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Sistema de Seleção Unificada**. Disponível em: http://sisu.mec.gov.br/tire-suas-duvidas#lei_de_cotas. Acesso: 13 de jun. de 2018.

BRASIL. **Anais da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **O que é o PROUNI**. Disponível em: <http://siteprouni.mec.gov.br/>. Acesso: 10, dez. 2018.

BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? In: BALTAR DA ROCHA, M.I. (org.) **Trabalho e gênero. Mudanças, permanências e desafios**. São Paulo, Editora 34, 2000, 383p.

CAMARANO, Ana Amélia (org). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Organizadora Ana Amélia Camarano – Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CAMPOS, Cíntia Machado. Os jovens na Ditadura e Pós-ditadura Militar brasileira: escritas em Ciências Humanas. **Hist. R., Goiânia**, v. 18, n. 2, p. 247-274, jul. / dez. 2013. DOI. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/29863>. Acesso: 20 de jun. de 2018.

CARVALHO, José Carmelo; FILHO, Hélcio Alvim; COSTA, Renato Pontes. **Cursos pré-vestibulares comunitários: espaços de mediações pedagógicas / organização: José Carmelo Braz de Carvalho, Hélcio Alvim Filho e Renato Pontes Costa**. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008.

CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C; ANDRADE, Carla Coelho de. (org). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília : Ipea, 2009. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28489>. Acesso: 10 de jan. de 2019.

CINTRA, Gabriela Sampaio. **A menina e seus cabelos: uma construção de realidades**. (Apêndice E). Franca-SP, 2018.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2004.

CONSELHO Nacional de Justiça. **Banco Nacional de Monitoramento de Prisões. Cadastro Nacional de Presos**. Brasília-DF: Ministério da Justiça, 2018.

FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi (Rio J.) [online]**. 2002. vol.3, n.5, pp.314-332. DOI. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X003006013>. Acesso: 20 de jun. de 2018.

FOLHA. **CDHU começa a demolir as lojas do conjunto Leporace em Franca-SP.** Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2012/07/1114020-cdhu-comeca-a-demolir-as-lojas-do-conjunto-leporace-em-franca-sp.shtml>>. Acesso: 10 de jan. de 2019.

FORSTER, Letícia M.K.; TANNHAUSER, Mario; TANNHAUSER, Semíramis L.. Toxicologia do tolueno: aspectos relacionados ao abuso. **Rev. Saúde Pública, São Paulo**, v. 28, n. 2, p. 167-172, Apr. 1994 .
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101994000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 de jan. de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101994000200011>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.

FUENTES, Maria Cecilia Sodré. **Conjunto residencial Parque Vicente Leporace:** marco de novas concepções urbanísticas na trajetória do BNH. Dissertação de Mestrado (Engenharia Urbana). São Carlos : UFSCar, 2006. 175 p.

GERMANO, José Wellington. **Estado Militar e educação no Brasil.** São Paulo: Cortez. 1993.

GIGANTE, Marcos Antônio. **História oral de idosos asilados em São Carlos-SP:** velhice, asilo e memória da cidade (1950-2008). 2008. 225 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103123>>. Acesso: 04 de jan. de 2019.

GLOBO. **Moradores do CDHU de Franca-SP procuram justiça para evitar obras.** Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/08/moradores-do-cdhu-de-franca-sp-procuram-justica-para-evitar-obras.html>. Acesso em: 01 de jan. de 2019.

GOMES, Aurélia Garcia. **As linhas de pesponto, a laranja e a busca por identidades.** Franca-SP, 2018.

Hirata, Helena. (2001). Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, 18 (2), 139-156.

IDEB (2015) O Indicador de Nível Socioeconômico – INSE da Disponível em:< <http://inep.gov.br/consulta-ideb>>. Acesso em: Jul, 2018

LECCARDI, Carmen. (2005). Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo . **Tempo Social**, 17(2), 35-57. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200003>. Acesso: 13 de jul. de 2018.

LOPES, Roseli Esquerdo; SILVA, Carla. Regina. MALFITANO, Ana. Paula. S. Adolescência e juventude de grupos populares urbanos no Brasil e as políticas públicas: apontamentos históricos. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 23, p. 114–130, 2006.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza; BERTANI, Iris Fenner. A relação trabalho e saúde no setor calçadista de Franca, São Paulo. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 152-160, jan. 2009.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza; BERTANI, Iris Fenner. **Reestruturação Produtiva no setor calçadista de Franca/SP: o caso das bancas**. III Simpósio do Gepal. Uel, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/edvania.pdf>>. Acesso: 10 de abr. de 2018.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Sousa. Reestruturação produtiva, trabalho informal e invisibilidade social do trabalho de crianças e adolescentes. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n118, p. 294-317, abr/jun.2014. Disponível em www.scielo.br/pdf/ssoc/n118/a05n118.pdf. Acesso: 13 de maio de 2018.

LUNA, Flávio Aparecido F. **Educação e trabalho no ensino médio noturno em Franca/SP: Desafios para as políticas públicas de desenvolvimento social no Brasil**. 2017. p.91. Dissertação de mestrado (Mestrado em Políticas Públicas). UNESP, Franca-SP.

MALATIAN, Teresa Maria. Memória e Identidade entre Sapateiros e Curtumeiros. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 16, n. 31/32, p.193-206, 1996.

MANNHEIM, Karl. (1982). "O problema sociológico das gerações" [tradução: Cláudio Marcondes]. In: Marialice M. Foracchi (org), **Karl Mannheim: Sociologia**. São Paulo: Ática, pp. 67-95.

MARGULIS, Mario; URREST, Marcelo. La juventud és mas que una palabra. In: MARGULIS, Mario. **La juventude é mas que uma palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1998.

MARQUES, Fabrício; QUEIROZ, Cristina. Portas de entrada para a universidade. **FAPESP**. Edição 263. jan. 2018. PP. 31-37. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/01/16/portas-de-entrada-para-a-universidade/>. Acesso: 13 de jun. de 2018.

NAVARRO, Vera Lúcia. A origem da indústria de calçados de couro em Franca. **Estudos de História, Franca**, v.6, n.1, p. 37-53, 1999.

OLIVEIRA, Geovane Bianque. **Os espaços acolhedores: o silêncio de quem tem muito a dizer**. (Apêndice F). Franca-SP, 2018.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude — alguns contributos". **Análise Social**, vol. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRAZERES, Taísa Junqueira. **Na costura do sapato, os desmanches das operária: um estudo sobre as condições de trabalho e saúde das pespontadeiras da Indústria de calçados de Franca-SP**. 2010. p.198. (Dissertação de Mestrado em Ciências). Ribeirão Preto - SP.

PRIN, Gwin. **A história oral**. In: BURKE, Peter. A escrita da História. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

REZENDE, Vinícius Donizete. **Anônimas da História: Relações de trabalho e atuação política de sapateiras entre as décadas de 1950 e 1980 (Franca – SP)**. 2006. p.254. Dissertação de mestrado (Mestrado em História). UNESP, Franca –SP.

SARTORI, Elisiane. Trabalho infantil em Franca: um laboratório das lutas sociais em defesa da criança e do adolescente. **Cad. Pagu [online]**. 2006, n.26, pp.253-278. ISSN 0104-8333. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000100011>. Acesso: 20 de jan. de 2019.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Dosse, François Pierre Nora - homo historicus. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 31, n. 61, p. 354-357, 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882011000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 03 de jan. de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882011000100020>.

SILVA, Leonardo Antônio. **O sapato e privação de liberdade**. (Apêndice A). Franca-SP, 2018.

SILVA, Leonardo Aparecido. **O menino, a bicicleta e as oportunidades de vida** (Apêndice B). Franca-SP, 2018.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 3ª edição ampliada com nova introdução. Jessé Souza; colaboradores André Grillo et al. – São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.

SPOSITO, M. P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). **Juventude e escolarização – estado do conhecimento**. São Paulo: Ação Educativa, 2000. p. 6-34.

SPOSITO, Marília Pontes. CORROCHANO, M. C. A fase oculta da transferência de renda para os jovens no Brasil. **Tempo Social. Revista de sociologia da USP**, v.17, n.2, p. 141-165, 2005.

SPOSITO, Marília. Pontes. CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 16–39, 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, Isadora d'Ávila; KEMP, Valéria Heloisa; MACHADO, Marília Novais da Mata. Os sentidos do trabalho para egressos do sistema prisional inseridos no mercado formal de trabalho. **Cad. psicol. soc. trab., São Paulo**, v. 17, n. 1, p. 85-99, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no Interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)**. 1998. 276 f. Tese (Doutorado em Economia)-Unicamp, Campinas, 1998.

VUNESP, Fundação do Vestibular da Unesp. **Vestibular 2014**. Disponível em: <<https://www.vunesp.com.br/VNSP1308>> Acesso: 13 de jun. de 2018.

VUNESP, Fundação do Vestibular da Unesp. **Vestibular 2016**. Disponível em: <<https://www.vunesp.com.br/VNSP1503n>>. Acesso: 13 de jun. de 2018.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo , v. 11, n. 2, p. 289-297, dez. 2010 .

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 de abr. de 2019.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta (1989). **UNESP: Diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos**: Estudo de variáveis de capital cultural (Série Pesquisa Vunesp, Vol. 2). São Paulo: Fundação Vunesp.

APÊNDICES

APÊNDICE A

O SAPATO E PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Leonardo Antônio Silva⁶¹

Leonardo tem 22 anos e é natural de Franca-SP. Quando sua irmã tinha seis anos de idade, seus pais já haviam se separado. Eles se divorciaram quando ela estava grávida de seis meses. Ele, seu irmão e sua mãe foram morar na casa de sua avó, no Conjunto Habitacional (CDHU), no bairro Jardim Vicente Leporace. Popularmente conhecido como os “*predinhos do Leporace*”. Foi nesse bairro que Leonardo cresceu.

Nesse período, sua mãe trabalhava como doméstica. Acordavam às 4h 30 da manhã. A imagem da sua mãe no trabalho era uma parte muito tocante para Leonardo. Lembra que a viu adoecer nos seus trabalhos.

No primeiro trabalho como doméstica, ela recebia pouco mais de 400 reais – ele não se lembra do valor exato, mas sabia que não passava de 600 reais. Trabalhou por seis anos em uma mesma casa, mas acabou saindo de lá e viveu uma fase de desemprego, quando sua família passou severas dificuldades financeiras.

Meu pai até ajudava um pouco. Ele ajudava, ia me visitar no fim de semana ou a gente ia pra casa dele. Levava uma caixa de leite, ou algo assim. Na páscoa, também, eu lembro que ele sempre dava um ovo de páscoa. Aí, minha mãe arranjou um emprego como coladeira pra fazer teste. Na verdade, ela já sabia trabalhar como coladeira. Quando mais nova, com treze anos, ela já tinha trabalhado como coladeira, o primeiro registro dela. Aí ela ficou, acho que, oito anos nessa firma. E aí gente deu uma estabilizada.

Passou no teste de coladeira, foi trabalhar em uma banca de pesponto e ficou no local por oito anos; indo depois para outra banca. Ele e sua irmã ficavam sozinhos em casa, e, não tendo outra opção, ela (14 anos) cuidava dele (12 anos). Os vizinhos também ajudavam, às vezes.

⁶¹SILVA, Leonardo Antônio. Narrativa concedida à autora em 2018. Franca, SP.

Nessa época, ele estudava na E. E. Júlio César D'Ellia, bem ao lado dos predinhos, era só atravessar a rua que estava lá. Depois, sua mãe passou a trabalhar para a Carmen Steffens, uma fábrica de sapatos, não mais uma banca de pesponto e com isso algumas diferenças se davam nas condições de trabalho.

No Ensino Médio, ele foi estudar no período noturno da escola E. E. Pedro Nunes Roche, no parque Jardim Progresso. Nesse tempo suas memórias eram mais precisas, tinha como espelho sua mãe. Uma mulher que viu sofrer pelo trabalho durante anos em bancas de pesponto, que teve desgastes físicos e psicológicos irreparáveis. Não querendo o mesmo para si, pensava em seguir outros caminhos.

Pensava em ser pespontador, que ganhava um pouco mais, mas eu nunca gostei de trabalhar em lugar fechado. O outro ramo que tinha pra quem não gostava dessa área era a construção civil. Aí, com dezesseis ou dezessete anos eu comecei a trabalhar como servente e fui aprendendo. Completados os dezoito anos, eu consegui um emprego registrado como servente.

Mas não quis trabalhar. Ele dependia do dinheiro da mãe, confuso, explicou que fez “*coisa erradas*”. Por conta da situação, justificou. Via as coisas que estavam na moda, e as queria, mas não podia compra. Não podia tê-las ou consumi-las. Utilizou dos adjetivos “*bobo*” e “*iludido*” para se descrever nesse período.

Não tinha como, eu não arranjava emprego, já era maior de idade, depois que já tinha sido mandado embora desse último emprego registrado. Aí eu roubei e fui preso. Fiquei preso por 52 dias, saí e falei: “preciso mudar de vida, preciso fazer alguma coisa, senão meu fim vai ser na cadeia ou na fábrica de sapato. E eu não quero só isso pra minha vida”. Porque eu já estava vendo de exemplo da minha mãe, trabalhando de segunda a sexta e mesmo assim passava dificuldade.

As lembranças da figura materna eram muito relevantes. A mulher que mesmo diante das mais diversas dificuldades o criou e educou. Nas mãos de sua mãe ele podia ver os calos, de quem aparava o couro com uma tesoura que nem sequer tinha afofamento. Uma vez certa vez, em um frio inverno de 2012 ou 2013, sua mãe contraiu pneumonia. Temeu por ela, que com frio e doente ia trabalhar a pé, por não ter outra opção.

Na época que conheceu o cursinho, mencionou: “*eu estava roubando pra caramba!*”. Foi em uma festa ao lado dos predinhos e encontrou Marina, na época coordenadora do cursinho, que lhe apresentou o projeto e sugeriu que o conhecesse.

Ele não sabia como funcionavam as universidades. Não tinha ideia, mesmo morando perto da Universidade de Franca (UNIFRAN), pois o bairro do Leporace não ficava distante. Mas não sabia ao certo o que era uma universidade pública, se era paga ou gratuita. Nem sequer considerava a universidade uma opção, sabia que teria que trabalhar. Fosse na construção civil, ou em qualquer outro ramo. A última opção seria a fábrica de sapato, enfatizou. Não queria mesmo pensar nessa possibilidade, devido sua experiência em casa.

Contudo, não era somente sua mãe que trabalhava nas fábricas. Seu pai também era funcionário do setor calçadista e tampouco lhe tinha passado a sensação de ser um setor que assegurasse financeiramente sua vida. Trabalhava na fábrica de solados Amazonas, que produz solados e colas de sapateiro. Leonardo sabia da vivência na fábrica e na banca, por isso o trabalho com sapato era sua última opção.

Conheceu o Cursinho S.E.U. e quis estudar lá. Porém, foi exatamente nessa época que ficou detido por 52 dias. Arrependeu-se, por sua mãe, por vê-la indo visitá-lo na cadeia, sofrendo humilhações. Foi principalmente por ela que ele não queria estar mais vivendo aquela situação.

E, quando eu estava preso, eu pensei: “é isso mesmo que eu quero pra minha vida? Ver minha mãe que trabalhou a vida inteira pra me sustentar e ter vê-la agachar três vezes pelada na frente de funcionário de cadeia pra me trazer comida?”. Daí em diante eu decidi que ia mudar de vida, de uma forma ou de outra, ou entrar pra fábrica de vez, ou tentar uma faculdade.

Mas não era simplesmente querer, ele sabia que não seria tão simples assim. Sabia que teria que fazer escolhas e que elas não seriam fáceis. Mas conseguiu, pela primeira vez, enxergar outras possibilidades e ter outra perspectiva para sua vida.

Aí eu me interessei, e quando eu estava lá dentro eu fiquei pensando nisso. Eu falei: “eu vou terminar a escola e ver isso” porque eu tinha parado no primeiro colegial porque... né? Não tinha muito motivo para eu terminar a escola e ir trabalhar numa fábrica.

Não sabia que exista a possibilidade de terminar os estudos, contudo, quando conseguiu falar com os membros do S.E.U. conheceu a possibilidade do EJA, o Ensino de Jovens e Adultos.

Matriculou-se na E. E. Laura de Melo e conseguir ser bem rápido para concluir seus estudos, quatro meses em cada série mais precisamente. E, ainda lá, conheceu a FATEC

(Faculdade de Tecnologia) e quis prestar. Era uma nova oportunidade em sua vida, que tempos antes jamais sequer havia cogitado.

Era o que eu queria. Assim que eu terminei, prestei o vestibular e consegui passar. Nesse momento, o cursinho me ajudou muito, porque eu não tinha ideia nenhuma das coisas que podiam cair no vestibular. O formato dos professores do cursinho também era uma coisa que eu nunca tinha visto, porque na época de escola eu fazia muita bagunça e os professores nem davam “mais bola”, só falavam: “ah, esse aí não quer mais estudar, não vou mais me esforçar pra tentar ensinar“. E no cursinho eu percebi essa diferença, de os professores terem uma atenção específica com cada aluno, com cada dificuldade que eles enfrentam. E isso me ajudou bastante, aí eu prestei e consegui passar. Fiquei muito feliz, postei no Facebook, fiz churrasquinho e tudo mais.

Foi cursar a FATEC. Contou sua experiência com o vestibular da UNESP. Foi difícil conseguir fazer a prova, era a primeira vez que teve contato com provas daquele nível de dificuldade. Nessa época, trabalhava o dia todo, havia conseguido um emprego. Precisava trabalhar, não tinha escolha, era uma necessidade. Também não podia pagar a taxa de inscrição, ficou assustado com o valor, só depois que ficou sabendo da possibilidade da isenção.

Estava apreensivo, trabalhava o dia todo e estudava a noite. Havia frequentado poucas aulas do cursinho, porque somente ia quando conseguia um tempo. Questionou-se “*se eu tivesse terminado no tempo certo*”, “*se no Ensino Médio eu tivesse Química ou Matemática*”. Infinitas possibilidades, chances que sabia que já não eram possíveis, o mundo sentimental das coisas não vividas.

Situações ilusórias e sonhadoras para os meninos como ele. Quando era mais novo, pensava em ser jogador de futebol. Em Franca-SP, como a cultura do basquete é muito presente, sonhou em ser jogador de basquete também. Mas era uma ideia, uma ilusão, não era acessível. Não era certeza que conseguiria uma escolinha de basquete. E como conseguiria? As instituições famosas do município cobram mensalidades, como sua mãe ira pagar com o salário que recebia?

As memórias não eram lineares. Entre as idas e vindas, voltou ao seu período de privação de liberdade. É uma lembrança importante, dolorosa. Nunca havia sido preso quando menor de idade. Já havia ido para a delegacia, mas nunca foi privado de sua liberdade. Foi um tempo difícil e bastante complicado.

Se há um exemplo, uma palavra qualquer que Leonardo poderia citar sobre si, nessa época, seria o que todos falavam sobre ele: um problema. Um jovem problema, um aluno difícil, um adolescente perdido. O exemplo perfeito de como não se deveria ser. E na escola, essa afirmativa pesava ainda mais.

Quanta vezes ouvia “*vai virar bandido*” ou “nem para lixeiro você serve”. Isso machucava, era como se estivesse afirmando que ele não seria nada, que não servia nem para profissões desrespeitadas e desvalorizadas pela sociedade. Quando entrou na cadeia, pensava que seria como em um filme. Não tinha dimensão do que passaria.

Na primeira semana, fiquei cinco dias sem ir pro pátio, sem tomar sol, sem nada, que é a inclusão. Depois, você faz um cadastro antes de descer pras celas, tira a foto, faz a carteirinha e vai para RO. Lá, você aguarda vinte dias, até a liberação de algum espaço nos outros raios. Têm nove raios. Aí, eu passei esses vinte dias lá. Passei muito apertado, chorando, tive dores de dente. Umass coisas muito difíceis de imaginar. Passei o dia das mães na cadeia. Foi, para mim, o “tapa de luva” que eu precisava para acordar e falar comigo mesmo: “ou, por que você está fazendo isso?”, minha mãe sempre batalhou pra conquistar as coisas pra mim.

Encontrou vários amigos da rua lá dentro. Geralmente pegos roubando ou traficando, a maior população lá era proveniente do tráfico, a segunda era roubo e a terceira estelionato. E a população majoritariamente negra, como ele. Jovens, pobres, negros, sem faculdade e sem terceiro colegial. E assim, ele observava como era a dinâmica dentro dos presídios: quem eram seus ocupantes, se de fato havia trabalho para a reinserção social dos detidos, ou se somente a prisão os aproximava cada vez mais de uma vida marginal, ao invés de inseri-los na dinâmica social fora de seus muros.

Porque lá dentro, não adianta, é “faculdade de bandido” a cadeia, como eles dizem mesmo. Porque lá dentro você pega mais contato, mais contato e, se você quiser, vai se afundando mais. Mas se você não quiser, não é uma coisa que eles te obrigam. Se você não quiser, você fica na sua e pronto.

Sem oportunidades e sem informações, esses jovens reincidiam no crime. Às vezes, é uma escolha em relação à compensação, às vezes, não. Mas no geral, eles voltam ao crime, pois a vida após a cadeia provavelmente era ainda mais difícil do que antes dela.

Ele não teve o acesso à informação, né? Ele vai continuar pensando: “eu vou sair daqui e continuar na mesma “pindaíba”, tendo que roubar bolacha do mercado pra comer”, e ele tá ali escutando um cara dizendo que consegue trazer 100 quilos de qualquer coisa e só colocar ele pra vender e ganhar 10 mil por semana. É uma coisa bem... Em comparação com a fábrica de sapato também, né? Porque o salário inicial é de novecentos e pouco. E aí, na semana, em três dias, um jovem no tráfico roubando, pode ganhar isso ou até mais. Então, esse jovem sem acesso a informação, não que eu não seja esse jovem, porque eu já tinha certo acesso a informação.

Não é simplesmente querer mudar de vida. É uma questão de oportunidades, sair e ser considerado um ex-presidiário. A sua identidade passa a ser essa e, se for negro, ainda enfrenta mais preconceitos ainda, contou Leonardo. Não quis entrar nesse assunto, não quis falar sobre racismo.

Hoje Leonardo realiza um trabalho na Fundação Casa de Franca. O que o move a fazer isso é justamente a oportunidade de oferecer informações aos adolescentes que se encontram em privação de liberdade. Ele não havia sido preso quando era menor, mas sabia que se ele tivesse conhecido outras oportunidades, talvez tivesse escolhidos outros caminhos. Quer que jovens como ele consigam ter essas oportunidades. É gratidão, talvez a vontade de mudar caminhos, não querer que mais indivíduos como ele passem por situações como essa ou similares. Ele explica que tem consciência de que é uma exceção, que não são todos que possuem a vontade de sair do crime, de oportunidade e afins, mas é uma tentativa válida.

Eu me enxerguei neles. Pensei: “eles estão aqui porque não sabiam, igual a mim, que podiam fazer outra coisa, que podiam esperar mais um pouco, ter um pouco de paciência, que podiam ter dinheiro e sucesso na vida também”. Aí, a gente faz isso, faz umas oficinas de conscientização sobre racismo, homofobia etc. E falamos bastante sobre a possibilidade de faculdade, quais os sonhos deles, um curso que eles pensam em prestar. E falamos que é possível sim, que a gente precisa estudar. Mas não é aquele teatrinho do “basta você se esforçado que você consegue”, não é, né? A coisa tem várias barreiras e a gente fala isso pra eles sempre. Falamos: “muitas pessoas vão tentar te atrasar, mas quem corre com você são as suas pernas, então não fiquem dependendo dos outros, não”.

Em 2017, conseguiram aplicar a prova de seleção do S.E.U. na Fundação Casa. Não foram todos que prestaram, mas o que a fizeram se saíram muito bem. São inteligentes, explicou Leonardo. Mas não entendem seu potencial e as suas oportunidades. São privados de

muitas coisas. Ser jovem na cidade é complicado, existem juventudes. Você pode ser jovem de acordo com sua classe social. No bairro do Leonardo, por exemplo, muitos meninos são iguais a ele.

Então, digamos que o “ser jovem francano” está muito relacionado à classe social dessa juventude. Porque, se for um jovem igual a mim, os meninos lá do meu bairro são todos iguais a mim. Se a mãe não trabalha em fábrica, ela é empregada doméstica. E, por exemplo, nos prédios nós não tínhamos área de lazer por perto. Já começa aí, para gente poder ser criança e brincar. A gente tinha que improvisar e improvisava, né? Segundo, o acesso à informação lá, mediante aos órgãos públicos era básico. Por exemplo, tinha a reunião do condomínio, aí ia um homem e conversava só com o síndico e o síndico organizava uma reunião para repassar para todos. Ou seja, já era uma “informação terceirizada”.

Direito de viajar e pode andar na rua tranquilo. Essa foi a definição do Leonardo para alguns jovens da cidade. Ele não podia fazer isso, como seria possível? Sua mãe ganha menos que um salário mínimo, criava seus filhos sozinhos. Os meninos do Leporace também são assim, são filhos de sapateiras, mães solteiras, que conciliam o trabalho externo com o trabalho doméstico e com a criação dos filhos. As mães não podem escolher entre comprar comida ou lazer.

Então, em comparação ao jovem de classe média é completamente diferente, porque o jovem de classe média francano tem essa juventude que vai nos bares, no shopping e tudo mais. Para mim, isso de ir a pé ao shopping, eu preferia o trajeto a estar no shopping em si, porque eu me sentia num lugar totalmente excludente. Por exemplo, eu andava e os seguranças ficavam me seguindo, em todo lugar era isso, mas no shopping era bem forte. Eu entrava numa loja e as pessoas ficavam me olhando e isso me incomodava, mas eu fazia de tudo pra não dar muita bola. Eu fazia de tudo pra aquilo não me atingir, não tem como, eu sou preto e eles vão ficar me olhando.

São juventudes diferentes. O shopping é um local que não é frequentado por Leonardo e seus amigos. Reiterando o que foi dito antes, não quis entrar no assunto sobre de seu sofrimento em relação ao racismo, mas explicou que sabia sempre quando estava sendo vigiado. E o shopping era um local onde isso ocorria sempre, os seguranças, as pessoas, os lojistas, todos ficaram desconfiados, olhando e seguindo. E ele bem sabia que isso é porque ele era negro, mas sobre esse assunto, a conversa não se desdobrou muito, talvez porque não se sentisse a vontade.

Menino pobre, é... assim, nem digamos de um menino pobre. Porque se a mãe ainda é sapateira, por exemplo, eu tinha o lazer de ir pra casa dos meus avós no final de semana, a gente juntava um dinheiro de cada um, fazíamos um churrasquinho e todo mundo se divertia. Mas tem o caso das pessoas que a mãe é catadora de lixo, não tem um emprego e se sustenta com o básico do básico. Tem um amigo meu que morava no prédio que era assim, ele passava muita dificuldade e, hoje em dia, ele está preso. Pode ser que seja por conta disso, provavelmente, ou pode ser que não, mas hoje ele está preso. E ele está aí reforçando a estatística: mais um pobre, preto, preso. Mais um número no sistema que não tem Ensino Superior, nem nada.

No fim, Leonardo se definiu como um menino sonhador, aspirante de uma vida melhor que a de seus pais. Sua mãe, sempre presente em suas lembranças foi um suporte de mudança em sua vida. Reconhece em sua história que pode sim ser considerada uma trajetória de superação, mas sabe dos contextos que permearam suas escolhas. Entendeu que a vida não é feita simplesmente de escolhas, nem de sorte, mas de oportunidades. E hoje, ele sempre busca essas oportunidades, mas sabe que sua trajetória tem mais obstáculos.

APÊNDICE B

O MENINO, A BICICLETA E A BANCA DE PESPONTO

Leonardo Aparecido Silva⁶²

Leonardo tem 22 anos e é natural de Franca-SP. Faz Biomedicina na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) em Uberaba-MG. Ninguém o conhece como Leonardo, pois todos o chamam de Moreno, seu apelido. Prefere ser chamado pelo apelido e, nessa narrativa, irei me referenciar a ele como tal.

Moreno é uma pessoa expansiva sempre alegre e muito comunicativo. Participava de muitas atividades do S.E.U.. Fui professora dele em 2013 e 2014, me lembro que sempre sentava nas primeiras carteiras, fazia brincadeiras e participava de todas as aulas.

Sempre ia de bicicleta e organizava a cozinha do S.E.U.. Era responsável por comunicar à coordenação as desorganizações nas salas de estudos ou no refeitório. Chamava a atenção inclusive dos coordenadores quando ocorria algo. Sua bicicleta estava sempre trancada no mesmo local, perto da cozinha, no prédio que se localizava no centro. Defendia o S.E.U. com toda sua força e hoje entendo o motivo.

Uma das características que mais tornava Moreno reconhecível no cursinho eram suas risadas e o fato dele sempre aparentar estar alegre, independente da situação. Contou essa história feliz, agradecido por tudo que viveu. Ciente das críticas, das memórias dolorosas e muitas vezes injustas. Mas viveu “*o que tinha que ser vivido*”, como ele próprio definiu, e assim contou essa narrativa.

Suas primeiras memórias são de seus pais na banca de pesponto da família. Ele não lembrava exatamente o momento em que começou a trabalhar, acredita que foi mais menos na quinta-série. Antes, como contou, ele não trabalhava.

Contudo, não trabalhar, não significava que ele não estava na banca de pesponto. Antes desse período ele descreveu que ajudava na produção. Sempre ajudou em casa, desde que era possível sua memória ser acessada. Ajudava colocando os rebites nos sapatos, coisas mais simples que as crianças podem fazer. A banca era em sua casa, no fundo do quintal, seu

⁶² SILVA, Leonardo Aparecido. **O menino, a bicicleta e as oportunidades de vida** (Apêndice B). Franca-SP, 2018.

pai era o responsável pelos serviços. Eram duas mesas para a colagem e duas máquinas de pesponto, completou.

No Ensino Fundamental, ele contou que foi estudar em uma escola particular. Ganhou uma bolsa de estudos. Contudo, na quinta série, ele ganhou uma bolsa apenas de 50% do valor da mensalidade. Não podia pagar, contou que nessa época sua mãe estava no quinto filho, seria impossível.

Mas resolveu estudar em uma escola considerada boa, era pública, mas era conhecida por ser uma escola com ensino bom, localizada no centro da cidade. A escola era a E. E. Prof^o Mário D'Elia, localizada no centro do município. Era uma referência de escola, todos os alunos que queriam optar por uma escola boa, iam para lá, segundo ele.

A memória dele, nesse período se remete basicamente à banca de pesponto. Não entendia como um trabalho e, até esse momento, considerava como ajuda. Não era trabalho em sua concepção, era necessidade. Não era um sofrimento, ele não era obrigado a fazer nada. Era como estar ciente de suas obrigações, era necessário que ele participasse da produção em conjunto com sua família, não achava isso errado.

No começo não era trabalho. Era um ajuda mesmo, até porque meu pai pegava os sapatos, me colocava na frente da televisão e dizia: “faz aí os rebites”. A gente fazia assistindo televisão, vendo os desenhos de forma tranquila, fazíamos e depois entregávamos, então, aquilo era uma ajuda simplesmente, as vezes rolava um picolé, mas nada que a gente achasse que aquilo era por conta do trabalho.

Mas quando chegou a quinta série, aí vieram às responsabilidades. Ele passou a colar os sapatos e a trabalhar com a cola de contato. Sua divisão do tempo era a seguinte: *ia a escola no período da manhã, almoçava e, logo em seguida, se encaminhava para a banca no fundo do quintal*. Ajudava a passar a cola, virar o sapato e mais algumas funções. Seu pai pagava uma pessoa para fazer esse serviço anteriormente, mas quando Moreno e seu irmão passaram a ter idade o suficiente, eles começaram a fazer esse serviço, poupando a família de ter gastos com funcionários.

Acho que a partir daí começamos a ver que era realmente um trabalho, porque a gente recebia um dinheiro. Eu recebia um dinheiro para poder ir de ônibus para a escola e também para gastar na escola, que não era muita coisa, totalizava uns 50 reais. Lembro que eram 30 reais só de ônibus.

Como o ônibus era caro, Moreno mudou um pouco seus hábitos. Passou a ir de bicicleta para a escola. As *coisas* estavam “*apertadas*” em sua casa, mesmo com a banca de pesponto reduzindo custo com os serviços dele e de seus irmãos. De bicicleta ele recebia um valor menor pelos serviços, pois não precisava gastar com a condução até a escola. Nesse ponto se inicia a história mais marcante de Moreno: sua bicicleta.

Recapitulando a história. Moreno estudava na E. E. Prof^o Mário D’Elia, no centro da cidade. Mas ele morava no bairro Jardim Tropical, localizado cerca de 6 km de distância da escola. Quando ia de ônibus era necessário pegar um ônibus até o terminal central da cidade e caminhar mais dez minutos até a escola. Quando passou a ir de bicicleta, demorava mais ou menos uma hora.

Aí depois passei a ir de bicicleta, demorava uns 40 minutos mais ou menos, sempre ia de manhã. Saía de casa umas 05h30 da manhã para poder chegar as 06h30 na escola, pensando nos atrasos que eu poderia ter. Eu era o primeiro a chegar à escola por causa disso, e, também porque eu tinha vergonha de ir com a bicicleta, eu era um dos únicos que ia de bicicleta e não era uma bicicleta moderna e tal, era uma “monarca” muito simples, eu ia para a escola bem mais cedo para poder esconder a bicicleta e era um dos últimos a sair da escola, para que ninguém visse a bicicleta, ainda saia por baixo para não encontrar meus amigos.

A escola era descrita por ele como elitizada. Ele morava em um bairro distante, na área norte da cidade, um bairro tipicamente operário. Sua família sempre trabalhou na banca de pesponto no fundo de casa. Não conhecia outras realidades além do contato nas escolas em que estudou.

Como era localizada no centro e considerada umas das melhores, muitos alunos de escola particular foram estudar lá, então os alunos de lá tinham condições de pagar uma escola particular, mas mesmo assim ficavam lá. Então, querendo ou não, eles eram buscados de carro, van e etc.. Nunca via alguém indo de ônibus ou de bicicleta.

Moreno lembrou-se de como era a divisão da escola, descrita por ele como bem peculiar. A escola era dividida em uma “*sala do particular*” e o restante dos alunos. O restante dos alunos era composto por pessoas que não estudavam em escolas particulares anteriormente, no geral, que eram advindos de escolas públicas. A sala do particular era uma sala na qual os alunos adivinham de escolas privadas. Moreno, era advindo de escola particular, mas fazia parte do “*resto*” dos alunos da escola.

Tinha vergonha da bicicleta, mas nesse período também tinha receio de mostrar sua marmita. Era difícil, trabalhava o dia todo, precisava comer e a forma mais acessível era levar marmita. Mas esse momento, no qual na escola era composta por muitos alunos com condições sociais diferentes, uma marmita não era bem vista. Uma marmita e uma bicicleta diziam muito sobre as condições sociais de Moreno.

Era uma divisão que vinha da administração. Aí essa separação vinha nas salas para os alunos. Não que eles nos excluíssem, mas a sala deles ficava em outra parte da escola e, durante o recreio, nem tínhamos convivência. Nas filas da lanchonete estavam eles, e a gente estava na fila da merenda. Isso era em 2014, 2015, por aí. Nas provas, como a Olimpíadas de Matemática e coisas assim, somente eles passavam, nós nunca pensávamos que iríamos passar. Até que uma vez aconteceu de uns amigos e eu, passarmos para a 2ª fase, eles ficaram muito chocados! O diretor até veio conversar com a gente, nós até ouvimos um pouco por não termos passado depois. Os alunos da particular até medalhas já haviam ganhado.

Depois da sétima série ele tinha menos vergonha da bicicleta. Aumentou o número de alunos vindos de escola pública, via mais pessoas indo de bicicleta ou de ônibus. Conta que juntou dinheiro e comprou uma bicicleta nova. Fez questão de ir mais tarde para escola, chegava atrasado para que todos vissem sua bicicleta nova! Nesse período até estacionamento para bicicletas a escola passou a ter. As memórias da sétima série eram melhores, foi uma época em que ele começou a ter uma vida social.

A partir da sétima série, eu passei a querer viver mais, a sair mais, eu estava quase fazendo quinze anos, queria sair mais. Como minha família não tinha dinheiro, não tinha condição de me dar dinheiro para sair, ir no shopping, coisas assim, eu não saía. Aí a alternativa que eu encontrei foi entrar para a igreja, então eu entrei. Esse “entrar para a igreja” era para sair, tinha compromissos na terça, sábado e domingo.

Moreno entrou para igreja para ter um lazer. Ele era de família católica, eles sempre iam às missas e participavam das atividades da religião. Mas nesse período, foi participar do grupo de jovens, sendo assim, passou a ter dias de lazer pontualmente às terças feiras. Era seu dia de poder usufruir o tempo em que não trabalhava, de poder sair da escola e se divertir.

Ah! Sair de casa, não ficar naquela coisa monótona. Toda terça que eu saía para ir à igreja e ficava no centro até a tarde, era meu dia de ser jovem. Depois voltava para a casa, ajudava a lavar a louça e nas tarefas domésticas, depois ia para as manuais.

Saiu da banca em seu primeiro ano do Ensino Médio. Nessa época o pai de Moreno prestou um concurso para a Empresa Municipal de Desenvolvimento de Franca (EMDEF)⁶³. Nessa transição entre mudar da banca de pesponto para outro ramo de serviços, seu pai passou a trabalhar nos dois lugares. Durante o dia trabalhava na EMDEF e a noite na banca de pesponto. Ele chegava às 17 horas da tarde, às 19 horas começava a trabalhar na banca e assim era até as 23 horas. Ele e seu irmão ajudavam nesse período também:

Era uma ajuda mesmo. Eu chegava em casa, fazia minhas tarefas e ia ajudar ele, basicamente eu também tinha uma jornada dupla, ajudava ele a noite. Começou a procura por uma chance de emprego como aprendiz porque eu queria sair daquilo, eu me esforçava para ser um dos melhores alunos da escola, para não ter que fazer uma banca de pesponto, não ter que depender de uma banca.

É sair daquilo, não levar aquilo pra mim pelo resto da vida. Imagine só, você vive sua infância inteira em uma banca e, de repente, a banca de pesponto é a sua vida, o seu meio de obter dinheiro. Era isso que eu queria evitar, foi aí que comecei a pensar em outros caminhos, na universidade.

Querida sair da banca e assim fez. Moreno aproveitou que seu pai estava a fechando e saiu da banca também. Contudo, não podia ficar sem trabalhar, conseguiu um emprego de menos aprendiz lavando carros em um estacionamento, conta que às vezes os carros não estavam sujos e ele tinha que lavar mesmo assim. Mas preferia esse serviço ao serviço da banca. Era chamado de “menor aprendiz”. Ganhava a metade de um salário mínimo, lembra Moreno, não chegava a 450,00 reais. Parte desse dinheiro ia para sua mãe, para ajudar em casa, porque, como ele descreve, eles precisavam. Contou que sua mãe estava no sétimo filho.

Saiu do estacionamento e prestou uma prova para trabalhar no setor público em Franca, no PAT (Posto de Atendimento do Trabalhador), no qual trabalhou durante um ano. Estudava de manhã na escola, a tarde trabalhava no PAT e noite fazia o S.E.U.. Destacou que foi um ano muito difícil, não lembrava muito bem de todos os detalhes.

Os jovens da cidade eram diferentes dele, sabia que não tinha as mesmas oportunidades que outros jovens.

Então, acho que o meu “ser jovem” não existiu. Passei dessa fase e foi despercebido, não tinha lugar para sair. Não tinha cultura, tinha poucos eventos, como a expoagro, mas não podíamos entrar, então não vivi. Alguns momento fui em shopping, mas não participei de nada. Basicamente era Franca-SP te dizendo que você deveria trabalhar com aquilo, com calçados, não tinha como. Fui da infância direto para o trabalho adulto e foi isso que era para ser vivido mesmo.

⁶³ EMDEF - Empresa Municipal para o Desenvolvimento de Franca, tem como função institucional a execução de obras, atividades de caráter econômico-social e prestação de serviços que beneficiem o Município. Disponível em: < <http://www.emdef.com.br/empresa-competencia>>. Acesso: Abr.2018.

Entrar para o S.E.U. foi um marco na vida de Moreno. O definiu como grandioso e acolhedor. Havia prestado inúmeros processos seletivos para conseguir bolsas de estudos em cursinhos particulares, mas não conseguiu. Depois de tudo que viveu, agradeceu por não ter conseguido, pois viveu um período que considerou como um dos mais importantes em sua trajetória. Sentia-se bem, por um simples motivo: *a bicicleta e a marmita não eram mais motivos de vergonha, pelo contrário, se sentia orgulhoso e determinado por isso.*

Não me sentia com vergonha, eram várias marmitas, a gente até disputava espaço na geladeira para guardar, era muito legal. Foi um tempo muito divertido, eu decidi e pude realmente estudar, a biblioteca central⁶⁴ foi muito importante, conheci várias pessoas ali. Nesse ano o Lucas (professor de redação na época) me ajudou muito, a fazer as redações e a escrever. Eu me sentia bem, acolhido, feliz!

Pela primeira vez, Moreno dedicou-se aos estudos integralmente. Contudo, para tal situação precisou recorrer a algumas situações. Primeiro, aproveitou o momento de desemprego em que a cidade passava, explicou que utilizou isso a seu favor. Não achava emprego, era um fato, porém não estava procurando. Havia terminado a escola e, nesse referido ano, queria estudar para o vestibular, em sua concepção, achava que se entrasse para o mercado de trabalho seria difícil continuar os estudos.

Os estudos corroboraram para sua entrada na universidade no ano posterior. Foi aprovado em Biomedicina, na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Uberaba-MG. Só assim entendeu que era adulto há muito tempo. Mudou-se de cidade, de vida. Sabia cuidar da casa, pagar contas, ter responsabilidades, nada disso era novidade.

Em seu primeiro ano, morava muito longe da faculdade, o local havia sido o primeiro lugar que encontrou e que estava com um preço mais acessível. Foi atrás de informações sobre as bolsas dos programas de permanência da universidade e conseguiu todas. Com o valor, explicou que consegue manter-se e ainda destinar parte para o lazer.

No meu primeiro ano morava longe da faculdade então não me envolvi muito, mas no segundo ano eu comecei a participar dos projetos e comecei a. Participo da bateria, do projeto de divulgação da Biomedicina, também participo da Liga de Neurociências e hoje, sou professor de redação do cursinho popular da UFTM que tem sido uma alegria muito importante, me espelhei nos meus professores do cursinho, no Eduardo e o Lucas.

⁶⁴ Biblioteca Municipal de Franca que fica localizada no antigo colégio Champagnat

A experiência na universidade lhe mostrou muitas coisas. Uma delas foi a sua vivência como jovem negro e pobre no Ensino Superior. Em seu curso havia somente três vagas destinadas ao auto declarados negros, quando entrou era o único negro da turma. Conta que seu curso é quase integralmente branco e elitizado, não vê negros o frequentando. Como participa de outros projetos, sabe que ao todo são doze negros em um curso com 180 alunos.⁶⁵ Completa que é um curso rejeitado pela sociedade, que não entende o papel do biomédico e, mesmo assim, não é um curso acessível a todos.

Enfim, Moreno viveu muitas histórias e ainda é um jovem. Tornou-se adulto cedo e encarou as situações que, segundo ele, precisavam ser vividas. Suas memórias trouxeram sua força em relação a enfrentar todos esses obstáculos que lhe foram colocados. Hoje, como estudante da área da saúde, realiza um dos seus maiores sonhos. E sim, era um sonho, que sabe que ainda vai lhe proporcionar muitos outros obstáculos, mas Moreno continua sorrindo e seguindo. É grato pelo que viveu. Ao cursinho de Franca, retribui dando aulas no cursinho em Uberaba, uma das suas maiores alegrias.

Concluindo, Moreno explica que sua presença na universidade é uma forma de resistir, de conseguir meios e combater as injustiças sociais. Por isso participa o máximo que consegue das atividades da universidade. E o S.E.U. cumpriu seu papel, que é grandioso, destinado para pessoas grandiosas, como Moreno.

⁶⁵ Informação verbal concedida a Leonardo Aparecido Silva (Moreno) pela secretaria do curso de Biomedicina da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no campus de Uberaba-MG em abril de 2018.

APÊNCICE C

A MEMÓRIA DE QUEM NUNCA SE IDENTIFICOU COM A FÁBRICA

Diego Alves Eduardo⁶⁶

Diego tem 25 anos, está na graduação em História pela Universidade de Brasília (UnB), quase se formando. Ele mora em Brasília-DF, mudou-se para o local há pouco tempo. Nasceu e cresceu em Franca-SP. Viveu no município até seus 25 anos. Suas lembranças partem de sua infância na banca de pesponto, desde muito cedo, não se lembra de um período em que não estivesse trabalhando.

Talvez essa seja a narrativa na qual a proximidade de seu protagonista seja a mais próxima com o S.E.U.. Diego tinha um elo muito forte o cursinho, vivia por lá. E sim, vivia, essa era a palavra. Sua vida afetiva e social era quase exclusivamente baseada em suas relações com o espaço. Sempre foi um aluno super participativo, integrava todas as reuniões administrativas e as assembléias organizadas pelo S.E.U.. Sempre levava as pautas dos alunos para os professores e não perdia sua chance de falar e expor sua opinião.

Desde sempre, na minha história, meus pais trabalharam em fábricas e em bancas de pesponto, eu cresci no meio. Minha mãe trabalhou em fábrica durante muito tempo como coladeira - que é como eles falavam, em esteira. Meu pai sempre foi pespontador e cortador, mas trabalhou por mais tempo como *pespontador*⁶⁷. Depois que eles casaram, começaram a trabalhar em banca, primeira para a fora.

Na garagem de casa, sempre tinha uma banca de pesponto. Foram raras às vezes em que elas se localizaram em um cômodo a parte. A única vez que isso ocorreu, na verdade, foi quando sua família pegou um cômodo emprestado do vizinho. Mas era sempre do lado de casa, na garagem, no quintal, nos fundos, nas edículas. Tudo podia se transformar em uma banca de pesponto.

Ele ajudava na produção. Não considerava um trabalho, era uma ajuda, pois não recebia pelo serviço. Ele conta que tinha a função de “passar a cordinha” ou organizar os sapatos. Somente quando ele tinha dez/onze anos que ele passou a trabalhar. Estudava no período da manhã e a tarde ajudava e, quando estudava a tarde ajuda em outros períodos. Mas sempre passava parte do dia ajudando.

⁶⁶ Narrativa concedida à autora por ALVES, Diego Eduardo. Franca-SP, 2018.

⁶⁷ Quem pesponta o sapato, “pesponto” é um tipo de costura.

Quando era mais criança não era nenhum trabalho com horário fixo ou pesado, era mais simples e em nível de ajuda, então acabava não recebendo nada, às vezes ganhava um CD de Playstation, para ajudar toda semana, mas era mais sossegado.

Quando cheguei aos 14/15 anos já era mais sério, também já queria ter o dinheiro para fazer outras coisas e aí a gente já conseguia. Mas sempre dependeu muito de como estava à situação em casa, quando estava dando tudo certo, era mais fácil recebermos, quando estava mais difícil segurávamos e, querendo ou não, o dinheiro que recebíamos ficava em casa, dependendo da situação, às vezes o dinheiro que eu não recebia seria usado para ajudar em casa, então ficava na mesma.

Não queria muitas coisas, além disso, sempre trabalhava na banca, então achava normal essa situação. Antes de chegar ao último ano do Ensino Médio, não sabia o que iria fazer. Sempre sonhou em sair de Franca-SP.

Não gostava da cidade e das lembranças que ela trazia para ele. Queria uma coisa somente: sair do setor calçadista. Não tinha planos de como iria fazer isso, vivia em ciclos, tentava sair, mas acabava sempre voltando para a banca. E foi assim durante anos, ele sempre voltava. Recorda-se que na época se recusava a se especializar-se no setor, lembra de todos os seus amigos fazendo os cursos do SENAI⁶⁸, mas ele não. Ele se negou a fazer, não queria isso pra si.

Meus dois irmãos mais velhos, um fez para corte e pesponto, outro para ser modelista, mas todos voltados para o setor dos calçados. Mas eu não quis, mas não significou que não trabalhei nas bancas, continuei na mesma situação, passando cola, dobrando, serviço de mesa, que é como eles falam nas bancas. Então, eu não sabia o que iria fazer, durante a adolescência eu pensava em fazer um curso de informática, de inglês, mas nada muito incomum.

Mas essa passagem tinha uma reflexão. Diego explicou que nessa época seus pais não estavam morando em Franca-SP, ele conta essa parte como uma parte engraçada, pois eles saíram da cidade para trabalhar com sapato.

Eles foram morar em outra cidade e é até engraçado; as pessoas vêem o pessoal de Franca-SP como melhor mão de obra para fazer calçado, então

⁶⁸ O SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) oferece 17 cursos na área do setor calçadista, possui curso de chanfrador de calçados, modelista, cortador, programador e operador de máquinas de corte e costura, pespontador, dentre outras modalidades de cursos técnicos que são oferecidos para os estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Os estudantes têm a oportunidade de estagiar voluntariamente nas fábricas e ter a chance de “aprimorar” os estudos. Há apenas dois requisitos para cursar: o aluno precisa ter no mínimo 14 anos de idade e ter terminado o 7º ano do Ensino Fundamental. Disponível em: <<https://calcados.sp.senai.br/>> Acesso em: 13 de abr. de 2018.

eles ganham mais em outras cidades. Então, meus pais foram para Minas, eu até cheguei a ir, fiquei um mês e voltei.

Nesse período morou com a sua avó, junto com seu irmão. Esse irmão queria muito fazer faculdade e assim procurou alguma alternativa que facilitasse essa opção. Em 2009, por esse período, ele conheceu o S.E.U.. Ele lembra que, ele e mais outro irmão foram frequentar as aulas e eles passavam o dia comentando sobre isso. Os dois passaram na faculdade que queriam, e foram morar em outras cidades:

Meu irmão me explicou como funcionava o cursinho, não entendia o que tinha de especial no cursinho e nem o porquê meu irmão gostava tanto. Fiz em 2010, pela primeira vez, ainda não foi o ano que eu realmente participei do projeto, somente ia às aulas, gostava muito da forma como funcionava o cursinho, tinha uma sensação de liberdade que me dava para estudar, havia o incentivo e uma liberdade.

Era o sonho de Diego morar em outra cidade. Viu que seus irmãos conseguiram esse objetivo, também foi atrás e conheceu o cursinho. Com 18 anos ele começou a frequentar as aulas, mas não sabia exatamente o que procurava em relação aos cursos superiores. Tentou fazer Engenharia Civil, porque ouvia que era um curso que possibilitava um salário melhor, mas não conseguiu passar em nenhuma universidade.

Se o S.E.U. não fosse um cursinho popular, Diego jamais teria chances de cursá-lo. Foi uma situação completamente nova para ele, não esperava que o cursinho fosse ser um espaço que lhe proporcionaria tantas oportunidades. Segundo ele, as pessoas que vivem em um contexto parecido com o seu, não estão acostumadas com outros lugares diferentes das bancas de pesponto. Tudo parecia novo para ele.

Fator mais básico é o fato de conseguir entrar nele, os pagos não eu tinha condições, como disse, em uma época que nem morava com meus pais, eu não tinha condições de pagar um cursinho, nem quando eles estavam aqui seria possível. Eu teria que trabalhar para pagar o cursinho, não fazer mais nada.

É engraçado isso, porque o que mais me mudou durante todo o período que passei no cursinho é o choque de realidade que temos com as pessoas, sim, todo mundo que está presente ali são pessoas mais pobres, de classe média baixa, porque é a ideia do cursinho atender essas pessoas.

Mas sempre podemos ver realidades que não estamos acostumados e esse choque de realidade vai sempre, a cada momento, abrindo mais a sua cabeça. Vem gente de fora de Franca-SP, às vezes é o primeiro contato com pessoas com pensamentos diferentes.

Não ter contato com outras pessoas com histórias diferentes era muito comum. Conhecer coisas novas e histórias diferentes era uma situação muito motivadora. Ele disse que eram pessoas que, apesar de terem histórias diferentes, possuíam semelhanças.

Apresentam histórias diferentes, mas também passam por dificuldades parecidas. Recorda que conheceu pessoas que vieram do Rio de Janeiro e da região nordeste do país. Tudo isso o ajudou a pensar e compreender como eram os caminhos da vida.

E assim se sucedeu, nos anos seguintes, se identificou com o curso de História. E decidiu que prestaria o vestibular para o curso, na própria UNESP de Franca. Mas não era isso seu maior conforto, ser aprovado no vestibular foi uma das situações proporcionadas pelo cursinho, não a única. Sua vida social se vinculou muito a esse momento, por isso, quando foi de fato aprovado no vestibular, resolveu voltar como coordenador do cursinho. Mas a história Diego ainda dá outras voltas.

Eu acho que primeira coisa que penso, é que quando você vê que projeto é composto pela maior parte de voluntários, claro também tem os bolsistas, que recebem, mas mesmo assim, de certa forma, acaba sendo simbólica a bolsa, porque não dava para se manter com ela, às vezes mal dava para ir para o cursinho, então acaba sendo sim um trabalho mais voluntário. Aí vem o pensamento em ajudar, quando você entra no cursinho, o aluno tem a possibilidade de participar do projeto como um todo, não somente como aluno, pode participar das reuniões, votar, participar dos eventos, de todos os espaços.

Ter a possibilidade de liberdade, de poder escolher. Uma liberdade dentro dos estudos, de não se sentir a vontade em assistir uma aula ou outra e poder escolher em sair da sala ou na. Participar como um todo, das reuniões e dos planejamentos. O cursinho, segundo ele, lhe deu a oportunidade de enxergar pensamentos diferentes, de transformar suas opiniões. É um auxílio, um repasse de informações.

Quando foi aprovado no vestibular, foi cursar História na UNESP, em Franca-SP. Explicou que se sentia diferente no ambiente, como se não se sentisse a vontade como se sentia no cursinho. Olhava para os lados e não via pessoas iguais a ele, com uma classe social parecida. Ele participava muito do S.E.U., e através de seu contato com os coordenadores e professores, possuía uma ideia de como seria estar dentro da faculdade. Mas quando se é aluno, é outra coisa.

Mas quando você entra, é outra coisa, é coisa antiga já, “né”? Que as pessoas já sabem, a escola pública do Ensino Fundamental ao Ensino Médio é basicamente para quem é pobre, quando passa para a universidade pública é

o contrário, a grande maioria das pessoas são de classe alta, gente rica. É gente que, como ouvimos histórias, de pessoas que voltam de avião para casa todo final de semana, eu, por exemplo, nunca andei de avião, nunca entrei em um aeroporto.

Ele via que ali havia um conflito. Os francanos não gostavam dos “*unespianos*”, como eram conhecidos os estudantes da UNESP. Mas não era somente isso, o contrário também ocorria. Havia um estranhamento. Os moradores de Franca não tinham ideia do que era uma universidade pública e qual o papel da UNESP. Mas a faculdade e seus alunos também não se moviam para mudar tal opinião. Lembrou que as pessoas nos campus achavam engraçado como os francanos falavam e se surpreendiam quando ele dizia que era da cidade.

É, não tem esse objetivo. Talvez em alguma teoria por aí deva ter, mas da forma como é construída a universidade, da forma como é construído o vestibular, porque acho que já vai além. Se pararmos para pensar o cursinho é todo gratuito, totalmente, agora a universidade, por mais que seja pública, a maioria das pessoas mais pobres não conseguem se manter nela sem um auxílio, uma bolsa, uma moradia, porque não dá pra estudar nela sem gastar nada, ela é pública, mas são textos, eventos, transporte. Sem contar com as necessidades básicas, como comida, energia, água, caso mude de cidade. Na verdade, às vezes até morando na cidade você precisa desse dinheiro.

O campus era muito longe do centro e dos bairros. Só há dois ônibus que fazem esse trajeto. E para se manter bem academicamente é necessário tempo para estudar. O que ocorre é que quando se trabalha é quase impossível se dedicar aos estudos, principalmente nas bancas de pesponto.

Obviamente, os projetos de permanência estudantil na universidade são muito importantes nesse sentido. Diego vive desses auxílios, sempre os teve na Unesp Franca e agora na Universidade de Brasília.

Todo mundo muda alguma coisa quando passa pelo cursinho, muito difícil se manter, só pensando nas várias pessoas que passaram comigo, não consigo pensar em alguém que não tenha mudado. É isso, o cursinho vai além, supera somente o ensino pré-vestibular, é muito mais que isso.

Nunca se identificou com a banca, não queria isso pra si. Diego tem consciência das suas escolhas e fez o podia para conseguir seguir seus objetivos. Saiu de Franca-SP, pois suas memórias não eram felizes na cidade, não gostava de lembrar os tempos que trabalhava e não tinha tempo de estudar. Precisava sair, e assim fez.

Por isso, em seu 3º ano de faculdade, optou por pedir transferência para a Universidade de Brasília, em Brasília-DF. São cidades muito diferentes, principalmente no que tange ao custo de vida. Mas mesmo assim resolveu arriscar, e com a expectativa de conseguir os auxílios financeiros da faculdade, se despediu de Franca-SP e foi morar em Brasília-DF.

Até o momento seus planos deram certo. Conseguiu esses auxílios e consegue manter-se com o valor ganho, inclusive consegue utilizar parte do dinheiro para o lazer. Em alguns momentos se sente distante e com saudades da família e dos amigos de sua cidade natal, principalmente do S.E.U.. Mas é ciente de suas escolhas e até aqui considera essa escolha como a melhor possível. São saudades, mas são sentimentos também, talvez, a melhor opção tenha sido tentar esquecer o que a cidade trouxera, sem desmerecer suas lembranças, mas tentando seguir outros caminhos.

APÊNDICE D

AS LINHAS DE PESPONTO, A LARANJA E A BUSCA POR IDENTIDADES

Aurélia Gomes Garcia⁶⁹

Aurélia tem 24 anos, faz mestrado em Serviço Social na UNESP de Franca. Trabalha em um Hospital particular em Ribeirão Preto-SP. Ela tem um relacionamento e mora com sua namorada, a Ana. Viaja alguns dias na semana para ver aulas e fazer atividades no campus de Franca-SP. Ela nasceu em Franca-SP, em 1993, quando sua mãe trabalhava em uma fábrica de sapatos, a Agabê (HB)⁷⁰.

Aurélia é bem centrada nas atividades desenvolvidas por ela. No cursinho, ela foi coordenadora no ano de 2014 e 2015, quando eu também era coordenadora. Tenho uma proximidade com a Aurélia, pois partilhamos tempos como alunas do S.E.U., mas partilhamos momentos juntas apenas posteriormente, quando dividimos o trabalho como coordenadoras.

Até então, no cursinho, nunca havia contato essas histórias. Ela demonstrou, em todo o processo de construção de sua narrativa, algumas inseguranças. Um receio do futuro, como se fosse possível, sentir medo do que não se viveu exatamente. Mas ela se lembra das histórias de seus amigos e da sua própria história, e, esse medo se permeia simplesmente do ciclo de repetição de histórias nas trajetórias de seus amigos.

A gravidez da minha mãe foi dentro de uma fábrica, então assim, a questão de alimentação, por exemplo, comer de três em três horas, em uma fábrica não existe, ela trabalhava em pé, no horário comercial, mas era uma carga horária em puxada.

As lembranças começam pelas histórias contadas por sua mãe. Na fábrica em que ela trabalhava, ela tinha uma supervisora, que fiscalizava o serviço produzido por ela. Anotava a quantidade de vezes em que ela ia ao banheiro, às vezes, por conta de sua gravidez, ela tinha necessidade de ir mais vezes, levava muita advertência. Ela obviamente não se lembra dessa época, mas se lembra de sua mãe sempre repetir essa história.

⁶⁹ Entrevista concedida à autora por GOMES, Aurélia Garcia. Franca-SP, 2018.

⁷⁰ Agabê (HB) é uma fábrica de calçados que iniciou seus trabalhos em Franca-SP no ano de 1945. Por um período não produziu calçados, voltando a produção no ano de 2012 como “Grupo Betarello” calçados. Disponível em: < <http://www.agabe.com.br/> > Acesso em: 13 de abr. de 2018.

Quando ela nasceu, sua mãe optou por ficar em casa cuidando dela. Não havia possibilidade de continuar prestando serviços nas condições que lhe eram impostas. Nessa época, o pai de Aurélia trabalhava na banca de pesponto de sua tia. Essa banca ficava no quintal da casa dela, seu pai e seu tio também trabalhavam no local.

A única alternativa era sua mãe trabalhar no comércio. Ela passou a ficar com seu pai e seus tios, na banca de pesponto. Não havia vaga na creche pública e, eles não tinham condições financeiras para utilizar outros recursos.

Até hoje eles brincam com isso. Que eles tinham que me dar laranja para comer e misturava com as linhas de pesponto, com goiabada, tudo ali no chão. Hoje levamos na brincadeira, mas na verdade não é uma coisa engraçada, tem todo esse contexto. O perfil francano é esse, a criança desde pequena estar no “chão da fábrica”, que é como a gente fala aqui. Isso foi até os meus três anos, meu pai saiu da banca de pesponto dos meus tios e começou a trabalhar no comércio (grifo meu).

Quando havia eventos na escola, ou qualquer lugar para lazer, os pais dela nunca podiam ir. Ela se lembra disso, quando era pequena queria muito ver seus pais nas reuniões, nos teatros e nas festas que eram preparadas na escola em que ela estudava. Mas eles não podiam, trabalhavam o dia todo. Ela descreveu que sempre olhava para os cantos dos locais, ficava sentada na entrada e esperava que, em alguma hipótese, seus pais pudessem aparecer. Mas isso nunca aconteceu. Não por vontade deles, mas nunca foi possível.

A banca de pesponto da sua tia fechou. Foi um período difícil, contou que seu pai foi trabalhar em um posto de gasolina, em um horário muito complicado e com condições bem insalubres. Ela tinha medo sempre de que nunca mais fosse ver seu pai, então todos os dias que ele chegava, ela se sentia aliviada.

Meu pai trabalhava em posto de gasolina, em um horário bem complicado, com uma condição não muito boa. Várias vezes ele era assaltado. Uma vez levaram todo o salário dele e o salário era para alimentação e era um valor contatado. Era salário mínimo, uns 600 ou 700 reais, na época, até menos. A gente nunca teve carro, nunca tínhamos condição de ter carro, ele ia e voltava de bicicleta ou a pé. Então tinha toda essa preocupação, a gente nunca ficava tranquilo.

Aos 13 anos, ela começou a trabalhar. Seus pais não quiseram que ela fosse para o setor de calçados. A tia dela, a mesma que era dona da banca de pesponto, havia aberto uma cantina em uma escola particular, o Instituto Samaritano de Ensino.

E eu comecei a ajudar ela com 13 anos, eu estava na sétima/oitava série, meu pai me buscava e me levava de bicicleta até o Samaritano. Então, eu não almoçava, não dava tempo. Eu almoçava depois que todos os alunos, que tinham a mesma idade que eu estavam dentro da sala de aula. Então eu estava atrás do balcão, atendendo pessoas com a mesma idade que eu, em uma escola particular.

E Aurélia não queria nada de muito diferente. Queria poder acordar na hora que quisesse, sonhava em poder assistir ao “*Video Show*” ou “*Sessão da tarde*”. Pensava que poderia ter um computador, um vídeo cassete ou um vídeo game. Sonhava com essas coisas que, para alguns, era o mínimo. Isso era muito distante da trajetória dela. Enquanto ela sonhava em ter isso, trabalhava na cantina da escola. Ela os ouvia falando de filmes, de jogos e viagens que faziam. Comentavam nas filhas da cantina sobre suas idas ao shopping, ao cinema e afins. Ela sabia que eles eram diferentes dela.

Eu trabalhei na cantina até os meus 15 anos, mais ou menos, aí eu comecei a fazer espanhol pelo CEL⁷¹, que era gratuito. Eu tinha que ir à escola de manhã. Era escola de bairro, nunca no centro, porque estudar em escola de bairro é pior, as escolas do centro são diferentes, são melhores. Então escola de bairro é sempre pior. Nós sempre soubemos disso e sentíamos a diferença.

Os bairros em que morou são espaços que participam da memória afetiva dela. Morou no bairro Jardim Vicente Leporace⁷² e depois no Jardim Tropical⁷³, ambos localizados na área norte da cidade. São bairros operários, com muitas fábricas e bancas de pesponto.

Pessoas que moram no Leporace não têm o acesso ao centro da cidade, porque o ônibus é caro, é longe. É uma cidade a parte. Uma cidade dentro da cidade, era raro eu ir à praça, não tinha isso. Nessa época, eu tinha quinze anos. Eu estudava de manhã, à tarde eu trabalhava, te fazia espanhol a noite. Esse curso de espanhol, apesar de gratuito, não era oferecido nas escolas periféricas, então eu tinha que ir ao centro da cidade. Eu chegava em casa umas 21/22 horas. Eu voltava de ônibus sozinha.

Com 16 anos de idade, ela começou a fazer estágio na Prefeitura Municipal. Estudava de manhã e trabalhava no período da tarde. Quando terminou seus estudos, foi prestar

⁷¹ Centro de Estudo de Línguas (CEL). Em todo o Estado de São Paulo, mais de 200 unidades disponibilizam cursos de inglês, espanhol, francês, alemão, italiano e japonês, conforme a demanda de cada região. O acesso aos cursos é gratuito. Podem se inscrever alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Educação de Jovens e Adultos (EJA). Disponível em: < <http://www.educacao.sp.gov.br/centro-estudo-linguas>> Acesso: 10 de abr. 2018.

⁷² Jardim Leporace, bairro localizado na Região Norte de Franca-SP.

⁷³ Jardim Tropical, bairro localizado na Região Norte de Franca-SP.

vestibular. Contudo, não foi tão simples assim. Ela demorou a entender como funcionava um vestibular, até o final do Ensino Médio, não sabia a existência de universidades públicas. Na escola em que ela estudava ninguém nunca havia explicado como era o processo de entrada nas universidades. Não fazia diferença, segundo ela, ser ou não aprovado em um vestibular, não era importante para os alunos e companheiros da escola em que estudava.

Ela sabia a diferença de uma escola pública e uma escola particular. Quando trabalhava na cantina, ouvia sempre os alunos comentando dos vestibulares. Falavam da USP (Universidade de São Paulo), da Unicamp (Universidade de Campinas), da UNESP (Universidade Estadual Paulista), dos vestibulares em geral. “vestibular” não era uma palavra do seu vocabulário, nem da rotina da escola dela.

Na escola particular era muito nítido. Tinham propagandas em cada corredor, os professores estavam empenhados nisso. Enfim, eles ganhavam para isso. A escola particular é para passar no vestibular, ela cresce com isso. Na escola pública as coisas não são assim, ela não ganha nada com isso, ela só precisa de mais uma aluno sentado na cadeira e pronto. Ninguém vai ser reprovado. Se passamos ou não no vestibular, não faz diferença.

A memória de Aurélia dá voltas, vai e volta ao seu passado com uma simplicidade. Destacou a oitava série e o primeiro ano do Ensino Médio. No contexto dos seus amigos, por exemplo, era uma época na qual eles entravam ao mercado de trabalho, nunca passava disso. E, por mercado de trabalho, podemos entender que eles começaram a ter responsabilidades de adultos, mas na verdade, o trabalho, segundo ela, começava bem antes, logo na infância. Mas esse trabalho na infância, não era considerado como um trabalho, pois não era remunerado. As crianças eram ajudantes. Basicamente, entrar no mercado de trabalho nesse contexto era conseguir ter renda e participação financeira na estrutura familiar.

Aurélia explicou que no início do Ensino Médio é mais fácil perceber quem são os alunos trabalhadores. Nos bairros operários muitos estudam no período noturno, porque começam a trabalhar durante o dia nas bancas ou fábricas. No Tropical, por exemplo, ela contou que via seus amigos trabalhando nas bancas, havia uma em casa esquina. Quando se tem 14 ou 15 anos, é necessário trabalhar nas bancas de pesponto, geralmente de modo informal, porque são menores de idade. A banca é informal e não tem fiscalização. Ela foi enfática: *é só colocarmos de bairro do tapete, se não tem fiscalização, não poderia dar nada errado.*

O perfil do jovem francano é: ele vai fazer 15 anos, ele vai trabalhar em uma banca de pesponto. Vai comprar a roupa que ele quer, porque um tênis de marca é muito mais bonito que outro que não tem marca. Os meninos da

escola particular usam tênis de marca, porque eles não? Então, eles têm consciência que precisam trabalhar para comprar, porque o tênis está ali, está na televisão, eles querem o celular. O jovem quer começar a trabalhar para comprar essas coisas, então ele se forma e aí ele trabalha para conseguir comprar um carro, não para passar no vestibular. Então isso adianta as coisas, para que ficar anos em uma universidade, se você não puder ter um carro, construir uma família? Ninguém explica para eles que a universidade é uma oportunidade.

Quando frequentava o Ensino Médio, percebeu que a maioria estava no noturno e estar na escola ainda era um sinal bom. Havia uma parcela dos seus amigos que deixaram os estudos. A família incentivava isso, afinal, o trabalho era uma necessidade maior. Sua família também pensava assim, como não pensar? Ela sabia que não era culpa das famílias, são pesos diferentes. As suas certezas estavam na sua vontade em não estar em uma fábrica.

Quando terminei os estudos eu quis ir para outro lugar, não queria ficar na fábrica. Ninguém gosta de ficar na fábrica, de ficar em pé, em um lugar fechado, suando, cansado e sendo controlado até para ir ao banheiro e isso ganhando mal. Além de vários acidentes, que são colocados embaixo do tapete.

Ela queria fazer faculdade e não foi uma decisão natural para seus pais. Ela disse que logo eles pensaram que ela iria fazer Unifran (Universidade de Franca)⁷⁴, logo, trabalharia o dia todo para pagar os estudos. Mas ela queria fazer universidade pública e aí se fez sua resistência:

Eu disse que queria a universidade pública. Na cabeça da minha mãe, foi o “cúmulo do absurdo”, porque faculdade pública era para as pessoas ricas. Eu nasci pobre, então deveria aceitar que eu era pobre, para ela, eu queria ser nariz em pé. Tive todo um trabalho para mostrar para eles que as coisas não eram assim, fiz um ano de cursinho, mas não passei direto, era impossível, nunca tive estrutura para isso.

Ela conheceu essa oportunidade quando entrou no S.E.U.. Viu que poderia cursar uma universidade gratuita e que gostava do curso de Serviço Social. Tinha consciência que se parasse de estudar, ela nunca sairia do ciclo do trabalho.

Então prestei o cursinho da UNESP e entrei, e mudei minhas visões, porque minha família me falava isso tempo todo, que deveria trabalhar. Então, eu

⁷⁴ Universidade de Franca (Unifran) é uma universidade particular da cidade de Franca-SP, atualmente ligada ao grupo Cruzeiro do Sul. Disponível em: < <https://www.unifran.edu.br/> > Acesso: 10 de abr de 2018.

trabalhei nesse período, trabalhava no SAC do Magazine Luiza⁷⁵, e a noite eu ia para o cursinho.

Ela observava seu bairro todos os dias e pensava “se ficar aqui, ou trabalhar aqui, eu nunca vou sair desse ciclo”. Não era questão de comodidade, via as pessoas e pensava na necessidade em viver daquela forma. Entre escolhas e oportunidade de vida, o cursinho era uma oportunidade.

Quando entrei no cursinho consegui ver que talvez eu não estivesse errada, porque eu comecei a pensar que estivesse errada, de tanto ouvir: “você tem que trabalhar” e “universidade pública é para pessoas ricas”, eu comecei a criar isso na minha cabeça. Quando alguém te repete muitas vezes aquilo, você começa a acreditar.

Seus amigos começaram a trabalhar quando crianças. Largaram os estudos, casaram com pessoas que tiveram essa mesma trajetória. No fim, tiveram filhos que comiam laranja com linhas de pesponto. Essa era seu maior receio, não queria nem como última hipótese. Descreveu que por várias vezes quando vai embora da universidade e passa pelos bairros das áreas periféricas observa as mulheres com suas crianças, costurando nas calçadas, às vezes nos canteiros das ruas. As crianças brincando em meio ao couro e as colas, ajudando na produção.

Se você passar nas periferias de Franca, você vai ver várias mulheres costurando na calçada, com os filhos na rua, andando sem sapato, às vezes no meio da rua. Teve uma vez que eu tive a oportunidade de aprender a costurar um sapato, eu tinha uns 10 ou 11 anos de idade, quando minha mãe começou a costurar em casa e eu comecei a ajudar ela. Minha mãe pegou uma quantia e me deu dois, eu não consegui. As pessoas costuram aquilo com muita facilidade, como se fosse macio, mas não é. O couro é duro, eu machuquei toda a minha mão, criou calo, sangrou e cortou. Então, assim, essas mulheres estão calejadas e elas não percebem isso. Você começa tão cedo que chega um momento que você acha tudo aquilo normal e não é normal, não é.

Quando começou a universidade, entrou como coordenadora do S.E.U.. Ela quis voltar, queria fazer parte como colaboradora. Ficou dois anos trabalhando como coordenadora, descreveu como muito enriquecedor. Aprendia enquanto estava ensinando. Eram todos iguais, como um mesmo contexto, histórias de vida parecidas. Eram diferentes, mas também semelhantes. Não era como nos tempos antigos na escola Samaritano, pois compartilhavam de vivências parecidas. Era confortante, acolhedor.

⁷⁵ Magazine Luiza, empresa comercial que iniciou seus trabalhos em Franca-SP no ano de 1957.

Na universidade as situações eram diferentes. As pessoas tinham uma condição financeira bem melhor que a dela, a história parecia se repetir. Eram as pessoas, ou melhor, a representação dos alunos do Samaritano que frequentavam a UNESP. Contou que em suas lembranças, no primeiro ano de faculdade, um professor perguntou quem havia vindo de escolas públicas. Poucas pessoas levantaram a mão. Um número pequeno de pessoas, em um curso considerado como um dos menos concorridos e com maior número de alunos advindos de escolas públicas, segundo as informações que ouvia.

É uma diferença muito grande. O professor chegava com palavras e termos acadêmicos, com referências de filmes e livros, que nunca tive acesso. Permanecer ali era muito difícil, tem a diferença de classe. Precisávamos participar de eventos que muitas vezes não tínhamos dinheiro da inscrição para pagar. Hoje estou mais engessada, estou acostumada, aprendemos a lidar. No mestrado hoje ainda vivo isso e eu tenho que superar.

Na mesma época em que sua mãe dizia “*universidade é para gente rica*”, ela se assumiu como lésbica. Nessa mesma época ela repetia “*vou procurar um padre, pois você está com demônio no corpo*”. Não era culpa dela, não entendia e nunca tinha convivido com pessoas de orientação sexual diferente da considerada normativa: “*Eu sabia que ela me amava e que iria me acolher, mas sabia que ela teria resistência e que não seria fácil*”.

Ao entendimento dela, na universidade, a aceitação da diversidade é maior. Talvez pela acessibilidade de informações. O que difere de uma cidade do interior, na qual a maioria das famílias é operária e, conseqüentemente, repetem ciclos conservadores. A homofobia é muito presente em Franca-SP. Sua família foi um ponto fora da curva, como explicou. Eles a acolheram e hoje lutam em conjunto com ela para combater as opressões diárias as quais ela sofre.

Dentro da universidade existe a homofobia, mas ela é velada. Em Franca ela é clara é transparente, na universidade ele é menos transparente, ela existe, mas é mais mascarada. Ninguém na universidade assume ser racista ou homofóbico. Acho que é isso.

Aurélia retoma suas lembranças com uma naturalidade ímpar. Hoje ela é uma pesquisadora da área das Ciências Humanas e pesquisa educação e sexualidade, por mais que isso a influencie em sua visão, as lembranças aqui contadas não foram carregadas de teorias ou explicações sociais. A vivência é algo que se constitui das trajetórias através de memórias que podem ser acessadas. O sentimento em relação aos sofrimentos da vida forma uma característica muito singular. Ela é uma jovem da classe popular de Franca, uma mulher

lésbica, ex-aluna de um cursinho popular e hoje mestranda. Não foi uma questão de sorte, finalizou ela.

APÊNDICE E

A MENINA E SEUS CABELOS: UMA CONSTRUÇÃO DE REALIDADES

Gabriela Sampaio Cintra⁷⁶

Gabriela tem 21 anos, nasceu em Franca-SP, no ano de 1996. Sempre morou na cidade, conta que residiu em quase todos os bairros da área norte do município. Desde pequena lembrava que seu pai vendia carros, mas já havia feito de tudo: trabalhou em fábricas de sapato, com jogo do bicho e por fim, começou a vender carros.

Ela fez cursinho em 2014, fui professora dela. Gabriela era muito diferente quando era aluna, às vezes não gostava de assistir todas as aulas, saía muito do prédio do cursinho para ficar com os amigos. Ela tinha os cabelos lisos e longos, foi se descobrindo ao longo do tempo. Não entendia sua identidade racial, não se considerava negra. Não sabia das situações envoltas as estruturas opressoras ou dos debates que isso poderia permear. Mas tudo se transformou posteriormente.

Meu pai e minha mãe se conheceram muito jovens, ela estava fazendo colegial ainda, logo depois eles casaram e ela parou de trabalhar. Na verdade, ela nem chegou a trabalhar, ela era “do lar”, meu pai sempre sustentou a casa, dentro dessa cultura do homem trabalhar e sustentar a casa. E logo em seguida, ela já ficou grávida de mim, para ficar perto era muito mais fácil se ela não trabalhasse. Minha infância foi assim, sempre moramos em bairros periféricos de Franca-SP, no Leporace⁷⁷, City Petrópolis⁷⁸, Jardim Portinari⁷⁹.

Estudou na escola do bairro City Petrópolis, na EMEB Drº Valeariano Gomes do Nascimento Caic. Depois foi para E.E. Drº Orlik Luz, que descreveu como uma escola bem periférica, com muitos problemas estruturais. Ficou lá até a oitava série, depois foi para uma escola central, mas também pública, que era a Escola Estadual David Carneiro Ewbank (CEDE).

Gabriela conta uma história sobre sua trajetória escolar. Ela havia sempre estudado em escolas públicas da área em que morava, até que a situação teve outro caminho. Sua mãe resolveu fazer faculdade, fez pedagogia, por Educação à Distância. Em sua família ninguém

⁷⁶ Narrativa concedida à autora por CINTRA, Gabriela Sampaio. Franca-SP, 2018.

⁷⁷ Jardim Leporace, bairro localizado na Região Norte de Franca-SP.

⁷⁸ City Petrópolis, bairro localizado na Região Norte de Franca-SP.

⁷⁹ Jardim Portinari bairro localizado na Região Norte de Franca-SP.

possuía o Ensino Superior, sua mãe seria a primeira a cursá-lo. Seu pai não havia concluído nem a quinta série do Ensino Fundamental, e sua mãe demorou muito tempo para conseguir cursar uma faculdade.

Ela tinha 35 anos quando começou e foi por EAD, ou seja, faculdade à distância. Lembro de ver minha mãe acordando às 5 horas da manhã e ia trabalhar às 7 horas. Ela conseguiu emprego de inspetora de uma escola particular, eu consegui uma bolsa integral nessa escola e fui estudar lá, estudei a partir do final 2º ano do Ensino Médio e o 3º ano do Ensino Médio.

Os caminhos mudaram, pois sua mãe através da sua nova formação conseguiu emprego em uma escola particular em Franca-SP. Assim, se iniciou mais uma jornada de Gabriela. Inicialmente, ela e sua mãe pensaram que seria muito difícil se ela se transferisse de sua escola antiga, na área norte, para uma escola nova particular.

Segundo ela, todos no City Petrópolis tinham um contexto parecido, ou estavam trabalhando em fábricas ou em bancas. Se não fosse isso, estavam trabalhando em qualquer outro setor, mas sempre trabalhando. Sua intenção em fazer essa reflexão, era explicar que as escolas daquele bairro possuíam uma cultura, uma forma de encarar os estudos que era diferente.

Tendo isso, elas decidiram que seria melhor que ela se transferisse para uma escola na área central e posteriormente para a escola particular, assim, nas escolas nas quais o ensino é considerado um pouco melhor, como nas escolas do centro, ela conseguiria, posteriormente, se adaptar melhor ao ensino particular. E assim se sucedeu, se transferindo para a E. E. Profº David Carneiro Ewbank (CEDE).

Então, quando mudei para o CEDE, senti essa diferença, até mesmo a condição financeira, com pessoas que moraram ali perto, os professores, era tudo diferente. No Orlik tínhamos muita falta de professores, o que era diferente no CEDE. Nesse período eu morava com a minha avó, meu avô havia falecido então fui morar com ela. Minha mãe foi para o comércio, nesse período ela teve a ideia de fazer faculdade, começou a ver as mulheres que iam comprar na loja em que ela trabalhava, ela sempre teve vontade de ser professora e muitas professoras frequentavam a loja.

Explicou que seria muito complicado sair da escola Orlik e ir direto para o Instituto Samaritano de Ensino. Não seria fácil, pois a escola era muito julgada por ser uma escola de periferia e ter muitos problemas estruturais e sociais, então não seria interessante dizer que ela era advinda de lá. Ela acredita que teria voltado para a escola Orlik, caso tivesse optado por ir direto para escola a escola particular. Eram universos muito diferentes.

Quando passou para a escola CEDE, sentiu muita diferença, somente por ser uma escola central. Não faltavam professores, a escola tinha todas as carteiras, ventiladores e tinha uma estrutura física boa. Também possuía um ensino melhor, com mais materiais a disposição, biblioteca e, os professores estavam muito mais interados nos conteúdos. Era completamente diferente da escola anterior.

Mas quando recebeu a bolsa para estudar na escola Samaritano, essa diferença pareceu ser imensamente maior. Lá os alunos tinham famílias com advogados, médicos e com profissões valorizadas. Eles falavam inglês, espanhol, faziam cursos em horários alternativos. Eles iam ao shopping, aos jogos de basquete da cidade, faziam viagens para fora da cidade e até para fora do país. Isso não tinha nada em comum com o universo vivido por ela.

Eu sempre trabalhei, fazia free-lance no final de semana, em buffet de festa infantil, em loja, em vários lugares. Desde pequena eu e minha mãe fizemos muita coisa, mesmo quando ela era do lar, que eu me esqueci de falar, ela trabalhava. Eu e ela, já vendemos calcinha, ela já foi manicure, já teve salão, assim, nós nos mantivemos assim. Meu pai levava comida, mas para outras coisas nós comprávamos.

Nunca soube nome de barzinhos, não frequentava o shopping da cidade. Contou que a cultura da sua família era sair pelo bairro. Ir a locais simples e com preços acessíveis. Ela sempre gostou de basquete, mas somente descobriu e conseguiu ir aos jogos depois que começou a ser mais independente. Antes, nem sabia como entrar no ginásio de basquete da cidade, mas sempre ouvia os alunos do Samaritano comentando.

Minha família não tinha costume de ir ao shopping, não era da nossa cultura. Se meu pai fosse ao shopping, iria morrer! Nossa cultura era ir ao espetinho no final de semana. Eu descobri tudo isso somente na adolescência, quando muda seu corpo, suas ideias, a responsabilidade em ajudar em casa, embora nunca tivesse uma quantia exata em casa, mas eu tinha que ajudar.

Como ela explicou, seus pais se separaram quando ela ainda era criança. E sua mãe a criou a sozinha junto com seu irmão mais novo. Apesar de ter um amparo de seu pai, sua mãe teve que trabalhar, cuidava dos afazeres domésticos e, por uma época, ainda fazia faculdade. Tudo isso criando dois filhos.

Lembra que quando era adolescente, e começou a sair, sentiu a diferença desses lugares que conseguia frequentar ou não. Nesse período, no Ensino Médio, ela convivia com pessoas com uma classe social muito diferente da sua, não havia como ela não se comparar a

eles. Não conseguia desassociar essas oportunidades, não compreendia o porquê de não ter acesso a determinados lugares ou não poder consumir algumas coisas materiais.

Você é jovem de acordo com sua classe social. Depois que mudei de escola tive noção disso, qual era a juventude na qual eu me encaixava, no meu bairro a gente fazia tudo ali, a igreja era ali, tudo era ali, na periferia da cidade é muito difícil você sair de lá, então você não tem contato com outras realidades. Mas quase todo mundo tinha que trabalhar e ajudar em casa, isso era ser adolescente. Enquanto muitos pensavam somente em estudos e lazer, os outros tinham que trabalhar para ajudar em casa, ajudar sua família. Muitas mães solteiras. Quem estava vivendo essa juventude, esse privilégio de poder pensar no seu futuro, em qual faculdade fazer, eram os jovens das escolas particulares. Eu nem sabia da existência de universidades públicas, não sabia que a UNESP Franca existia.

Antes de entrar em uma escola privada, não sabia o que era universidade pública. Nem ao menos imaginava que existia uma faculdade pública em Franca-SP. Quando se transferiu de escola, percebeu que há muito tempo, os jovens que estavam naquela escola, se preparavam para o vestibular. Ela mal sabia o que era vestibular. Sua mãe, quando cursou a faculdade, havia feito uma universidade particular à distância, então, era isso que ela conhecia como Ensino Superior.

Quando passei na UNESP, meu pai até me perguntava: “filha, mas essa faculdade é de graça mesmo, você não tem que pagar nada?”. Porque as pessoas mais simples de Franca, ocupando os cargos nas fábricas e nas bancas não sabem dessa possibilidade, não é uma coisa cultural.

Quando cheguei à escola particular, eu via os alunos discutindo política, eu pensava “de onde eles tiram isso?”, mas é uma questão cultural, enquanto os pais deles abriam os jornais e discutia isso, meu pai via “Balanço geral” vendo tragédia, então é bem diferente.

Mas antes de conseguir passar no vestibular, ela precisou de outros suportes. Assim resolveu se inscrever para o processo seletivo do S.E.U.. Começou a frequentar as aulas, sua rotina durante a semana era apenas estudar. No período da manhã e da tarde ela ficava fazendo as atividades da escola e a noite frequentava o cursinho. Aos finais de semana, para complementar a renda da casa, ela trabalhava em alguns serviços informais pela cidade.

Eu pegava ônibus, às vezes meu pai me buscava. Eu pensava que no cursinho, como comentava com uma amiga “tem gente como a gente”, que queria algo a mais, mas que não tinha condições financeiras e etc. Se eu tivesse que pagar um cursinho, eu não teria como fazer, então todo mundo tinha um contexto parecido. Os professores, o trabalho voluntário, então tudo diferente. Como eu entrei no cursinho quando estava na escola, quando

comecei a frequentar percebi uma diferença, na particular era uma competição, no cursinho não, estávamos juntos. A gente sempre repetia que o cursinho era resistência, que ocupar a universidade era resistência.

Um ponto muito importante para ela foi quando se reconheceu como negra. Não tinha conhecimento sobre movimentos sociais ao longo de sua trajetória. O pessoal do seu bairro, era em sua maioria negra, nas escolas públicas eles estavam presentes, também nas bancas de pesponto, nas fábricas e etc. Mas ela nunca havia se reconhecido como negra. Essa leitura partiu do acesso a essa discussão, sobretudo a sua participação do movimento negro na faculdade. Mas somente quando conseguiu chegar até esses locais conseguiu enxergar essas questões.

Antes ela alisava os cabelos, negava suas origens, se acha diferente das meninas da escola. Não se aceitava e não tinha entendimento sobre o que era ser uma mulher negra. Isso partiu de sua entrada no S.E.U., nesse reconhecimento entre pares, nas discussões propostas. Conseguiu se entender como negra e hoje luta por essa questão. Faz teatro, participa ativamente de movimentos sociais afins.

Eu não me lia como negra, aprendi depois, meu pai nunca se considerou negro, porque ser negro era considerado uma coisa ruim. Entendi depois, todas as questões, me identificando como uma mulher negra, com pele mais clara e etc..

No cursinho tive contato com pessoas que vieram do mesmo contexto que eu, você, por exemplo, isso dava uma força para gente ir, como pessoas de Franca e etc. Então o cursinho abriu muitas possibilidades, eu chegava muito animada no cursinho, para as rodas de discussão, foi no cursinho que tive contato de fato com a universidade, como era uma permanência estudantil. Porque até então, todos iriam para outras cidades estudar, mas como? No cursinho tive noção, apesar de poucas bolsas, ainda existia a permanência estudantil.

Sua entrada na universidade também se permeou de muitas dúvidas e inseguranças. Primeiramente porque, segundo ela, a UNESP e a cidade estão muito distantes de si. Não é novidade que seu pai não sabia o que era uma universidade pública, por exemplo, mas isso não era um fato isolado. Muitas famílias francanas como a sua, também não sabiam. Ela explicou que não viu seus amigos da escola Orlik frequentando os cursos, ou participando das atividades da faculdade. É como se universidade não fosse feita para eles.

Mas somente depois disso eu entendi, trabalhei por dois anos no cursinho, como coordenadora e, hoje trabalho no comércio. Mas é o que o cursinho sempre falava, estar na universidade é resistir, eu passei por muitas coisas, o

falecimento do meu pai, o trabalho, então senti muita dificuldade em estar presente na faculdade, em discutir o conteúdo. A universidade não contempla o aluno trabalhador, os eventos, as discussões.

Ao fim, o que é importante a ela foi o processo de identidade. De poder conhecer a si mesma, e o S.E.U. teve esse papel. Hoje seus cabelos são naturais, e lembra que essa transição começou no período em que estava no cursinho. Parece simples, mas não é. Assumir-se para sim, de não temer ser reconhecido e acima de tudo se reconhecer como uma jovem negra.

A metáfora a de mudança em relação aos seus cabelos parte de mudanças muito mais profundas, em um sentido pessoal, de entender a liberdade de poder se reconhecer.

APÊNDICE F

OS ESPAÇOS ACOLHEDORES: O SILÊNCIO DE QUEM TEM MUITO A DIZER

Geovane Oliveira Bianque⁸⁰

Geovane tem 21 anos, nasceu em Franca-SP. É filho de uma funcionária técnica da UNESP de Franca e cursa Serviço Social na mesma universidade. Faz estágio administrativo e ganha uma ajuda de custo para fazer o trabalho. Considera-se como trabalhador, explicou que uma professora ao se referir a ele, mencionou que seu estágio poderia ser considerado como um trabalho precarizado. Enfim, ele se considerava um trabalhador, era sua forma de poder seguir os estudos e ter uma pequena renda em sua área.

Ele foi aluno do S.E.U. e estudava no período da manhã. Geovane é bem introspectivo, se expressa com poucas palavras. Ele explicou, desde o início, que o significado afetivo no espaço do cursinho havia sido o elemento mais importante em sua passagem. Lembro dele em seu ano inicial do cursinho, sentava-se sempre aos cantos das salas e conversava com poucos alunos. Era um aluno participativo, falava pouco em locais públicos, mas estava sempre presente em reuniões, eventos e atividades do S.E.U.. Também sempre teve opiniões formadas e quando necessário as expunha.

Não gostava de lembrar algumas coisas. O exercício da memória para ele em alguns momentos era melhor ser evitado e assim prosseguiu na construção de sua narrativa. Seus pais são funcionários públicos. O pai é policial civil, quase aposentado. A mãe trabalha na gráfica da UNESP, ela também está quase se aposentando.

Sua mãe é a Alcione, da gráfica. Eu tenho essa memória de recebê-la nas inscrições, dela me explicar que era funcionária da UNESP, mas que não tinha condições de pagar um cursinho. Perguntou-me se isso o prejudicaria, pois ela não queria que isso ocorresse. Todas as impressões do processo seletivo do S.E.U., ela quem organizava na gráfica. Conheceu o cursinho pelo manual que ela mesma imprimiu.

Voltando a história narrada por Geovane, ele explicou que foi uma criança muito sozinha. Sem muitas companhias, sem amigos. Sempre muito calado. Quando era criança, ficava com a sua avó, enquanto seus pais trabalhavam.

⁸⁰ Narrativa concedida à autora por OLIVEIRA, Geovane Bianque. Franca-SP, 2018.

Eu ficava com a minha avó na minha infância. Meus pais moravam em uma edícula no fundo e minha avó morava na frente, então eu ficava com ela. Ela era sapateira e aposentada. Então ela tinha uma banca em casa e fazia alguns trabalhos. Como a via trabalhando, às vezes ajudava a tirar cola, alguma coisa assim... Mas não considero isso como um trabalho. Criança, como não tinha nada para fazer, eu a vendo trabalhar, pegava alguma coisa e começava a ajudar. Era mais ou menos essa relação. Até por que a banca era pequena, ela tinha pouco trabalho. Era quase uma atividade para passar o tempo.

Não se lembra exatamente dessa parte. Ajudava sua avó, não se recordava se ela havia trabalhado no setor calçadista antes. Não era muito serviço, ela não trabalhava sempre, era um bico, um complemento à renda. Ele era uma criança muito fantasiosa, sempre brincava que estava trabalhando. Não tinha muitas outras perspectivas, além disso. Brincou que queria ser bem sucedido, que sempre se imaginou assim, mas nunca realmente entendeu o que era ser bem sucedido. Mas queria ser.

Eu imaginava várias coisas... Às vezes me via como um empresário muito bem-sucedido, dono de várias empresas, com vários carros. Ao mesmo tempo eu era professor, por que eu gostava dessa profissão. Eu estudava escrevendo na parede. Outras vezes brincava de caixa de supermercado. Geralmente todas as minhas brincadeiras eram sempre voltadas para o trabalho.

Seus pais nunca quiserem que ele trabalhasse. Mesmo com dificuldades, eles não fizeram de tudo para que ele não precisasse trabalhar enquanto tivesse que estudar. E assim se sucedeu, ele foi trabalhar somente depois que terminou o último ano do Ensino Médio. Entrou em uma empresa de telemarketing, ficou três meses até a empresa fechar. Ele não era registrado. Nunca pensou na possibilidade do setor calçadista, acredita que pela visão dos seus pais em relação a isso. Descreveu como um privilégio.

Eu estudava de manhã no EETC⁸¹ e a tarde eu fazia o curso técnico de Administração na Industrial⁸². Mesmo passando o Ensino Médio apenas estudando, quando me formei não consegui emprego. Esse foi o ponto forte da minha vida. Desde antes disso eu não consigo falar abertamente da minha infância.

Depois que ele terminou o Ensino Médio, entrou na universidade, na Unifran (Universidade de Franca)⁸³. Não tinha perspectiva de que curso queria fazer, mas ao mesmo

⁸¹ Escola Estadual Prof^o Torquato Caleiro.

⁸² Etec Dr Júlio Cardoso – Centro Paulo Souza.

⁸³ Universidade de Franca (Unifran) é uma universidade particular da cidade de Franca-SP, atualmente ligada ao grupo Cruzeiro do Sul. Disponível em: < <https://www.unifran.edu.br/> > Acesso: 10 de abr. 2018.

tempo era uma pressão muito grande ao ver seus colegas se matriculando e entrando na faculdade. Até então, ele não conhecia a universidade pública e nem sabia o que era.

Sabia que havia uma universidade pública na cidade por que sua mãe trabalhava nela, mas que ele poderia estar nela como aluno, não. Sempre foi o filho da funcionária. Foi cursar na o curso de Publicidade e Propaganda na Unifran e ficou por um semestre.

Vendo minha mãe apertada para pagar a mensalidade, me sentia incomodado, então decidi largar a faculdade e ir embora pra São Paulo. Aí foi onde eu tive meu primeiro emprego como operador de telemarketing e descobri o Serviço Social.

Foi algo que aconteceu muito rápido. Durante a época de eleição participei de uma ocupação na USP (Universidade de São Paulo), onde encontrei com estudantes de Ciências Sociais. Conversando sobre política, aos poucos fui tendo contato com a área. Aí lembrei que em Franca havia um curso de Serviço Social e decidi voltar por impulso. O término do meu namoro também contribuiu para eu deixar a cidade, com o psicológico abalado e com sentimento de frustração, mas pensando na faculdade. Por que, quando fui pra São Paulo, minha intenção era me dar bem na vida, mas eu só trabalhava pra pagar aluguel e sobreviver. Foi um período de crescimento pessoal.

O desemprego foi à fase que mais se vinculou com sua frustração pessoal e com sentimentos ruins. Não entendia o que deveria fazer e como proceder. Ele explicou que precisou sair de Franca-SP por dois motivos: o primeiro, porque não achava emprego que não fosse dentro do nicho calçadista e o segundo, porque a cidade era muito “*fechada*”. Por fechada, se referia ao conservadorismo e a dificuldade em se sentir aceito na cidade. Geovane é um jovem homossexual e, com a cultura da cidade, era impossível ficar no local.

Sentia-se fora dos padrões considerados normativos para cidade. Por isso, enxergava que o espaço não era para ele, não gostava de ficar ali. Posteriormente, explicou que essa visão foi modificada e que, como jovem que mora na cidade atualmente, se sentia bem. Mas é uma cidade pequena, do interior. As coisas são diferentes.

Sentia-me muito impotente em morar numa cidade pequena e por não ser heterossexual. Sentia-me fora dos padrões, por isso via que Franca não era para mim. Hoje penso um pouco diferente, já gosto da cidade, por mais difícil que seja minha relação com ela, tenho um carinho especial por aqui.

São Paulo era uma oportunidade. Uma busca por um bem estar, um acolhimento. Uma fuga da realidade que até então havia presenciado. Contudo, essa jornada traçada por ele na cidade grande não saiu como o planejado. Seus planos não deram certos, ele teve que desistir de tentar se adaptar ao local e voltou a Franca-SP.

Desistir dos sonhos e encarar novamente uma realidade que não parecia boa. Essa foi à descrição explicada por ele, teve que colocar em sua mala todos os seus sonhos de viver fora da cidade e voltar. Não havia possibilidades de viver em um local como São Paulo, sobretudo em relação aos fatores financeiros. Foi um período muito difícil e seria bem mais, se ele não tivesse se matriculado no S.E.U.. Apesar de ter participado do processo seletivo do cursinho, ele não fez sua matrícula no início do ano letivo, pois foi nesse ano em que havia se aventurado em São Paulo. Sem perspectivas, voltou e foi se informar da possibilidade de ficar em uma lista de espera, e assim, no início do segundo semestre letivo, ele conseguiu se matricular.

Quando eu entrei no cursinho tinha acabado de voltar de São Paulo. Foi um período bem complexo na minha vida por que eu tinha acabado de deixar meus sonhos de lado, estava frustrado e abalado psicologicamente. Então eu coloquei meu nome na lista de espera do cursinho e por volta de agosto me ligaram e eu fui. Por já ter perdido muito conteúdo e faltando poucos meses para os vestibulares, o cursinho foi mais um amparo psicológico nesse momento. Ali eu fiz grandes amizades que me acompanham até hoje e comecei a ter uma nova perspectiva de vida. O cursinho abriu minha visão para perceber que eu tinha chance de fazer minhas coisas acontecerem de novo e que não havia motivo para me sentir fracassado.

Sentir-se acolhido, com pessoas tão diferentes, mas tão semelhantes também. A maioria dos alunos também era trabalhadora, não tinham condições de pagar por um curso universitário, ou por um cursinho pré-vestibular particular. Quando crianças eles também viveram situações parecidas, alguns também se sentiam frustrados e estavam em período de inconstantes crises emocionais.

Parecia ruim encontrar pessoas com problemas parecidos, mas não era. Foi uma oportunidade de não se sentir sozinho, pela primeira vez. O S.E.U. foi fundamental para construir um círculo afetivo, de acolhimento e reconhecimento. Ser um jovem negro e homossexual, ali, naquele espaço, não era um problema.

O cursinho abriu os meus olhos na questão da educação em si. A educação que eu tive, sempre estudando em escola pública, foi totalmente verticalizada, aonde os alunos não têm espaço de fala e a maioria não está interessada em estudar. São forçados a estudar, sempre pensando no trabalho. Diferente da educação que o cursinho proporciona, trabalhando numa perspectiva mais ampla e emancipatória.

Geovane explicou que assim conseguiu enxergar que poderia ter a chance de adentrar na universidade, se inscreveu para o vestibular do curso que sempre quis. O curso era o Serviço Social, na própria UNESP Franca, onde sua mãe trabalhou durante todos esses anos.

Ser aluno de lá e entrar como um estudante universitário e não somente como um filho de funcionário, era diferente. Conseguiu ser aprovado no vestibular e no ano seguinte se matriculou na universidade.

Mas nem tudo foi acolhedor como o S.E.U.. Ele recorda que sabia como era a UNESP, além de presenciá-la por meio de sua mãe, também teve a oportunidade de contato com discentes da universidade que trabalhavam no S.E.U.. Mas logo de início, em seus primeiros anos, percebeu um enorme distanciamento da cidade e da faculdade.

É estranho por que a maioria dos alunos daqui não é de Franca. Então quando entrei não me sentia parte desse ambiente. Estar nesse ambiente como aluno e não mais como filho da funcionária foi algo que me tocou bastante. Na minha família eu fui a primeira pessoa a entrar numa universidade pública. Eu percebo o estranhamento das pessoas quando falo que minha mãe trabalha na UNESP e eu estudo na UNESP. Há uma identidade nos cursos. Geralmente quem é de Franca faz Serviço Social ou História, que são os cursos mais precarizados e menos elitistas. A maioria das pessoas dessas classes nem sabem que existe uma faculdade pública aqui e que podem fazer parte dela. Por isso a maioria dos estudantes acaba sendo de outras cidades. No diurno, por exemplo, a maioria das pessoas não é de Franca e geralmente não trabalham, diferente do noturno, que os alunos trabalham de dia e são de Franca. Nesse ponto isso é bem expressivo.

A universidade não era igual o cursinho, mas ele sabia disso desde o início. Não iria ser fácil se dedicar somente aos estudos quando se tem uma necessidade de trabalhar. Ou quando simplesmente sua cultura e vivência não parecem ser iguais as das pessoas que ocupam o lugar. Mas se manteve firme dessa vez, admira sua futura profissão, ser um futuro assistente social é caber dentro dos seus sonhos.

Geovane também voltou ao cursinho como membro em seus primeiros anos de universidade. Possuía um sentimento de gratidão pelo S.E.U., queria que outras pessoas também se sentissem acolhidas como ele foi. Essa ligação era basicamente sentimental e ele assumia esse princípio. Seus melhores amigos foram conhecidos ali, sua oportunidade de vida parecia real naquele momento. Longe de encarar essa situação como uma superação ou como motivacional, ele a define como amorosa, afetiva e afável.

A narrativa de Geovane, assim como de muitos outros estudantes do S.E.U. se situa em um ponto de afeto. Como ele explicou, ter acesso aos conteúdos do vestibular foi algo de grande importância em sua aprovação na universidade. Mas se fosse para responder uma só característica importante em sua participação do S.E.U. como aluno, ele responderia que foi o local, no qual, pela primeira vez, se sentiu bem recebido.

Não que o objetivo final, no caso a aprovação nos vestibulares, seja menos importante que isso, mas seria impossível dissociá-lo desse sentimento amoroso. Ele enxerga que a educação talvez seja isso, que para um movimento de transformação seja eficaz, antes de tudo, seja necessário acolher as pessoas. Ele carrega isso como um futuro profissional. No fim, Geovane só queria se sentir protegido, aliás, queria apenas ser respeitado por suas escolhas.

Sentir-se sozinho e desprotegido, podem ser características das opressões que podem ser vividas pelos indivíduos na sociedade. Ter uma orientação sexual considerada não normal no contexto da cidade pode provocar sentimentos de isolamento e frustração. Geovane não se sentia “errado” no S.E.U., e ele não queria nada, além disso. Só queria se sentir bem. E, no fim, ele nunca esteve errado por procurar isso em outros locais. Queria o mínimo, ser respeitado e, como ele mesmo explicou, ele não deveria ter que lutar por isso. Mas segue lutando.